

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

PAULO SÉRGIO OSÓRIO

CUIDANDO DOS BEM-NASCIDOS:

**O Curso Particular Póvoas Carneiro e a escolarização das elites no
Contexto de Urbanização e Modernização de Criciúma/SC (1940-
1962)**

CRICIÚMA, MARÇO DE 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PAULO SÉRGIO OSÓRIO

CUIDANDO DOS BEM-NASCIDOS:

**O Curso Particular Póvoas Carneiro e a escolarização das elites no
Contexto de Urbanização e Modernização de Criciúma/SC (1940-
1962)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense, para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Dr. Vidalcir Ortigara.

CRICIÚMA, MARÇO DE 2008.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CUIDANDO DOS BEM-NASCIDOS:
O Curso Particular Póvoas Carneiro e a escolarização das elites no
Contexto de Urbanização e Modernização de Criciúma/SC (1940-
1962)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense, para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Dr. Vidalcir Ortigara.

Criciúma, 04 de março de 2008.

Banca Examinadora

Prof. Vidalcir Ortigara – Doutor – (Unesc) – Orientador

Profa. Maria Teresa Santos Cunha – Doutora – (Udesc)

Prof. Dorval do Nascimento – Doutor – (Unesc)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

O83c Osório, Paulo Sérgio.

Cuidando dos bem-nascidos: o curso particular Póvoas Carneiro e a escolarização das elites no contexto de urbanização e modernização de Criciúma/SC (1940-1962) / Paulo Sérgio Osório; orientação: Vidalcir Ortigara. -- Criciúma: Ed. do autor, 2008.

133f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.

1. Educação – História – Criciúma(SC). 2. Escolas particulares – Ensino primário - História. I. Escola Curso Particular Póvoas Carneiro. II. Título.

CDD. 21ª ed. 370.98164

Bibliotecária: Flávia Caroline Cardoso – CRB 14/840

Biblioteca Central Prof. Eurico Back – UNESC

**“CUIDANDO DOS BEM-NASCIDOS: O CURSO PARTICULAR
POVOAS CARNEIRO E A ESCOLARIZAÇÃO DAS ELITES NO
CONTEXTO DE URBANIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DE
CRICIÚMA/SC (1940 – 1960)**

Dissertação submetida ao programa de Pós-
Graduação em Educação em cumprimento parcial
Para a obtenção do título de Mestre em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM 04/03/2008:



Dr VIDALCIR ORTIGARA (Orientador – UNESC)




Drª MARIA TEREZA SANTOS CUNHA (Examinador Externo – UDESC)




Dr DORVAL NASCIMENTO (Membro – UNESC)



Drª JANINE MOREIRA (Suplente - UNESC)



Prof. Dr. Ademir Damazio
Coordenador PPGE-UNESC



Paulo Sérgio Osório
Mestrando

Criciúma, Santa Catarina, março de 2008.

FUCRI - FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE CRICIÚMA (mantenedora)

Aos meus algozes.

(...)

Todo mundo ama um dia

Todo mundo chora

Um dia a gente chega

Um outro vai embora

Cada um de nós compõe a sua história

E cada ser em si carrega o dom de ser capaz

De ser feliz...

(Renato Teixeira – Tocando em Frente)

AGRADECIMENTOS

Todo o processo de pesquisa e escrita desta dissertação foi, para mim, ao mesmo tempo, muito prazeroso e difícil. Por isso faço questão de lembrar algumas pessoas que contribuíram enormemente para que eu pudesse concluí-la. Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais por terem me presenteado com a vida e ensinamentos que vão além, muito além da academia. Patrício e Zoleide ensinaram-me a lutar, a ser justo e a respeitar as pessoas, sem fazer qualquer tipo de distinção. Agradeço, também, à família que constituí e que me dá alegria e satisfação – Fernanda, Mariana e Ícaro. Agradeço por terem permitido e dado todo o apoio necessário, além de terem suportado minhas freqüentes ausências.

Em especial, quero dirigir meus agradecimentos ao meu orientador, professor Vidalcir Ortigara. A ele agradeço por todo empenho, dedicação, competência e coragem de ter aceitado o desafio de assumir uma orientação na metade do processo. Ao mesmo tempo, gostaria de lembrar e agradecer a todos os professores, professoras e secretaria do PPGE/Unesc.

Não poderia deixar de agradecer a todos os meus amigos do Curso de História da Unesc pelo incentivo, apoio e contribuições. Em especial, aos amigos Zanelatto, Miranda, Lili, Carola, Débora e Dorval. Na Unesc, gostaria ainda de agradecer aos meus colegas mestrandos pela amizade e companheirismo. Sei o quanto aprendi com muitos deles.

Faço um agradecimento especial à professora Zulcema e aos ex-alunos, ex-professoras e pais de alunos do curso particular Póvoas Carneiro por terem contribuído para a realização de minha pesquisa através de depoimentos e disponibilização de seus registros particulares. Sem eles, minha pesquisa tornar-se-ia inviável. Agradeço com carinho a Rosinha pela amizade, pela força e por seu acervo, que me foi extremamente importante. Também a Gi pelo carinho e contribuições.

Enfim, a pesquisa possibilitou com que eu descobrisse a legião de bons e verdadeiros amigos com os quais posso contar sempre.

RESUMO

Estudo sobre a gênese e o desenvolvimento da escola primária Curso Particular Póvoas Carneiro em Criciúma entre 1940 e 1962 no contexto de urbanização e modernização da cidade e sua importância no processo de escolarização de um determinado grupo social, formado por filhos de industriais, de comerciantes, de proprietários de terras e daqueles profissionais que compunham a emergente classe média urbana da cidade. A pesquisa procurou verificar o contexto sócio-político-econômico que produziu as condições necessárias à criação e à implantação da escola primária particular, bem como a relação existente entre a proposição de criação da escola por parte da professora Zulcema Póvoas Carneiro e o contexto da época. Procurou ainda, compreender como se deu o processo de desenvolvimento da escola a partir de sua criação e instalação, em relação ao contexto sócio-político-econômico, a partir da manifestação de seus agentes: a professora Zulcema, as professoras da escola e alunos e pais, e explicitar qual o modelo de educação/formação escolarizada que foi posto em prática pela escola e sua relação com as políticas de modernização e nacionalização colocadas em prática pelos governos federal e estadual. Para tanto, o estudo se desenvolveu a partir de uma pesquisa bibliográfica, documental e biográfica que possibilitou o uso de fontes orais, por meio de entrevistas semi-estruturadas. Assim, a pesquisa apontou a necessidade da existência da escola como resultado do processo desencadeado em Criciúma referente ao crescente desenvolvimento econômico e as conseqüentes transformações na vida política, econômica e social, com a formação de uma classe social que, a partir de então, assume a direção e o controle político-econômico da cidade.

Palavras-chave: Curso Particular Póvoas Carneiro, Educação-Modernização, Educação-Urbanização, Educação-Classe Social.

ABSTRACT

Study on the genesis and development of primary school Póvoa Carneiro Private Course at Invercargill between 1940 and 1962 in the context of urbanization and modernization of the city and its importance in the process of schooling in a particular social group, formed by children of industrialists, traders, from landowners and those professionals who composed the emerging urban middle class in the city. The survey sought to determine the socio-politico-economic that produced the necessary conditions for the establishment and deployment of primary school especially, as well as the relationship between the proposal of setting up the school by the teacher Zulcema Póvoa Carneiro and context of the time. Tried yet, understand how it gave the process of developing the school from its creation and installation, in relation to the socio-political-economical, from the expression of his agents: the Zulcema teacher, the school's teachers and students and parents, and explain what type of education / training schooling which was established by the school and its relation to the policies of modernization and nationalization put into practice by federal and state governments. To that end, the study was developed from a literature search, and biographical documentary that allowed the use of oral sources, through semi-structured. Thus, the survey pointed to the need of school as a result of proceedings initiated in Invercargill referring to the growing economic development and the consequent changes in political life, economic and social, with the formation of a social class that from then takes the direction and political-economic control of the city.

Key words: Private Course Póvoa Carneiro, Education, Modernization, Education, Urbanization, Education, Social Class.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Vista panorâmica da área central da cidade de Criciúma no final da década de 1940.....40
- Figura 2 - Vista panorâmica da área central da cidade de Criciúma na primeira metade da década de 1940. No detalhe, podemos observar a casa e escola da professora Zulcema. No lado esquerdo, o espaço da Praça do Congresso.58
- Figura 3 - As notas de honra eram entregues aos alunos que alcançassem o primeiro lugar na turma, e as menções honrosas, aos que chegassem em segundo e terceiro lugar, respectivamente.80
- Figura 4 - Festa realizada no ano de 1955 em uma das salas de aula do Póvoas Carneiro, para comemorar o aniversário da professora Zulcema.97
- Figura 5 - Desfile cívico de Sete de Setembro de 1955, realizado em torno da Praça Nereu Ramos. 100
- Figura 6 - Ex-aluno Antônio Adalberto Canarin, montado no cavalo cedido pela CBCA e devidamente vestido a caráter para o desfile cívico de Sete de Setembro de 1955. 101
- Figura 7 - As fotografias acima mostram grupos de alunos do “Póvoas Carneiro” devidamente vestidos com os uniformes de uso diário. 105
- Figura 8 - As professoras da escola devidamente uniformizadas na escadaria que dava acesso às salas de aula situadas no piso superior do Póvoas Carneiro. 107
- Figura 9 - Professora Zulcema e seus alunos, no ano de 1957, em traje de gala para a inauguração do aeroporto municipal de Criciúma. 108

SUMÁRIO

1 INICIANDO O PERCURSO: LOCALIZAÇÃO DO PROBLEMA E ASPECTOS METODOLÓGICOS	12
1.1 Localizando o Problema	12
1.2 Percursos Metodológicos	18
2 O CONTEXTO DE MODERNIZAÇÃO DA CIDADE E A CONSTITUIÇÃO DE SUA CLASSE MÉDIA URBANA	25
2.1 O “Boom” do Carvão Nacional – Contextos Interno e Externo	25
2.2 O Carvão, os Forasteiros e a Formação da Classe Média Urbana	30
2.3 O Carvão, os Forasteiros e a Modernização da Cidade.....	33
3 MEMÓRIAS DO CURSO PARTICULAR PÓVOAS CARNEIRO	43
3.1 De Florianópolis a Criciúma: breve biografia da professora Zulcema Póvoas Carneiro.....	45
3.2 A Criação da Escola no Contexto de Modernização da Cidade	53
3.3 O Póvoas Carneiro e as políticas para a educação	61
4 PRÁTICAS E SABERES ESCOLARES: A PERCEPÇÃO DE CLASSE	67
4.1 Disciplina, Castigos e Promoções: reproduzindo a sociedade	67
4.2 Brinquedos e Brincadeiras: a presença da classe.....	81
4.3 Dias de Festa: as comemorações dentro e fora da escola	96
4.4 O uso de uniformes: distinção e visibilidade.....	103
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	113
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	115
ANEXOS	117

1 INICIANDO O PERCURSO: LOCALIZAÇÃO DO PROBLEMA E ASPECTOS METODOLÓGICOS

Iniciamos o trabalho de localização do problema e justificativa dessa pesquisa, ressaltando que, até o presente momento, não há nenhuma produção teórico-acadêmica sobre a primeira escola primária particular de Criciúma¹. A escola Curso Particular Póvoas Carneiro mantém-se presente e viva somente na memória de algumas pessoas que pertencem à geração escolar dos anos 1940 e 1950 ou que, de um modo ou de outro, estiveram envolvidos com a cidade de Criciúma naquele período.

Consideramos que a tomada de conhecimento acerca da existência da referida escola e a possibilidade de seu estudo de forma sistemática foram, para nós, uma importante (re)descoberta, pois consiste em um aspecto relevante da história da educação escolarizada de Criciúma, em uma época de efervescência econômica, social e política.

Nesse sentido, procuraremos apresentar, neste capítulo, as razões que motivaram a realização da referida pesquisa, bem como sua relevância do ponto de vista acadêmico.

¹ Criciúma fica situada na região carbonífera do Extremo Sul de Santa Catarina, distante 200 km da capital e conta, atualmente, com aproximadamente 190.000 habitantes. A cidade teve seu processo de colonização iniciado em 1880 e conquistou sua emancipação política no ano de 1925.

1.1 Localizando o Problema

O estudo acadêmico sobre a escola primária particular Póvoas Carneiro tornou-se possível depois que duas alunas² da disciplina de história da educação do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc, ministrada pela professora Marli de Oliveira Costa³, no primeiro semestre de 2005, ao desenvolverem uma atividade proposta pelo programa da disciplina, que consistia na realização de entrevistas com antigas(os) professoras(es), acabaram por localizar a professora Zulcema Póvoas Carneiro⁴, que relatou sua experiência como normalista, professora, diretora, inspetora e, também, proprietária da primeira escola primária particular de Criciúma.

Naquela ocasião, a descoberta por meio da memória da professora Zulcema – trazendo à tona lembranças acerca da existência da escola, que encerrara suas atividades havia mais de 40 anos – fez o tema chegar até nós, e hoje instiga e possibilita o estudo do seu surgimento no contexto do desenvolvimento econômico e social da cidade dentro do recorte temporal específico de funcionamento da referida escola, isto é, 1940 a 1960.

A partir da década de 1940, a cidade de Criciúma passou por um processo de transformação bastante intenso, vivenciando um rápido e forte crescimento econômico e populacional, promovido, principalmente, pelo aumento da atividade de extração do carvão exercida no município.

De acordo com dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Criciúma em 1950 praticamente dobrou em relação à sua população no ano de 1940. Nessa época acentuou-se, na cidade, o estabelecimento de empresas mineradoras que, por sua vez, passaram a formar o núcleo econômico e dirigente da cidade. No bojo desse crescimento, veio também uma quantidade significativa de pessoas oriundas de outros Estados da Federação, de outras cidades do Estado e, até mesmo, de localidades vizinhas. Eram pessoas

² As acadêmicas são: Edvânia Andrade Pagani Milioli e Nícia Tasso.

³ Marli de Oliveira Costa é professora nos cursos de Pedagogia e História da Unesc e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

⁴ A professora Zulcema Póvoas Carneiro formou-se normalista na cidade de Florianópolis no final de 1940 e, logo no início de 1941, veio para Criciúma como professora interina do Grupo Escolar Professor Lapagesse. Logo em seguida, começou a dar aulas particulares e criou a primeira escola primária particular da cidade, que funcionou com classes regulares até o ano de 1962.

que vinham para trabalhar como operários nas minas de carvão, para exercer funções técnico-administrativas, ou ainda, na condição de investidores na mineração e no comércio, compondo assim, grupos socialmente distintos.

Juntos (mineradores e a chamada classe média) formaram uma burguesia local que, de certa forma, importou e implementou na cidade os preceitos da dita “sociedade moderna burguesa”, colocando em curso um projeto de “modernização da cidade” a fim de fazer jus ao *status* assegurado pelo desenvolvimento econômico.

Essas transformações, por sua vez, demandariam uma educação diferenciada para essas mesmas elites locais, dentro de uma perspectiva que contemplasse os interesses da classe média.

Assim, como não há um descolamento das questões políticas e econômicas das questões educacionais, constatamos que, a partir de 1930, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, o capitalismo industrial intensificou-se, implicando novas demandas sociais de educação e, conseqüentemente, exigindo ações concretas do Estado para esse setor. Esse fato, segundo Romanelli (2007, p. 45-46), ligava-se ao aumento da densidade demográfica, à diminuição do isolamento social e à aceleração do processo de urbanização, proporcionados pela industrialização. A autora afirma que:

O sistema escolar entrou não só a sofrer as influências do contexto, como a refletir o aprofundamento das contradições entre os aspectos modernos assumidos pelo desenvolvimento e o ainda persistente arcaísmo de certas facções das elites dominantes e até de parte da estrutura socioeconômica que permanecia inalterada. Se, de um lado, o capitalismo industrial avançou a passos firmes, de outro, o latifúndio persistiu e, com ele, toda a gama de situações culturais e de valores próprios da aristocracia rural decadente e da ignorância das massas. (ROMANELLI, 2007, p. 61-62)

Assim, assegura a autora, no plano nacional no período de 1930 a 1960, podemos constatar o estabelecimento de três fases distintas e que servem de orientação para compreender os rumos e o entrelaçamento dos aspectos da política, da economia e da educação.

A primeira fase (1930 a 1937) é caracterizada, em seu aspecto político, pelos embates ideológicos em torno da definição da forma que o regime deveria assumir. No aspecto econômico, destaca-se a atuação do governo diante da crise gerada em 1929. A educação é marcada pelas reformas de Francisco Campos e os

embates entre “pioneiros”⁵ e conservadores. A segunda fase (Estado Novo – 1937 a 1942) é marcada pela instituição do regime totalitário. No entanto, é nesse período que se dá a implantação da indústria pesada e a participação do Estado como grande empreendedor industrial. No campo da educação é o período da decretação das Leis Orgânicas do Ensino. A escolarização passou a ser entendida com maior ênfase como fator de desenvolvimento, ainda que na prática ocorresse de forma inconsistente. A última fase, que interessa a esse estudo (1946 a 1961), estende-se da aprovação da Constituição de 1946, restabelecendo o regime democrático, até a aprovação da Lei 4.024/1961, fixando as diretrizes e bases da educação nacional.

Vale mencionar que, em Santa Catarina, o ensino privado não diferia do público no que diz respeito a concepção, conteúdo e método de aplicação. Desse modo, observamos que o Estado catarinense passou por três reformas importantes no período que cerca o objeto dessa pesquisa.

A primeira grande reforma do Ensino Público de Santa Catarina, que se refletiu também nas escolas particulares, foi iniciada em 1910, no governo de Vidal José de Oliveira Ramos Júnior, quando o Estado importou o modelo paulista de ensino, pautado na linha pedagógica norte-americana⁶ e o seguiu até aproximadamente 1940. Segundo Fiori (1991, p. 119), a política educacional implantada por Orestes Guimarães⁷ no governo de Vidal Ramos manter-se-ia até a década de 1940, mesmo passando por significativas mudanças como a Reforma Trindade, de 1935.

A segunda deu-se no ano de 1935, pelo professor Luiz Sanchez Bezerra da Trindade – Reforma Trindade, no governo do interventor federal Aristiliano

⁵ De acordo com Aranha (1996, p. 198) o Manifesto dos Pioneiros (1932) defendia uma educação obrigatória, pública, leiga e gratuita, como um dever do Estado e sob a forma de um programa nacional.

Dessa forma, colocava-se criticamente diante do sistema dual e reivindicava a escola básica única. Assim, o manifesto representava a tomada de consciência da defasagem entre a educação e as exigências do desenvolvimento.

⁶ Este modelo baseava-se no método intuitivo e seguia a sistemática de lições curtas e adequadas à idade, alternadas com cantos, marchas, exercícios ginásticos, trabalhos manuais de torno ou de modelagem. Procurava-se explorar a curiosidade natural da criança e dar-se, como ambiente de estudo, prédio e móveis adequados à sua idade e ao ensino. Para aprofundar a questão, ver: FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano.** Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1991.

⁷ Professor paulista contratado no Governo de Vidal Ramos, Orestes Guimarães foi o mentor da reforma do ensino público de Santa Catarina iniciada em 1911 que estabeleceu um sistema educacional baseado no modelo paulista que seguia a linha pedagógica norte-americana.

Ramos que, segundo a autora, não passou de uma redistribuição dos currículos escolares e uma remodelação da superestrutura educacional. Fiori (1991, p. 119) assinala que essa reforma “foi fruto do contexto político e educacional gerado pela revolução de 1930, endossando nova política de assimilação cultural mediante a ação da escola”.

É nesse contexto que surge em Santa Catarina a discussão em torno da Escola Nova que, por decreto, deveria ser posta em prática em todo o território a partir de 1944. Por fim, em 1946, no governo do interventor federal Udo Deeke, Santa Catarina presenciou a Reforma Elpídio Barbosa, que manteve as diretrizes traçadas por Orestes Guimarães, embora proporcionasse a adaptação necessária da legislação educacional do Estado, dentro do contexto de abertura, redemocratização e flexibilização colocadas em prática no País com a queda do Estado Novo.

Foi nesse contexto de efervescência política, econômica e social que surgiu em Criciúma a primeira escola primária particular. O Curso Particular Póvoas Carneiro foi criado no início da década de 1940, com a chegada à cidade da professora normalista recém-formada Zulcema Póvoas. Vinda da capital, trazendo consigo, além de idéias consideradas inovadoras para o *modus vivendi* na cidade, a capacidade de perceber a existência de um espaço favorável à implantação de uma escola primária que atendesse a uma determinada classe social, capaz de pagar pelos serviços prestados à educação de seus filhos.

A professora Zulcema Póvoas chegou a Criciúma no mesmo contexto em que chegaram várias famílias e profissionais – atraídos pelo trabalho nas empresas carboníferas, estimuladas pelo processo de desenvolvimento iniciado com mais ênfase nos anos 40. Pouco tempo depois, a referida professora casou-se com o Sr. Mário da Cunha Carneiro, homem ligado a uma família de posses, que viabilizou o projeto da escola. Inicialmente a professora ministrava aulas na sala de sua própria casa, mas, no começo da década de 1950, construiu, nos fundos de sua residência, em frente à atual Praça do Congresso, o prédio que sediou a primeira escola primária particular de Criciúma, funcionando ali até encerrar suas atividades, no ano de 1962.

Durante sua existência, a escola acolheu os filhos da nascente classe média, vinculada à indústria do carvão e a atividades estimuladas por esta, e os

filhos das famílias mais tradicionais, proprietárias de terras e estabelecimentos comerciais da cidade. Seu objetivo era qualificar o processo de formação básica, facilitando seu encaminhamento, num primeiro momento, para os exames de admissão que somente havia fora da cidade e, mais tarde, para os ginásios que foram criados em Criciúma a partir da segunda metade da década de 1950.

Foi pensando neste panorama que vislumbramos a possibilidade de investigar o curso no contexto de modernização da cidade de Criciúma e sua importância no processo de escolarização de um determinado grupo social, formado por filhos de industriais, de comerciantes, de proprietários de terras e daqueles profissionais que compunham a classe média da cidade – médicos, advogados, jornalistas, guarda-livros (contabilistas), administradores, etc. –, que, historicamente, ocupam um lugar de destaque na política e na economia da cidade. Em sua maioria são empresários e profissionais liberais que ainda compõem a elite cultural, política e econômica local.

A análise que pretendemos desenvolver levará em conta a política de nacionalização colocada em prática pelo governo federal e o processo de modernização da cidade de Criciúma dentro do contexto sócio-histórico de constituição e funcionamento da escola.

Nesse sentido é que surgiu a presente proposta de pesquisa como resultado de inquietações suscitadas pela leitura de textos acerca do contexto histórico de Criciúma a partir da década de 1930 e a confrontação com a descoberta da criação e implantação, naquele período, do primeiro curso primário particular da cidade.

Em uma primeira reflexão acerca das condições e motivações existentes para a projeção, a criação e a implementação do referido curso primário, julgamos importante a realização de um estudo que enfocasse a necessidade da existência da escola como resultado do processo desencadeado em Criciúma referente ao crescente desenvolvimento econômico e as conseqüentes transformações na vida política, econômica e social, com a formação de uma classe social que, a partir de então, assume a direção e o controle político-econômico da cidade.

Surgiram, então, algumas perguntas que contribuíram para uma melhor compreensão do objeto pesquisado. Qual o contexto sócio-político-econômico que produziu as condições necessárias à criação e à implantação da escola primária

particular? A proposição de criação da escola por parte da professora Zulcema está relacionada ao contexto da época? Uma vez criada e instalada a escola, como se deu o processo de seu desenvolvimento? Diante do contexto social, político e econômico, qual modelo de educação/formação escolarizada foi posto em prática pela escola? Esse modelo estava de acordo com as políticas de modernização e nacionalização colocadas em prática pelos governos federal e estadual?

Nossa pesquisa propõe estudar a escola primária Curso Particular Póvoas Carneiro – como necessidade gerada pelo processo de modernização da cidade de Criciúma, frente ao crescente desenvolvimento econômico –, e as conseqüentes transformações na vida política, econômica e social a partir da existência de uma classe média urbana emergente.

Nosso objetivo, portanto, foi compreender as razões e as condições objetivas que motivaram e levaram à criação efetiva daquela que foi a primeira escola primária particular de Criciúma.

Para o desenvolvimento da pesquisa, na efetivação do objetivo geral, estabelecemos como objetivos específicos: a) Verificar o contexto sócio-político-econômico que produziu as condições necessárias à criação e à implantação da escola primária particular; b) Verificar a relação existente entre a proposição de criação da escola por parte da professora Zulcema Póvoas Carneiro e o contexto da época; c) Compreender como se deu o processo de desenvolvimento da escola a partir de sua criação e instalação, em relação ao contexto sócio-político-econômico, a partir da manifestação de seus agentes: a professora Zulcema, as professoras da escola e alunos e pais; d) Explicitar qual o modelo de educação/formação escolarizada que foi posto em prática pela escola; e) Verificar se o modelo de educação adotado pela escola estava de acordo com as políticas de modernização e nacionalização colocadas em prática pelos governos federal e estadual.

A partir da escolha do tema, da elaboração do problema e a definição dos objetivos que serviram como baliza ao longo da pesquisa, passamos, então, a estabelecer uma metodologia que se mostrasse mais apropriada ao desenvolvimento dos estudos que realizamos na escola primária em questão.

1.2 Percursos Metodológicos

Iniciamos o percurso metodológico da pesquisa realizando uma revisão bibliográfica cujo objetivo era localizar livros, revistas, teses, dissertações e artigos que pudessem contribuir para a elucidação do tema proposto no projeto de pesquisa e que, ao mesmo tempo, tratassem do contexto histórico e da história da educação nos âmbitos local, estadual e nacional. Para isso, servimo-nos dos acervos disponíveis, recorrendo a diversas obras a fim de cercarmos o objeto de nossa pesquisa.

Como na construção do projeto nos propomos a desenvolver a pesquisa a partir das categorias “modernização” e “classe”, procuramos nos referenciar nas obras de Harvey (2001) e Thompson (1987), respectivamente. No primeiro, por abordar a temática dentro de uma perspectiva que nos remete a pensar o papel do sistema capitalista no processo de criação de necessidades como a própria modernização. No segundo, por abordar o estudo da categoria levando em conta os interesses, as identidades, os conflitos e as contradições inerentes ao processo de formação das classes em uma perspectiva de caráter materialista e histórica. Os dois autores contribuíram para uma maior compreensão do processo de desenvolvimento econômico ocorrido na cidade de Criciúma, a partir da década de 1940, e da formação das classes médias urbanas e suas contribuições para o processo de modernização da cidade.

Como decidimos explorar a pesquisa por meio das memórias de pessoas que tiveram uma relação estreita com a escola no período de seu funcionamento, fizemos a opção por adotar em nossa fundamentação a obra de Halbwachs (2006). Esse, por sua vez, aborda a memória em seu aspecto coletivo e social, remetendo-a a um processo de construção e, ao mesmo tempo, desnaturalizando-a.

Após termos definido os autores que referenciaríamos “modernização”, “classe” e “memória”, seguimos em busca de textos que pudessem dar conta de nossa temática e, ao mesmo tempo, demonstrassem a coerência necessária para um trabalho científico. Nesse sentido, ao buscarmos referenciar as questões históricas em um âmbito mais geral e relacionado ao contexto mundial, principalmente a partir da década de 1930, recorreremos às obras de Hobsbawm (1995) e Rémond (1993). Buscamos explicitar que as ocorrências da década de

1930 foram precursoras da maioria das transformações que ocorreram em Criciúma na década de 1940. Quanto às questões relacionadas à História do Brasil, nos referenciamos nas obras de Basbaum (1986), Moraes (2000) e Prado Júnior (1998), por encontrarmos nos respectivos autores uma análise crítica acerca da História do País e sua relação com o contexto mundial. Quando procuramos compreender o contexto sócio-histórico do Estado de Santa Catarina, nos valemos de autores e obras mais recentes, que trazem uma interpretação mais crítica da história catarinense, como Goularti Filho (2002). Por fim, quanto às questões relacionadas à educação e à história da educação, nos apropriamos das obras de Aranha (1996), Ghiraldelli Jr. (1992) e Fiori (1991).

Depois de termos nos cercado das bibliografias correlatas, iniciamos a realização do levantamento de informações nos jornais da época, recorrendo ao acervo do Arquivo Histórico Pedro Milanez, vinculado à Fundação Cultural de Criciúma para complementar as informações específicas de Criciúma no período de 1940 a 1962. Ali encontramos algumas fotografias e matérias publicadas nos jornais Folha do Povo e Tribuna Cresciumense, que faziam referências à escola, à atuação da professora Zulcema Póvoas Carneiro em atividades sociais, bem como a aspectos relacionados ao processo de desenvolvimento urbano e industrial da cidade. Dando seqüência aos trabalhos, nos dirigimos ainda à Biblioteca Pública do Estado, em Florianópolis, e ao Arquivo Público de Tubarão para ampliar a pesquisa. Os jornais O Albor, Correio do Sul e Sul do Estado, da cidade de Laguna e A Imprensa de Tubarão traziam matérias sobre a Criciúma daquele período. É bom frisar que, até aquele momento, as cidades de Tubarão e Laguna exerciam um relativo domínio no Sul do Estado catarinense e, por isso, possuíam uma quantidade maior de jornais em circulação que traziam notícias elaboradas pelos seus correspondentes nas cidades do interior, como Criciúma.

Nosso levantamento de dados foi realizado ainda no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, na capital, e no arquivo administrativo da Prefeitura Municipal de Criciúma. No primeiro, tivemos acesso à legislação e a documentos referentes às políticas para a educação no Estado, além de jornais e periódicos dentro do recorte temporal estabelecido. Encontramos documentos semelhantes no Arquivo da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, também na capital do Estado. Já no segundo, nada encontramos dado o grau de desorganização do

acervo e seu estado avançado de degradação⁸. Essa investida revelou muito do processo de desenvolvimento vivenciado pela cidade de Criciúma por meio de matérias voltadas para as questões educacionais.

Mesmo reconhecendo a importância das fontes escritas e o valor das que encontramos nos referidos arquivos, vale lembrar que aquelas relacionadas ao curso primário particular Póvoas Carneiro e ao desenvolvimento socioeconômico da cidade de Criciúma existem em diminuta quantidade.

Sendo assim, sentimos a necessidade da realização de um levantamento biográfico a fim de localizar pessoas que tiveram alguma relação com o “Póvoas Carneiro” no período mencionado. O primeiro contato foi realizado com a professora Zulcema Póvoas Carneiro. Além de confirmar sua disposição em participar da pesquisa, indicou o caminho para que encontrássemos várias outras pessoas que foram alunos, pais de alunos ou professoras da escola, que, por sua vez, apontaram outros nomes de pessoas relacionadas à história da escola, ampliando, assim, nossa lista de possíveis colaboradores para a pesquisa.

A partir daí, decidimos que a pesquisa contaria com as informações obtidas pela realização de entrevistas e que estas seriam do tipo semi-estruturadas, por entendermos que seria mais conveniente abordar os temas através de um instrumento que fosse mais flexível e, ao mesmo tempo, melhor se adaptasse à realidade de um trabalho de pesquisa em educação, com a elaboração de um roteiro com questões básicas e que serviram de baliza para que não se perdesse o foco do objeto, (anexo 01).

Nessa perspectiva, Lüdke e André (1986, p. 34) assinalam que a entrevista do tipo semi-estruturada desenrola-se a partir de um esquema básico, porém, não sendo aplicada de forma rígida, permite com que o entrevistador faça as necessárias adaptações. As autoras reforçam que:

⁸ Até o momento da realização da pesquisa, o Arquivo Histórico “Pedro Milanez” encontrava-se sob a responsabilidade da Fundação Cultural de Criciúma – FCC/ Prefeitura Municipal e não apresentava uma política de arquivos que seguisse, minimamente, as determinações do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), estando instalado de forma precária e sem o devido acompanhamento de profissionais capacitados e habilitados. No entanto, sabemos também que essa é a condição da maioria dos arquivos públicos/ históricos municipais espalhados por todo o Brasil.

Como se realiza cada vez de maneira exclusiva, seja com indivíduos ou com grupos, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado.

Definido o tipo de entrevista, partimos para as próximas etapas da realização dos trabalhos relativos ao desenvolvimento da coleta de dados por meio das entrevistas. Dessa forma, efetivamos contatos – pessoais ou telefônicos – com 80 pessoas, sendo que nem todas se converteram em entrevistas. O critério de seleção das pessoas que contribuiriam efetivamente para a pesquisa através de entrevistas foi fixado a partir do interesse e da disponibilidade em contribuir com a pesquisa. Muitos deles moravam fora e muito distantes de Criciúma, enquanto que outros, simplesmente, não aceitaram o convite. Obtivemos assim, a anuência de 21 pessoas, que se dispuseram a participar da pesquisa, sendo eles, três ex-professoras, 13 ex-alunos e quatro pais/mães de ex-alunos, além de duas entrevistas com a professora Zulcema Póvoas Carneiro, totalizando, ao final, 14 entrevistas.⁹ Como algumas delas sugeriram que as entrevistas fossem realizadas com a participação simultânea de outros indivíduos, organizamos alguns grupos de memória, que consistem na reunião de duas ou mais pessoas em uma mesma entrevista, em que um indivíduo/companheiro de memória acaba por estimular e aguçar a memória e as lembranças do outro.

Entendemos que os discursos trazidos à tona pela memória e expressos na oralidade são carregados de armadilhas que, por sua vez, requerem atenção porque são instáveis, plurais e descontínuos. Cabe ao pesquisador observar a leitura daquilo que não foi dito ou que ficou nas entrelinhas dos respectivos discursos e avaliar as possíveis interpretações do que se apresenta. As narrativas expressam-se a partir de pontos de vista próprios, trazidos do passado e reinterpretados no presente.

Segundo Bosi (1994, p. 55),

⁹ As entrevistas concedidas foram gravadas em VHS e, após o término da pesquisa, doadas ao Centro de Documentação Regional da Unesc – CEDOC/ MUESC, onde estão à disposição dos pesquisadores e o público em geral.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Assim, a partir da opção de privilegiar a memória daqueles que viveram e ajudaram a construir, de um modo ou de outro, a história do Curso Particular “Póvoas Carneiro, precisamos ter clareza de que a memória é construída socialmente, mesmo porque todo processo de recordação traz consigo a necessidade da apropriação de um passado que não poderia ser construído, tampouco mantido fora de qualquer sociedade. De acordo com Halbwachs (2006, p. 29-70), a memória do indivíduo está relacionada à família, à classe social a que pertence, à escola, à igreja, à profissão, enfim, é constituída por grupos sociais, tem uma dimensão coletiva, espontânea, múltipla, guardiã do passado. O autor procura explicar que a memória possui um caráter social, apesar de ter um componente individual, porque é construída sob um ponto de vista da memória coletiva.

O historiador D’Assunção Barros (2004, p. 133), ao afirmar que a história oral remete a um dos caminhos metodológicos oferecidos pela história, estabelece também uma comparação entre os documentos orais e escritos, em relação à sua aplicação como fonte de pesquisa, chamando a atenção para a imprecisão presente em ambos, assinalando que:

A imprecisão do oral não nos deve enganar; também existem espaços dissimulados que se escondem na documentação escrita, contornando silêncios e falseamentos, revelando segredos que o próprio autor do texto não pretendia revelar, mas que escapam através da linguagem, dos modos de expressão, da súbita iluminação que se espalha pelo texto quando o confrontamos com um outro nesta prática que é hoje chamada de ‘intertextualidade’. Sem falar nas múltiplas vozes, na polifonia que pode ser extraída de um texto (...).

Lembramos que todas as entrevistas, com o consentimento dos entrevistados, foram registradas em VHS 8 mm, sendo que algumas delas também foram registradas em K-7, a fim de assegurar não somente a fala, mas as imagens

daqueles que estudaram, trabalharam ou, de uma forma ou de outra, acompanharam a escola em sua trajetória.

O processo mais demorado, embora imprescindível da pesquisa, foi a transcrição das entrevistas, que posteriormente passou por uma revisão minuciosa de texto, sem alterar a linguagem e as expressões utilizadas pelos colaboradores em seus depoimentos.

Ao longo das entrevistas e até mesmo antes da realização das mesmas, muitas das pessoas contatadas iniciaram um processo que desencadeou lembranças, e essas fizeram emergir uma série de recordações escolares que saíam de seus pequenos arquivos particulares. Ressaltamos que a disponibilidade e o acesso aos acervos particulares trouxeram uma grande contribuição, cumprindo importante papel como “detonadores” da memória daqueles que os haviam guardado por muito tempo, reafirmando a idéia apresentada por Bosi (1994, p. 55) de que “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição”. Esses pequenos acervos particulares constam de cartões de notas e menções honrosas, bilhetes, programas de comemorações, a letra do hino da escola, diversas lembranças escolares e cadernos, como o das irmãs e ex-alunas Dóris e Mirian Zacharias, guardadas por elas desde a década de 1950.

Nessa experiência, vale destacar que, notadamente, as fotografias auxiliaram no estímulo à memória, na medida em que as imagens trouxeram recordações de um passado vivido, mesmo que reelaborado, por meio de lembranças, o mesmo ocorrendo com os demais documentos. Segundo Le Goff (1985), a memória é tocada e revolucionada pela fotografia na medida em que permite guardar a memória da evolução cronológica e do tempo. Desse modo, a fotografia multiplica, democratiza e atribui à memória uma precisão e verdade visuais nunca antes atingidas.

Como conseqüência da emergência dos arquivos particulares e a grande quantidade de fotografias referentes ao “Póvoas Carneiro”, acabamos utilizando-as como fontes de nossa pesquisa, pois, como assinala Kossoy (2001, p. 36 e 37), toda fotografia é um resíduo do passado e, ao mesmo tempo, um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrada e representa o testemunho de uma criação e a criação de um testemunho.

O autor reafirma a idéia da possibilidade de aplicabilidade da fotografia como fonte e, ao mesmo tempo, como elemento que suscita sentimentos e sensações das formas mais variadas em cada ser humano atingido por elas, salientando que, nesse trabalho, as fotografias aparecem nas duas condições.

De posse de entrevistas, fotografias e demais documentos da escola, colocamo-nos a tabular os dados, que passaram, posteriormente, por uma análise, que resulta, agora, no conteúdo dessa dissertação. Para tanto, procuramos organizá-lo da seguinte forma. No primeiro capítulo, preocupamo-nos em apresentar ao leitor o objeto da pesquisa por meio dos elementos que objetivam e justificam o desenvolvimento do tema, bem como a apresentação do percurso metodológico adotado. No segundo capítulo, trataremos uma abordagem geral do contexto que estabeleceu as condições concretas para o surgimento da escola primária Curso Particular Póvoas Carneiro a partir das categorias 'modernização e classe'. No terceiro capítulo, faremos uma aproximação das políticas e projetos educacionais nos âmbitos estadual e local a partir da idéia de modernização desencadeada na cidade de Criciúma, principalmente a partir da década de 1940. Para finalizar, no quarto capítulo, trataremos da escola primária Curso Particular Póvoas Carneiro no contexto das condições objetivas do desenvolvimento ocorrido na cidade de Criciúma, por meio de algumas práticas escolares que reforçam as categorias de análise escolhidas.

2 O CONTEXTO DE MODERNIZAÇÃO DA CIDADE E A CONSTITUIÇÃO DE SUA CLASSE MÉDIA URBANA

Como foi enunciada no capítulo anterior, a história da escola primária particular Curso Póvoas Carneiro está inserida no contexto do desenvolvimento da cidade de Criciúma, que ocorreu, principalmente, a partir da década de 1940. A cidade passou por um processo de transformação bastante intenso, vivenciando um rápido e forte crescimento de sua economia e população, promovido principalmente pelo aumento da atividade de extração do carvão exercida no município. Tal crescimento refletiu naquele momento os acontecimentos da década anterior (1930) e estendeu-se até a década de 1970.

Para melhor compreendermos o contexto socioeconômico que possibilitou a gênese de uma escola primária particular em Criciúma, precisamos visualizar esse cenário, que foi determinado, em grande medida, pela exploração do carvão mineral combinado com o processo de urbanização e modernização da cidade, como expressão da ampliação e consolidação do sistema capitalista de produção e consumo.

Optamos por dividir este capítulo em três partes que se complementam, a saber: na primeira parte, apresentaremos os contextos nacional e internacional relacionados ao desenvolvimento econômico observado na cidade a partir dos anos 1940. No segundo momento, abordaremos esse desenvolvimento e sua relação com o fluxo migratório para a região e a formação das classes. Por fim, abordaremos o conceito de modernização para demonstrar o processo das transformações ocorridas na cidade a partir do desenvolvimento econômico e a formação da classe média urbana que, por sua vez, protagonizou o processo de urbanização e modernização da cidade.

2.1 O “Boom” do Carvão Nacional – Contextos Interno e Externo

Embora pesquisas anteriores tenham revelado que a exploração do carvão mineral na região e, especificamente, em Criciúma, tenha começado no início do século XX, foi a partir das condições objetivas postas pela Segunda Guerra

Mundial que sua exploração deu-se de forma mais contundente, diante de um quadro favorecido pelos contextos nacional e internacional.

O contexto internacional foi marcado pela eclosão e pelos desdobramentos do conflito beligerante de proporções mundiais, que implicou na dificuldade do Brasil em obter o mineral combustível de seus tradicionais fornecedores na Europa. A produção nacional até aquele momento mostrava-se insuficiente para atender à demanda, sem considerar que a qualidade do carvão nacional e o custo de sua produção sempre foram questionados. O contexto bélico fez com que a exploração do carvão nacional se tornasse economicamente viável. Ligado a essa questão temos um fato histórico anterior que marcou profundamente a história política e econômica do Brasil – a Depressão Econômica de 1929, lembrada principalmente pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York.

No contexto nacional, mantendo uma relação forte com o internacional, o que observamos foram os investimentos realizados pelo governo brasileiro que, já nas décadas anteriores¹⁰ havia iniciado uma política de estímulo à produção do carvão nacional, incluindo aí o de Santa Catarina. Esse estímulo veio sob a forma de investimentos na industrialização do País e no estabelecimento de cotas para o consumo, por parte do governo, do carvão produzido no Brasil, em especial nos Estados do Sul. Essas medidas político-econômicas foram acentuadas diante do conflito internacional e favoreceram substancial e diretamente as indústrias carboníferas de Criciúma. Tal perspectiva reforça o conjunto de fatores que proporcionaram o nível de crescimento da cidade e região no período estudado.

Ao analisar as medidas tomadas pelo governo brasileiro, Goularti Filho (2002, p. 88-89) assinala que, em 1931, o Governo Vargas, por reconhecer o carvão como um mineral básico para a industrialização, assegurou a ampliação da produção do carvão nacional e decretou a obrigatoriedade do consumo de carvão nacional com cotas não inferiores a 10%, elevando para 20% em 1937.

Faz-se necessário mencionar que o Governo Vargas tomou essas medidas e outras que se seguiram logo no início da década de 1930, ainda no

¹⁰ A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) ocasionou uma crise de energia devido à escassez do carvão, dada a dificuldade de importação do mineral junto aos fornecedores europeus envolvidos no conflito, tornando o carvão nacional economicamente viável. Ou seja, a Primeira Guerra, a exemplo da Segunda – reservando-se as devidas proporções e conjunturas –, contribuiu para a ampliação da produção e consumo do carvão nacional.

contexto da crise causada pela quebra da Bolsa de Nova York, em decorrência da própria política econômica do sistema capitalista.¹¹

Os eventos históricos acima referidos, mesmo que expostos de forma diminuta, procuram propor um cenário da conjuntura de amplitude mundial, haja vista que os acontecimentos mencionados incidem de forma direta e decisiva na política e na economia brasileira.

Ligado à conjuntura internacional, o Brasil também sofreu as conseqüências dos acontecimentos mundiais. Naquele momento mais de 70% do que o Brasil arrecadava com as exportações eram resultado da comercialização do café para os países estrangeiros (BASBAUM, 1986, p. 250-253). A crise de 1929 forçou uma queda significativa do preço do café no mercado internacional levando muitos fazendeiros à falência e outros à ruína completa.

A partir de 1930, o governo brasileiro passou a preocupar-se em elaborar leis de cunho social que atraíssem o apoio dos trabalhadores, promulgando-as por meio de decretos, pois havia dissolvido o congresso nacional¹². Concedeu autorização apenas para aqueles sindicatos que comprovassem lealdade ao governo¹³. Com a ampliação da autoridade do Estado, essas medidas articulam-se com a maior atuação do governo na economia, mediante o incentivo ao crescimento da indústria em detrimento da cafeicultura. Ainda que, até o final dos anos 1950, o setor de agroexportação ocupasse o principal lugar na economia brasileira, especialmente o café, a grande novidade era que o Estado incorporou como um de seus objetivos básicos o apoio à industrialização. De acordo com Mendonça (1996, p. 40-44), a industrialização, no tempo de Getúlio Vargas,

¹¹ David Thomson (1976, p. 100-104) descreve a crise marcada pela quebra da Bolsa de Nova York da seguinte forma: "A crise econômica mundial explodiu com o colapso da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. Uma especulação desenfreada tinha levado os valores dos títulos e das ações a alturas fantásticas. Quando a confiança abalou-se ligeiramente, seguiu-se a venda igualmente desenfreada dos títulos, que cresceu como uma bola de neve, ocasionando o colapso espetacular do mercado de títulos. No espaço de um mês, o seu valor caiu em 40%, e em 1932 já haviam falido 5.000 bancos americanos. Devido ao fato de os americanos terem recolhido seus investimentos no exterior, passando a importar menos, o colapso atingiu rapidamente outros países. Em toda parte a produção diminuiu, o comércio retraiu-se e o desemprego aumentou. Em 1931 faliu o principal banco vienense, o Kredit-Anstalt, precipitando a crise financeira na Europa. O comércio mundial reduziu-se a um terço de seu volume normal, entre 1929 e 1932, enquanto aumentavam os índices de desemprego".

¹² Decreto nº 19.398 de 11 de novembro de 1930. Esse decreto institucionalizou os poderes discricionários do cargo de presidente da República, que passou a reunir funções e atribuições executivas e legislativas.

¹³ Para autores como Moraes (2000, p. 57-63) esse é o momento em que se dá a consolidação do capitalismo industrial no Brasil. A autora sustenta que países como o Brasil desenvolveram-se, a partir de então, sob a influência e a consolidação do sistema capitalista.

(...) teve como primeira característica (...) o surgimento de novos setores produtivos. No lugar dos tradicionais ramos de tecidos, vestuário e produtos alimentícios, cresceriam, doravante, setores como metalurgia, mecânica, cimento, material elétrico e transportes, além das indústrias químicas e farmacêuticas. Uma série de bens industriais, que, até aquele momento, eram importados pelo país, passaria, daí por diante, a ser produzida internamente. A esse processo damos o nome de substituição de importações. Essa seria a 'marca registrada' da história da industrialização brasileira até meados da década de 1950.

A industrialização era uma necessidade, embora a burguesia industrial brasileira fosse bastante jovem e fraca do ponto de vista da capacidade de investimento. A crise mundial afugentou muitos investidores estrangeiros que se desinteressaram em abrir indústrias no Brasil. Coube ao Estado o papel de realizar os investimentos necessários para desenvolver o capitalismo industrial no País.

A burguesia brasileira não tinha condições de aplicar seus recursos nesse tipo de empreendimento. (...) O empresariado voltou-se para o Estado e dele exigiu uma postura intervencionista naqueles setores onde a iniciativa privada fosse insuficiente (MENDONÇA. 1996. p. 40-44).

Nesse processo foram criadas empresas estatais nos setores de base e infra-estrutura, como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a Companhia Vale do Rio Doce, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco, entre outras.

Getúlio Vargas possuía uma visão nacionalista da economia, criando mecanismos de proteção aos empresários brasileiros frente à concorrência internacional. Essas medidas entusiasmaram o empresariado incipiente e jovem do Brasil, que tiveram a oportunidade de crescer com reserva de mercado e sem o temor da concorrência externa.¹⁴

A criação da CSN foi importante para o desenvolvimento econômico de Criciúma, pois viria consumir e, mais tarde, explorar o carvão mineral desse município, contribuindo em seu processo de urbanização e modernização.

Segundo indicações do economista Goularti Filho (2002), o desenvolvimento da cidade, impulsionado pela extração do carvão mineral, estava ligado à demanda de geração de energia pela recém-criada CSN em meio à Segunda Guerra Mundial. A dificuldade de importação desse produto de seus

¹⁴ O apoio vinha sob a forma de aumento nas tarifas alfandegárias e, por outro lado, favorecendo financiamentos e diminuindo a cobrança de impostos para os investimentos em novas fábricas. Cabe ressaltar que os investimentos feitos pelo Estado ignoraram as regiões Norte e Nordeste, que permaneceram agrárias, atrasadas – em relação à modernização – e sob o domínio das oligarquias latifundiárias locais. A prioridade de investimento do governo privilegiava a região Sudeste.

habituais fornecedores exigiu do governo federal altos investimentos para o atendimento dessa demanda.

(...) Além das medidas institucionais, foram feitos investimentos estatais diretos, como o reaparelhamento do porto de Imbituba e a construção do Lavador de Capivari e da Usina Termelétrica de Capivari (UTE), que fornecia energia ao Lavador, responsável pelo beneficiamento do carvão destinado à Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda (CSN). (GOULART FILHO, 2002, p. 88-89).

Nascimento (2006, p. 23) refere-se ao crescimento da produção mineral no Brasil com destaque para a produção catarinense, sobretudo de Criciúma, impulsionada pela substituição do carvão estrangeiro pelo nacional, frente às contingências da guerra, e a demanda de novas indústrias, como a que passou a absorver grande parte da produção catarinense.

O autor (2006, p. 23) chama a atenção para o fato de que o Estado de Santa Catarina e, nesse contexto o carvão de Criciúma, passa a responder pela maior parte do carvão produzido no Brasil, elevando de 20% em 1939 para 80% em 1962 sua participação na produção nacional.

Os dados trazidos pelos autores acima mencionados nos dão a dimensão e a importância das medidas tomadas pelo governo brasileiro frente ao desenvolvimento da produção do carvão nacional. Tal política fez acelerar sua produção por meio de incentivos e investimentos diretos ou indiretos, como foi o caso da criação da CSN, que passou a consumir em larga escala o mineral produzido na região Sul do Brasil.

Ao passo em que se dava todo o crescimento econômico verificado no período em questão, a pesquisa deparou-se também com outro crescimento vertiginoso e que está ligado diretamente ao primeiro. O crescimento econômico acabou por estimular o crescimento populacional de toda a região carbonífera, com destaque para Criciúma. Até aquele momento, a cidade ainda possuía as características construídas pelos colonizadores no final do século XIX, marcadamente agrária e pouco desenvolvida, se comparada aos outros centros urbanos mais próximos, como Tubarão e Laguna. Aliás, era assim que os “forasteiros” olhavam para Criciúma, uma cidade pequena, do interior do Estado e que ainda não havia passado pelo processo de urbanização e modernização, como ocorrera com as cidades acima relacionadas (NASCIMENTO 2006, p. 23-24).

Criciúma registrou, a partir da década de 1940, um forte crescimento de sua população, composta por pessoas que eram atraídas pela prosperidade ou, ao menos, pela possibilidade de alcançar a prosperidade por causa do aumento da produção mineral. De acordo com dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 1952), a população de Criciúma em 1950 praticamente dobra em relação à população do ano de 1940, aumentando de 27.753 para 50.854 habitantes em um período de dez anos. Nessa época acentuou-se o estabelecimento da maioria das empresas mineradoras que, por sua vez, passaram a formar o núcleo econômico e dirigente da cidade.

No bojo desse crescimento, veio uma quantidade significativa de pessoas oriundas de outros Estados da Federação e de outras cidades do Estado. Eram pessoas que vinham para trabalhar como operários nas minas de carvão, para exercer funções técnico-administrativas, ou ainda, na condição de investidores na mineração e, até mesmo, no comércio, compondo assim, grupos socialmente distintos. Nesse mesmo contexto é que veio para Criciúma a normalista Zulcema Póvoas, fundadora da escola particular objeto desta pesquisa, como veremos mais detalhadamente no terceiro capítulo.

Juntos, mineradores e a chamada classe média formaram uma burguesia local que, de certa forma, importou e implementou na cidade os preceitos da dita “sociedade moderna burguesa”, colocando em curso um projeto de “modernização da cidade” afim de fazer jus ao *status* assegurado pelo desenvolvimento econômico.

Esse grupo de forasteiros passou a habitar a área central da cidade e, por isso mesmo, deu início a uma campanha sistemática em defesa das melhorias necessárias a uma cidade que se tornava gradualmente importante para a economia do Estado e do País.

2.2 O Carvão, os Forasteiros e a Formação da Classe Média Urbana

Explicita-se aqui a posição e o papel que as classes exercem no processo de modernização da cidade. Essas duas questões colocadas são muito importantes para o debate dessa pesquisa, ou seja, classe e modernização. Inicialmente faremos

a abordagem do conceito de classe utilizando-nos do estudo de E. P. Thompson sobre a formação da classe operária inglesa.

Em seu texto, o autor afirma a idéia de que a classe somente pode ser entendida se a olharmos “como uma formação social e cultural, surgindo de processos que só podem ser estudados quando eles mesmos operam durante um considerável período histórico”. (THOMPSON, 1987, p. 12)

O autor afirma que:

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consistência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas. (THOMPSON, 1987, p. 9)

De acordo com as idéias desse historiador, a classe é e, ao mesmo tempo, se faz. Nesse sentido, a classe está vinculada às relações e não pode ser vista e entendida como uma “coisa”, pois ela é e se faz historicamente no diálogo entre o ser social e a consciência social, produzindo mudanças e construindo historicamente o seu devir por meio de ações concretas e cotidianas.

Thompson (1987, p. 10) indica que:

[...] A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente.

Thompson agrega ao conceito de classe o conceito de experiência entrelaçado ao de cultura. Para ele, o ser social encontra-se em constante movimento, e esse estado de agitação é que proporciona os acontecimentos e, ao mesmo tempo, assegura a construção da experiência, cuja categoria “compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (THOMPSON 1981, p. 15).

Para o autor, a experiência surge a partir do pensamento racional elaborado pelos indivíduos que compõem os diversos grupos sociais, impulsionando-os à reflexão acerca do seu mundo e tudo que a ele diz respeito e que possam tocá-lo. Essas reflexões, por sua vez, produzem mudanças e modificam

as experiências anteriores, produzindo, assim, o movimento que dá vida ao ser social na medida em que novas questões passam a ser colocadas diante de uma realidade modificada, por meio de pressões exercidas sobre a consciência social existente.

Em seus escritos, Thompson (1981, p. 121) explicita que a classe forma-se em meio ao “cruzamento da determinação e da auto-atividade: a classe operária ‘se fez a si mesma tanto quanto foi feita’”. Não podendo separar a classe de sua consciência, pois o fazer-se se constitui num constante e irremediável “vir-a-ser no tempo” através da experiência da determinação.

A dimensão da abordagem de Thompson acerca da formação da classe nos permite – embora ele o faça em relação à formação da classe operária na Inglaterra – aplicar o conceito ao processo de formação de todas as classes sociais por compreendermos sua existência no processo de embates entre classes distintas, cada qual com seus interesses e conflitos.

Bezerra (1995, p. 125), ao analisar o materialismo histórico e a teoria da história a partir das contribuições teóricas de Thompson, assinala que:

O embate entre o ser social (as forças condicionantes da trama do real) e a consciência social operante (os sujeitos exercendo suas vontades nos limites do possível e do desejável) constitui o real social, que é determinado apenas depois do realizado. O processo de construção desse real social é, por definição, indeterminado. Depende das forças em luta, na construção do mundo indefinido por ideais, vontades e valores que dominam os diferentes interesses dos grupos antagônicos.

Pensando dessa forma, o autor novamente nos remete a Thompson quando enfatiza que é da luta que emerge a classe e, portanto, o seu acontecimento não deve ser e estar descolado da determinação que produz a experiência por meio da luta de classes que, por sua vez, precede a própria classe. Nessa perspectiva, o autor expõe os sujeitos (homens e mulheres) responsáveis pela construção do presente e a prospecção do futuro.

Não são as estruturas que constroem a história. São as pessoas carregadas de experiências. Claro que não são sujeitos autônomos nem “indivíduos livres”. Suas situações e suas relações produtivas lhes são determinadas como necessidades (...). As contingências históricas exercem pesada presença na vida de cada pessoa. São os antagonismos aos quais todos estamos submetidos. (BEZERRA, 1995, p. 125-126).

Ao refletir sobre o pensamento de Thompson, Bezerra (1995, p. 126) afirma ainda que:

A cultura é engendrada no âmago da experiência social, toma corpo, constrói uma coerência interna e passa a atuar, por sua vez, no embate de outras experiências. O conjunto destas experiências, de classe dominada ou de classe dominante, orienta, dá os vetores e os caminhos das novas lutas. O grau de consciência social conquistado na experiência e na cultura determina os caminhos da história que, no processo, é indeterminada.

A atuação dessa coerência interna é a expressão maior da constituição de um sentimento de pertencimento que agrega ou repele, mas que, acima de tudo, extrapola o campo da abstração (idéia) marcando profunda e diretamente o cotidiano das pessoas e das classes, pela via da 'experiência do sentimento' materializando-se concretamente nos conjuntos de valores perceptíveis.

Nesse sentido, o desenvolvimento econômico vivenciado na e pela cidade de Criciúma em função do aumento do consumo e da produção do carvão mineral, juntamente com o conceito de classe – associado ao conceito de experiência e materializado no âmbito da cultura – nos ajuda a compreender o surgimento da escola primária “Curso Particular Póvoas Carneiro”.

A escola foi criada a partir da necessidade de uma classe média urbana que se formou e se localizou na área central de Criciúma no contexto que apresentamos anteriormente. Ou seja, o processo de expansão econômica do município atraiu um número considerável de pessoas que migraram e, nesse processo, constituíram grupos socialmente distintos, com interesses e aspirações igualmente distintas.

Essa distinção pode ser observada, entre outros aspectos, na modernização da cidade empreendida e defendida por aqueles que passaram a compor a elite econômica e cultural de Criciúma. Esses exigiram mudanças que vieram sob a forma de instituições, serviços, melhorias urbanas e, inclusive, na criação de uma escola capaz de atender e expressar o modelo proposto pelas classes médias urbanas emergentes e, em sua maioria, “estrangeiras”.

2.3 O Carvão, os Forasteiros e a Modernização da Cidade

Trataremos a seguir do conceito de modernização, que está vinculado ao contexto socioeconômico e político da “cidade do carvão”, nos anos que

coincidem com a instalação da escola primária Curso Particular Póvoas Carneiro. Cabe ressaltar que a criação da escola apresenta-se como uma necessidade diante do processo de modernização.

Optamos por realizar uma abordagem da “modernização” e não da modernidade, focando mais o seu aspecto material relacionado às transformações urbanas ocorridas na cidade, a partir do desenvolvimento e do progresso econômico, que pode ser representado aqui, nos apelos feitos em torno das mudanças ditas necessárias e condizentes com a prosperidade econômica experimentada na região de Criciúma, principalmente a partir da década de 1940.

Utilizar-nos-emos dos estudos realizados por David Harvey (1989) acerca da temática proposta, procurando nos aproximar de nosso objeto de estudo, ou seja, a criação e a implantação da escola primária particular em Criciúma nos anos de 1940.

Em sua análise, o autor reporta-se ao Manifesto Comunista para afirmar o custo pago quando a burguesia optou pela formação de um novo internacionalismo, por meio do mercado mundial. Segundo ele, “fê-lo a um alto custo: violência, destruição de tradições, opressão, redução da avaliação de toda atividade ao frio cálculo do dinheiro e do lucro”. (HARVEY, 1989, p. 97)

De acordo com Harvey (1989, p. 107), o próprio Marx descreve as condições de modernização capitalista formando o contexto material a partir dos processos sociais que agem sobre ele promovendo:

O individualismo, a alienação, a fragmentação, a efemeridade, a inovação, a destruição criativa, o desenvolvimento especulativo, mudanças imprevisíveis nos métodos de produção e de consumo (desejos e necessidades), mudança da experiência do espaço e do tempo, bem como uma dinâmica de mudança social impelida pela crise.

Harvey (1992, p. 307-309) procura reforçar a idéia de que o processo de modernização permanece intrinsecamente ligado à consolidação do sistema capitalista, criando a constante necessidade do estabelecimento do “novo” que, por sua vez, nasce com o prazo de validade fadado ao envelhecimento precoce.

O autor assinala que o capital não deve ser entendido como uma coisa, mas como um processo de:

(...) reprodução da vida social por meio da reprodução de mercadorias em que todas as pessoas do mundo capitalista avançado estão profundamente implicadas. (...) Suas regras internalizadas de operação são concebidas de maneira a garantir que ele seja um modo dinâmico e revolucionário de

organização social que transforma incansável e incessantemente a sociedade em que está inserido. O processo mascara e fetichiza, alcança crescimento mediante a destruição criativa, cria novos desejos e necessidades, explora a capacidade do trabalho e do desejo humanos, transforma espaços e acelera o ritmo da vida. Ele gera problemas de superacumulação para os quais há apenas um número limitado de soluções possíveis. (HARVEY, 1992, p. 307)

Modernização, nesse caso, deve ser entendida como o processo marcado pela ocidentalização e pela industrialização refletida nos melhoramentos urbanos e na adoção de equipamentos apropriados ao favorecimento do desenvolvimento capitalista. Ou seja, o conceito de modernização está vinculado ao desenvolvimento que nos é apresentado sob a forma de atualização e inovação constante e que alimenta o sistema capitalista.

É o que Berman (1986, p. 16) aponta, em sua análise, como fonte de alimento do “turbilhão da vida moderna”

[...] grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; (...) Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando para obter algum controle sobre suas vidas; enfim, (...) um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão.

Para o autor, no século XX, os processos que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se “modernização”. (BERMAN, 1986, p. 16)

Procurando seguir o mesmo raciocínio dos autores, concluímos que o “turbilhão” de acontecimentos que marcou a história no contexto delimitado pelo entre-guerras, a eclosão do segundo conflito, as décadas de 1940, 1950 e os primeiros anos da década de 1960 teve seus reflexos no Brasil, em Santa Catarina e, por conseqüência, em Criciúma.

Assim, a análise da modernização deve ser feita em sua íntima relação com o desenvolvimento econômico e o aumento populacional no contexto de formação de uma determinada classe social urbana - nesse caso as classes médias

- e, ao mesmo tempo, mostrar-se como um conceito usado para definir o processo de transformação da sociedade ocidental com a lenta difusão de instituições que surgem em resposta à transformação da economia pela industrialização progressiva (SOUZA 1994, p. 64-76).

Nessa perspectiva, as evidências apontadas pela pesquisa nos permitem observar que o contexto socioeconômico aqui apresentado aponta para uma demanda de urbanização da cidade, vinculada às questões relacionadas ao desenvolvimento econômico, ao conseqüente aumento da população e à formação de uma classe média urbana que passou a reclamar melhorias que correspondessem ao destaque econômico proporcionado pela expansão da produção e consumo do carvão mineral, extraído do subsolo de Criciúma.

Nesse aspecto, vale destacar que a cidade começou a perceber-se diante de um crescimento econômico de grande vulto, embora ainda mantivesse as características de uma cidade pequena, fundada por colonos que se dedicavam à agricultura.

Esse contraste nos é apresentado por Nascimento (2006, p. 27) quando menciona o fato de existirem duas visões distintas acerca do desenvolvimento urbano e econômico da cidade. Um grupo, acostumado à vida urbana, percebia que o “crescimento urbano propiciado pela exploração do carvão no contexto da Segunda Guerra Mundial não foi suficiente para tirar Criciúma da sua condição de cidade acanhada”, enquanto que, para aqueles acostumados à vida rural, “o processo de crescimento era efetivo.”

Aqueles acostumados ao processo de urbanização e modernização faziam parte, em sua maioria, do grupo caracterizado pelos forasteiros, pessoas que migraram para Criciúma e trouxeram consigo, já consolidada ou em processo de consolidação, a cultura capitalista marcada pela urbanização.

Atestando o grande fluxo e contingente populacional, que aumentou em razão do processo de modernização frente ao desenvolvimento da industrialização, observamos que, dos entrevistados, a grande maioria veio de fora, ou seja, não era natural de Criciúma, e os que nasceram aqui, em sua maioria, são filhos de forasteiros.

Desses, uns vieram para abrir casas comerciais e aproveitar a circulação de dinheiro proveniente da atividade carbonífera, como foi o caso dos pais do ex-

aluno Antônio Sérgio Borges, que vieram para Criciúma depois de terem comprado uma torrefação de café.

Eu sou serrano. Sou de Bom Jardim da Serra. Nasci ali na boca da Serra, na descida da serra. Meu pai tinha uma fazenda lá e também tinha um tipo de venda. (...) Nós fomos pra Lauro Müller. Nós ficamos lá dois, três anos e o pai, então, comprou uma torrefação de café em Criciúma. Café Solina. E ele passou o nome de Café Borges. Nós fomos morar, então, em Criciúma. É interessante que eu me lembro bem disso porque foi na época do Congresso Eucarístico.¹⁵

Outros vieram para atuar nos altos escalões das companhias mineradoras nas mais diversas funções (guarda-livros, administradores, engenheiros, advogados, médicos e professores, entre outros), ou para atender a algumas demandas colocadas diante do crescimento abrupto da cidade, como aconteceu com os pais dos ex-alunos Jorge Henrique Frydberg e Jorge Mirágliã, que vieram da França e da Itália, respectivamente, para trabalhar como engenheiros nas minas de carvão

Meu pai era engenheiro de mina. (...) Meu pai é italiano. Eu sou italiano, também. Nós chegamos ao Brasil em 1950. (...) Meu pai veio pra Próspera [Cia. Próspera S/A]. Trabalhava na Próspera. Depois se associou com o pai dele [aponta para Jorge Henrique Frydberg], e fundou uma mina, a Linha Batista.¹⁶

A maioria dos entrevistados, no entanto, veio em condições bem menos favoráveis e buscava uma colocação qualquer nas minas de carvão. Esses, geralmente, eram trabalhadores braçais como agricultores e pescadores, a exemplo do pai do ex-aluno Antônio Adalberto Canarin, que, mesmo possuindo uma especialização (marceneiro), migrou de Orleans para Criciúma em busca de emprego.

Meu pai foi aprendiz da fábrica de móveis do senhor Ari Istec, depois profissionalizou-se. Nesse meio tempo foi quando ele veio para Criciúma. (...). Em 41 ele veio à procura de emprego. Ele veio à procura de emprego e conseguiu se fichar na Próspera. Em um desses finais de semana, ele foi até Orleans de volta para buscar a família. Isso aconteceu em 41. (...) A minha mãe, meu irmão e eu, ele colocou no ônibus, e ele, por estar curto de dinheiro, veio de bicicleta.¹⁷

O jovem médico Dr. Manif Zacharias foi uma dessas pessoas que chegaram a Criciúma no início da década de 1940, motivadas pelo crescimento da industrialização do carvão e da cidade. Em 1997 ele publicou um livro de memórias,

¹⁵ BORGES, Antônio Sérgio – entrevista concedida em 28.04.2006.

¹⁶ MIRAGLIA, Jorge – entrevista concedida em 26.05.2006.

¹⁷ CANARIN, Antônio Adalberto – entrevista concedida em 25.05.2006.

em que registra seu olhar sobre a cidade quando aqui chegou em 1º de maio de 1944.

E Criciúma, em termos de desenvolvimento urbano, embora pomposamente cognominada “Capital do Carvão”, era ainda cidadezinha tímida, modesta, acanhada mesmo. Não se projetavam seus lindes urbanos, em qualquer sentido, para mais de um quilômetro da Praça Nereu Ramos, que assim já se chamava seu logradouro central. (...) Era a Criciúma bem provinciana, das poucas ruas pavimentadas a macadame, esburacadas quase todas e empoçadas em dias de chuva. Nas relações vicinais, estradas estreitas, sinuosas e quase impérvias, empoeiradas ou lodacentas, perlongavam ao infinito as sedes dos distritos e os municípios vizinhos. (ZACHARIAS, 1997, p. 11).

A cidade começa a clamar por melhorias na infra-estrutura, que ainda se apresentava de forma precária, incompatível com a crescente importância econômica da cidade. O médico complementa em suas memórias que, em Criciúma:

Tudo lhe minguava, a começar pelo saneamento básico. Não possuía água canalizada nem rede de esgotos. Ocos e fossas sépticas supriam-lhe as necessidades. Gerava a energia elétrica, de forma deficiente e precária, uma usina (...). Não raro emperrava o velho locomóvel dessa usina, deixando a cidade às escuras, noites a fio, para gáudio de alguns poucos casais de moradores, que ladrões e assaltantes ainda os não havia. (ZACHARIAS, 1997, p. 11-12)

Aliás, a manifestação do médico não era a única que reforçava o grau de precariedade da cidade, que, naquele momento, não conseguia compatibilizar o crescimento econômico e populacional com a infra-estrutura necessária e desejada por aquelas pessoas que migraram e estavam habituadas a um padrão urbano mais elevado.

A própria professora Zulcema, por exemplo, veio de Florianópolis e sentiu-se no “fim do mundo”, reclamando da falta de luz, de calçamentos, de água, e, até mesmo, de frutas.

Que aquilo era uma coisa, eu pensava que estava no fim do mundo. Não havia luz, tinha lá um gerador lá do engenheiro, Dr. Pete, que quando escurecia, eles ligavam o gerador e até as 10 horas da noite. Então eu ia deitar antes das 10 para não ficar no escuro. (...) A água era difícil, não havia calçamento, não havia fruta, não havia nada. Eu parecia que estava, realmente, no fim do mundo.¹⁸

Também surgiram manifestações impressas como as escritas pelo correspondente em Criciúma do jornal A Imprensa, de Tubarão, que apelava às autoridades para que as mesmas intercedessem a favor das carências de infra-estrutura do município. Nesse artigo, especificamente, foram lembrados os

¹⁸ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema – entrevista concedida em 19.01.2006.

problemas do abastecimento de água, da necessidade de construir uma caixa para o embarque do carvão, e ainda, a melhoria dos salários daqueles que trabalhavam na estrada de ferro.

Precisa nossa cidade que o benemérito Governo do Estado volte suas vistas para o sério problema da água à população. Poucas residências gozam do encanamento de uma reserva de águas vindas do morro e, mesmo essas, não são tratadas, conduzindo por isso detritos e impurezas. (...) É bom lembrar que, se por infelicidade a água do morro diminuir, como já tem acontecido, o Grupo Escolar ficará privado do essencial elemento e isso prejudicará o ensino dos exercícios físicos além de concorrer para causas mais graves, como é natural deduzir. (...) E já que falamos do que Cresciuma precisa, cumpre lembrar o Sr Superintendente da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina a necessidade de ser construída, no quadro da estação, uma caixa para o embarque do carvão que sai pelo principal escoadouro do município. O desenvolvimento da exportação não comporta mais o dejetos do carvão no chão para depois sobre novo trabalho de carregamento e por isso se impõe a construção de um depósito que receba todo o carvão das minas adjacentes e que demandam a Estação para o seu despacho. E, ainda justo será pedir ao digno representante do governo federal junto aos interesses de transportes terrestres e marítimos Dr. Norberto Paes para que interceda ou mande construir uma nova estação em Cresciuma que reflita a importância que representa como uma das que mais contribuem na receita da estrada.¹⁹

Essa matéria do jornal A Imprensa mostra como a cidade e sua classe dirigente clamavam por investimentos compatíveis com o crescimento da cidade com vistas ao desenvolvimento de sua economia, baseada na extração do carvão mineral. O texto indica que a imagem de município agrícola deveria ceder espaço para uma nova construção calcada na indústria e tudo o que ela representava dentro do mundo moderno. Era necessário construir uma cidade “nova” no espaço até então ocupado pela cidade “velha” e que remetia às atividades agrícolas. A necessidade do abastecimento de água vinculava-se a uma questão que passava, necessariamente, pela saúde pública. Quando se referem à caixa de embarque, preocupam-se com a limpeza das áreas de livre circulação do público. Nesse caso, trata-se de um espaço privilegiado, pois, a estação do trem era também um lugar de encontros, de busca por novidades, de negócios, etc. O apelo dirigido aos representantes do governo e da estrada de ferro, respectivamente, realçam a contribuição deste município para a receita da estrada, sugerindo, inclusive, a construção de uma nova estação.

¹⁹ A Imprensa. Tubarão, 18.10.1941, n. 384, p.1.

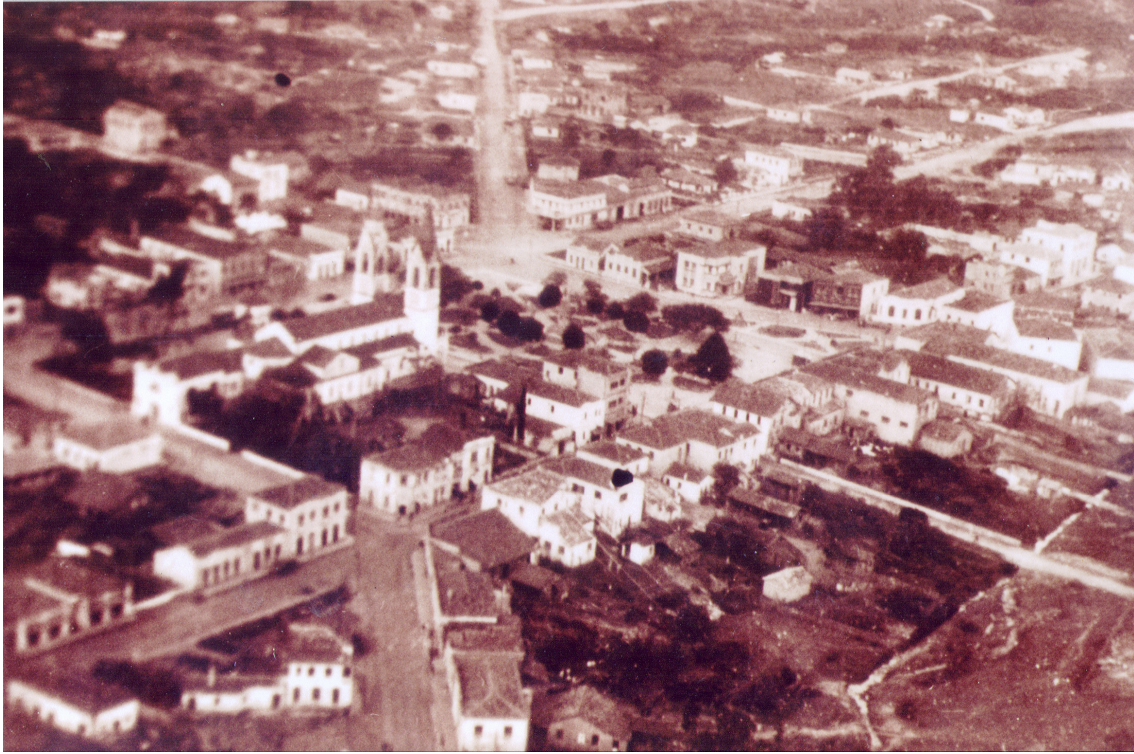


Figura 1 - Vista panorâmica da área central da cidade de Criciúma no final da década de 1940.

Fonte - Acervo particular do autor, (Fotografo: Faustino Zappellini).

Foi nessa época que surgiu na cidade a maioria das instituições e serviços necessários à continuidade e ampliação do desenvolvimento econômico de Criciúma. Assim, identificamos o surgimento do primeiro hospital (Hospital São José), inaugurado em novembro de 1936; a instalação da rede e central telefônica em agosto de 1937; a Biblioteca Pública Municipal “Antônio Pereira da Silva Oliveira” foi organizada em 1939; a coletoria federal foi instalada em abril de 1940; o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) foi instalado em Criciúma em 1941; a Banda Cruzeiro do Sul foi fundada em novembro de 1942; a instalação do Fórum da Comarca de Criciúma deu-se em março de 1944; a instalação da Fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE) ocorreu no início de 1945; o Instituto de Aposentadoria e Pensões de Transportes de Cargas (Iapetec) foi instalado em 1947; em junho do mesmo ano, foi fundado o Olímpico Basquete Clube; o Rotary Club, em abril de 1948; a rádio Eldorado Catarinense foi inaugurada oficialmente em novembro de 1948. Em 21 de abril de 1951, foi fundado o Baú dos Pobres; a Associação Comercial e Industrial de Criciúma foi fundada em setembro de 1951; a Guarda de Vigilantes Noturnos de Criciúma foi fundada em 11 de maio

de 1952 por iniciativa do Rotary Club de Criciúma e da Associação Comercial e Industrial de Criciúma.

Percebemos que a escola da Professora Zulcema também foi criada no bojo desse mesmo processo de desenvolvimento econômico capitalista e de modernização da cidade. A escola surge, então, como uma necessidade desse mesmo processo.

Em 1951 a professora Zulcema, juntamente com a professora Maria de Lurdes Hülse Lodetti, criou, em Criciúma, um curso ginásial particular destinado a atender a uma demanda eminentemente masculina que não se sentia contemplada no Curso Normal Regional que, por sua vez, estava voltado para a formação de profissionais que atuariam, posteriormente, no magistério. Esse curso seguia as orientações estabelecidas pelo Artigo 91 da Lei Orgânica que passou a regular o Ensino Secundário.²⁰

Não nos cabe fazer aqui uma análise dessa modalidade de ensino, mas apontar duas questões que nos pareceram relevantes, a partir de duas matérias publicadas no jornal Folha do Povo, de Criciúma, sendo que a primeira matéria anunciava a instalação do curso particular, e a segunda dava destaque à inauguração do estabelecimento.

A primeira questão está relacionada ao espaço obtido na imprensa local, que vincula a criação do curso à necessidade da elevação do nível educacional, de modo que esse fosse compatível com o nível de desenvolvimento e crescimento material da cidade. Ou seja, a matéria do jornal indicava que o curso ginásial, a exemplo do curso primário, ambos particulares, surgia para atender a uma demanda criada a partir do processo de desenvolvimento econômico observado em Criciúma naquele período.

²⁰ O Artigo 91 compunha a Lei Orgânica do Ensino Secundário, sancionada pelo presidente Getúlio Vargas por meio do Decreto-Lei n. 4.244 – de 9 de abril de 1942 e possuía o seguinte texto “Aos maiores de dezenove anos será permitida a obtenção do certificado de licença ginásial, em consequência de estudos realizados particularmente, sem a observância do regime escolar exigido por esta lei”.

(...) Por isso sem estabelecer distinção, a nossa juventude está de parabéns e merece encômios a iniciativa das professoras d^a Maria de Lurdes Hülse Lodetti e d^a Zulcema Póvoas Carneiro. **Elas estão trabalhando para elevar Criciúma a um plano educacional compatível com o progresso do município.** É mister ponderar que todos devem amparar o novo estabelecimento de ensino, cumprindo que seja eficiente o apoio dos poderes públicos por se tratar de matéria relevantíssima e útil ao progresso e engrandecimento da “gleba catarinense”, como dirija o coestadano Dr. Nereu Ramos, presidente da Câmara dos Deputados”.²¹ [Grifos meus].

Todas essas transformações, por sua vez, demandariam uma educação diferenciada para essas mesmas elites locais, dentro de uma perspectiva que contemplasse os interesses da classe média.

Nesse sentido, procuraremos abordar, no próximo capítulo, por meio da memória, o processo de criação da escola primária particular da professora Zulcema, levando em conta as condições objetivas do contexto de modernização da cidade e a formação da classe média urbana.

²¹ Jornal Folha do Povo. Criciúma, 18.06.1951, Ano I, n. 25.

3 MEMÓRIAS DO CURSO PARTICULAR PÓVOAS CARNEIRO

Procuraremos fazer essa discussão por meio das memórias da professora Zulcema Póvoas Carneiro, contrastando com as memórias das professoras, dos pais e de ex-alunos da escola, promovendo o entrelaçamento com algumas leituras que nos ajudarão a compreender o contexto e as políticas para a educação no período em que a escola da professora Zulcema esteve em funcionamento, ou seja, de 1942 a 1962.

Como estamos trabalhando com o nosso objeto na perspectiva da contribuição para a constituição de uma determinada classe social, fizemos a opção por nos apropriarmos do conceito de memória apresentado por Halbwachs (2006) quanto ao seu caráter coletivo, segundo o qual passaremos a discorrer.

De acordo com Halbwachs (2006, p. 29-70), a memória do indivíduo está relacionada à família, à classe social a que pertence, à escola, à igreja, à profissão. É constituída pelos grupos sociais e tem uma dimensão coletiva, espontânea, múltipla, guardiã do passado. O autor procura explicar que a memória possui um caráter social apesar de ter um componente individual, porque é construída sob um ponto de vista da memória coletiva.

Segundo Halbwachs (2006, p. 29),

Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós. O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso.

Halbwachs chama a atenção para a existência de duas dimensões da memória. Uma está relacionada à sua coletividade, na medida em que recorremos a determinados testemunhos como forma de recordar de algo que não nos é estranho. A outra diz respeito ao seu aspecto individual, tendo em vista que recorremos aos nossos próprios testemunhos em primeiro lugar. No entanto, o segundo mantém-se ligado e apoiado na experiência que é, antes de tudo, coletiva.

O autor (2006, p. 30) ressalta ainda que “jamais estamos sós”, não sendo necessário que “outros estejam presentes, materialmente distintos de nós”. Em seu estudo, Halbwachs (2006, p. 64) remete a construção e a reconstrução da memória ao âmbito da coletividade, sugerindo que, quando estamos convictos de que uma

determinada idéia foi pensada exclusivamente por nós, acabamos por nos dar conta de que o autor é outra pessoa, justamente “porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem”.

No entanto, chama atenção para o fato de que as lembranças que evocamos com um maior grau de dificuldade são, justamente, as que dizem respeito a nós mesmos por constituírem “nosso bem mais exclusivo, como se só pudessem escapar aos outros na condição de escaparem também a nós”. (HALBWACHS, 2006, p. 67)

O autor pondera, entretanto, que, embora produzida na coletividade, a memória retira sua força e duração por intermédio do indivíduo, que é onde as lembranças surgem, enquanto parte integrante de um coletivo. Salienta ainda, que o surgimento das “lembranças comuns” toma intensidades distintas em cada indivíduo.

De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (HALBWACHS, 2006, p. 69)

Por outro lado, o próprio Halbwachs (2006, p. 78-79) nos assegura que a “nossa memória não se apóia na história aprendida, mas na história vivida”. Nessa perspectiva, nos apresenta um conceito de memória ligado a um conceito de história, que se contrapõem à linearidade cronológica, ressaltando que:

Por história, devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto.

Por fim, Halbwachs (2006, p. 91) salienta que a lembrança não é uma construção, mas uma reconstrução do passado que se dá a partir das informações contidas e fornecidas pelo presente. Aliás, o autor chama a atenção para as tantas “reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada”.

Entendemos que as narrativas trazidas à tona pela memória e expressas na oralidade são carregadas de armadilhas que, por sua vez, requerem atenção porque são instáveis, plurais e descontínuas, cabendo ao pesquisador observar a leitura daquilo que não foi dito ou que ficou nas entrelinhas dos respectivos discursos e avaliar as possíveis interpretações do que se apresenta. As narrativas

expressam-se a partir de pontos de vista próprios, trazidos do passado e reinterpretados no presente.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Bosi (1994, p. 55) afirma não ser possível trazer ao presente o passado tal qual, sem que o mesmo passe pelo processo de reconstrução a partir do contexto e de experiências firmadas no presente.

Assim, a partir da opção de privilegiar a memória daqueles que viveram e ajudaram a construir, de um modo ou de outro, a história do Curso Particular Póvoas Carneiro, precisamos ter clareza de que a memória é construída socialmente, mesmo porque, todo processo de recordação traz consigo a necessidade da apropriação de um passado que não poderia ser construído, tampouco mantido, fora de qualquer sociedade.

A partir do exposto, passaremos a trabalhar com as memórias produzidas sobre a escola primária particular Curso Póvoas Carneiro dentro desse processo de reconstrução do passado a partir dos elementos trazidos pelo presente, fruto da reelaboração dos indivíduos em sua condição social e, portanto, coletiva.

3.1 De Florianópolis a Criciúma: breve biografia da professora Zulcema Póvoas Carneiro.

Para melhor compreendermos a história da escola primária Curso Particular Póvoas Carneiro, faz-se necessário, antes, conhecer um pouco da biografia da professora Zulcema Póvoas Carneiro, que foi a pessoa que idealizou, criou e implantou em Criciúma, na década de 1940, a escola Póvoas Carneiro. Ao mesmo tempo, devemos analisar a chegada da professora Zulcema no contexto de crescimento e desenvolvimento da cidade que se fará notar no mesmo período.

Ao buscarmos compreender as razões e as condições objetivas que motivaram e levaram à criação efetiva daquela que foi a primeira escola primária particular de Criciúma, torna-se mister focar, além da idealizadora, o processo de modernização vivido na cidade, articulado a um contexto maior e que extrapola as fronteiras do município, do Estado e do País.

Nascida e criada na cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, a professora Zulcema é neta de imigrantes portugueses vindos da cidade de Póvoa de Varzim,²² e filha de Agenor Mamede Póvoas e Ernestina de Lemos Póvoas. De acordo com a própria professora, seus pais cursaram o nível médio, sem, no entanto, ingressar em algum curso de nível superior. O seu pai, apesar das dificuldades, tinha uma relativa visibilidade social, dada a sua profissão de telegrafista, chegando a ser um dos fundadores do clube de futebol da capital do Estado, conhecido como Figueirense Futebol Clube.²³ Professora Zulcema relata que, em certa ocasião, quando seu pai era presidente do clube, ela foi incumbida de colocar pequenos laços na lapela das pessoas que assistiam aos jogos, como forma de angariar algum dinheiro para o clube. As lembranças da professora Zulcema nos dão conta de que seus pais, apesar de não terem grandes posses e de terem constituído uma família numerosa, conseguiram oferecer uma educação escolarizada aos seus filhos, bem como uma vida integrada à sociedade da época.

Quando questionada sobre seus pais e a condição social de sua família, respondeu:

Tiveram nove filhos, uma família numerosa e com isto a gente teve uma certa dificuldade de vida. Família numerosa, tu sabes como é. Mas, se viveu. Felizmente não nos faltava nada, só não tínhamos society, que hoje tudo é society. Nós éramos humildes, meu pai trabalhava para educar os filhos. Eu cursei o meu normal no Colégio Coração de Jesus, que na época era a professora de português a Antonieta de Barros, que foi a primeira política do Brasil, a Deputada de Santa Catarina.²⁴

Zulcema Póvoas Carneiro é uma daquelas tantas pessoas que sonhavam em ter uma profissão e acabaram enveredando para uma atividade profissional que seria, diante de circunstâncias objetivas, possível de ser concretizada. Foi assim que a jovem Zulcema, cujo sonho era ser médica e trabalhar na área da saúde, acabou

²² Conforme o site <http://www.povoadevarzim.pt> – acessado em 10.01.2008, pelo “decreto 310/73 de 16/6/1973 foi elevada a cidade esta milenária povoação, com denominação de Vila Euracini, no ano de 953. (...) O Conselho da Póvoa de Varzim situa-se no extremo Noroeste da província do Douro Litoral, no Distrito do Porto. A Norte confina com o Conselho de Esposende, a Nordeste com o de Barcelos, a Nascente com o de Vila Nova de Famalição e a Sul com o de Vila do Conde. A Oeste é banhado pelo Oceano Atlântico. Ocupando uma área de 8224 hectares e cerca de 60.000 habitantes, divide-se administrativamente em 12 freguesias: Aguçadoura, Amorim, Argivai, Aver-o-Mar, Balazar, Beiriz, Estela, Laúndos, Navais, Póvoa de Varzim, Rates e Terroso.

²³ Conforme o site <http://www.figueirense.com.br> – acessado em 01.12.2007, Agenor Mamede Póvoas participou em 12 de junho de 1921 do ato de fundação da sociedade Figueirense Foot Ball Club, tornando-se presidente da referida associação entre os anos 1924 e 1925.

²⁴ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 19/01/2006.

se tornando e ganhando relativa notoriedade como professora normalista em Criciúma. Mais tarde, com a aproximação da aposentadoria no magistério público estadual de Santa Catarina, prestou concurso e foi aprovada para trabalhar no Tribunal Regional do Trabalho (TRT) de Porto Alegre. Porém, iniciou suas atividades no Judiciário atuando nas juntas de conciliação e julgamento em Criciúma até ser transferida para o TRT de Florianópolis.

A jovem que sonhava em ser médica, após concluir o Curso Normal em Florianópolis, foi morar em Criciúma. Ali pôde cursar enfermagem, formando-se na primeira turma do hospital São José e, bem mais tarde, cursou dois anos de Medicina em Buenos Aires, na Argentina, sendo obrigada a retornar a Criciúma por motivos de saúde.

Diante das circunstâncias, acabou canalizando suas necessidades e aspirações para o exercício do magistério. Zulcema formou-se no curso normal em 1940, dias depois da morte de seu pai, colocando-a diante de uma situação de escolha e, ao mesmo tempo, possibilitando a oportunidade de sair para exercer uma profissão, o que não seria muito fácil se dependesse da vontade de seu pai. Este, sem que ela soubesse, inscrevera no concurso do Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp)²⁵, numa tentativa de mantê-la perto de casa e da família.

(...) o meu pai preparou, sabia que eu não podia sair e não me deixava ir para lugar nenhum, porque era aquela educação antiga. A filha para sair de casa era difícil, então, ele me inscreveu, sem que eu soubesse num concurso do DASP. Tá! Eu aceitei, claro, não é?²⁶

No entanto, diante das dificuldades impostas pela morte de seu pai, o provedor da família e, ao mesmo tempo, quem a impedia de sair de casa e buscar novas possibilidades, acabou transferindo-se para Criciúma e deu início a sua história profissional dentro do magistério como professora interina. Sendo assim, Zulcema acabou por não assumir a vaga conquistada no concurso do Dasp, como era a vontade de seu pai, mesmo porque o resultado saiu tempos depois, quando já se encontrava em Criciúma.

²⁵ Conforme o site <http://www.cpdoc.fgv.br> – acessado em 25.06.2007, este órgão, que estava previsto na Constituição de 1937 e que foi criado em 30 de julho de 1938, estava diretamente subordinado à Presidência da República, com o objetivo de aprofundar a reforma administrativa destinada a organizar o serviço público no País.

²⁶ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 19/01/2006.

(...) eu fui para Criciúma pelo seguinte, nós não estávamos numa situação financeira satisfatória, nove filhos, só tinha um casado, a família toda em casa, e eu tinha o concurso, sabia o resultado. Mas não podia ficar com o diploma engavetado, tinha que ir em busca de uma ajuda familiar. Fui, então, para Criciúma. Fui como professora interina, porque quando, antes da formatura, várias pessoas que já tinham uma média para passar, já fizeram o ingresso para o concurso do magistério, mas eu não fiz porque meu pai não deixaria eu sair. Já tinha dito mesmo que não ia sair, mas ele morreu, eu fui obrigada, senti que devia ajudar não é? Aí fui para Criciúma lecionar. Comecei no Lapagesse, não é? Consegui.²⁷

A citação acima deixa claro que a normalista tinha conhecimento das vagas para o exercício do magistério na cidade de Criciúma, indicando a possibilidade de uma colocação profissional em uma cidade do interior, em processo de expansão e crescimento econômico e populacional.

A professora Zulcema faz questão de enfatizar que sua transferência para Criciúma sempre esteve vinculada ao seu desejo de poder cursar Medicina e, ao mesmo tempo, proporcionar à sua família algum suporte financeiro, dado o abalo resultante da morte de seu pai.

Olha, eu fiz todo o meu estudo, mas acontece que eu fui pra Criciúma querendo estudar Medicina, mas não foi possível porque na época, aqui não havia Medicina, aliás, a Faculdade aqui foi inaugurada em 1960 e eu terminei o Normal em 40 (...).²⁸

Nota-se que ela vem de uma família cuja figura paterna deveria expressar centralidade, poder e respeito. Lugar de onde as relações deveriam partir e para onde elas deveriam retornar. Embora os avanços femininos demonstrados no ímpeto da própria professora Zulcema, aquela sociedade das décadas de 1920 e 1930, na qual ela foi formada e educada, ainda apresentava as marcas de uma carga cultural muito forte, segundo a qual a mulher deveria restringir-se ao âmbito do lar ou o mais próximo dele.

No entanto, a morte de seu pai abriu caminho para que ela viesse para Criciúma e, de certo modo, passasse a ajudar na manutenção de sua família que havia ficado em Florianópolis. Segundo ela própria, transfere-se para Criciúma em 15 de fevereiro de 1941, “chegando à cidade às 6 horas da tarde, quando o sino da matriz estava batendo a ave-maria”.²⁹ Em Criciúma, a professora normalista

²⁷ Idem

²⁸ Idem

²⁹ Idem

conheceu Mário da Cunha Carneiro,³⁰ filho de um industrial e pecuarista, com quem noivou ainda naquele ano e casou-se no primeiro dia do mês de julho do ano seguinte, 1942.

Quando a professora Zulcema faz alguma referência ao seu marido, faz questão de caracterizá-lo como uma pessoa boa, bem colocado socialmente e, de certo modo, bastante “liberal”, por deixá-la trabalhar para ajudar sua família que havia ficado na capital. Ou seja, o marido acabou sendo para ela o que o pai, talvez, jamais seria.

E nesse mesmo ano (1941) eu noivei. No ano seguinte eu casei, mas não deixando de ajudar a minha família, de maneira alguma. Eu continuei ajudando. Meu marido era uma pessoa excelente, exemplar e ele nunca me proibiu de trabalhar. Não para nós, mas para ajudar os meus. E assim eu fiz. Casei no ano seguinte, e lá fiquei.³¹

Inicialmente moraram na casa dos pais de seu marido por um período aproximado de 30 dias, no endereço da rua Seis de Janeiro, esquina com a rua Conselheiro João Zanette, na praça Dr. Nereu Ramos. Logo depois, em 1º de agosto daquele mesmo ano, mudaram-se para a casa construída especialmente para o casal, onde teve início a escola particular Póvoas Carneiro e, mais tarde, a construção de um prédio próprio para o estabelecimento de ensino no mesmo terreno (fundos da casa).

Em Criciúma, Zulcema ingressa no magistério público estadual como professora normalista interina do Grupo Escolar Professor Lapagesse³² e, mais tarde, participou de concursos públicos chegando a atuar como diretora de escola, inspetora escolar e inspetora regional. Como diretora escolar, atuou em escolas públicas estaduais como Grupo Escolar Humberto de Campos, Grupo Escolar Heriberto Hülse e o próprio Professor Lapagesse. Mais tarde, presta concurso para inspetora escolar e assume como inspetora de Criciúma, mas, logo em seguida, foi convidada para ser inspetora regional de seis municípios da região: Içara, Nova Veneza, Morro da Fumaça, Urussanga, Siderópolis e Criciúma.

³⁰ Mário da Cunha Carneiro possuía formação técnica em contabilidade e desempenhou suas funções na “Sociedade Carbonífera Próspera S.A.”, primeiramente, e depois, na “Construtora Cresciumense Ltda.” como diretor-administrativo. Além disso, participou também como membro do Lions Club de Criciúma. (ZACHARIAS. 2000, p. 468).

³¹ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 19/01/2006.

³² Resolução n. 9.481 da Secretaria do Interior e Justiça: “Nomeando a normalista Zulcema Póvoas, para exercer, interinamente, o cargo de professora do Grupo Escolar Professor Lapagesse, de Cresciuma”.

Foram os seis municípios em que eu trabalhei como inspetora. Aí, para visitar as escolas era um suplício, não havia condução. Mas os prefeitos das cidades me mandaram buscar e eu visitava as escolas, aquelas mesmo do interior dos municípios, eu visitava lá para reforçar, não é?³³

Professora Zulcema, salientando as dificuldades de acesso às escolas em virtude da falta de condução, remete a uma relativa precariedade das condições físicas e materiais do poder público local. Explica, ainda, como eram as atividades inerentes à função de inspetora regional, dizendo que cada município possuía um inspetor escolar. Já a inspetora regional trabalhava diretamente com diretores, professores e inspetores escolares, ou seja, a inspetora regional tinha como principal atribuição verificar e apontar como deveriam proceder dentro da profissão:

E, às vezes, até, eu ministrava aulas nas escolas do interior dos municípios, porque era necessário. As professoras não tinham capacidade suficiente para lecionar. Muitas, não todas, não é? E eu dava aulas para ver como que se ensinava, como é que se tinha que agir, porque elas também, quando eu chegava, elas ficavam meio receosas, porque inspetor escolar naquela época, as inspetoras quase não faziam isso. E elas, então, ficavam... receosas, vamos dizer constrangidas, mas eu logo resolvia a situação, já deixava todo mundo à vontade. É que tem que ser, se não... Não era coação.³⁴

A esse respeito, vale destacar que muitas das professoras em atividade no município de Criciúma, naquela época, não tinham formação no magistério. Isso só foi possível quando o governo criou o Curso Normal Regional Nicolau Pederneiras, que funcionava no prédio do Colégio Professor Lapagesse. Ali as professoras recebiam o título de regionalistas,³⁵ cuja formação lhes proporcionava maior qualificação. A professora Zulcema também atuou como professora no “Nicolau Pederneiras” e ajudou a formar algumas das professoras que, mais tarde, viriam a trabalhar em sua escola primária.

A professora exerceu, além de atividades profissionais, uma relação muito intensa com a comunidade de Criciúma, pois mostrava ser uma mulher ativa, comunicativa e integrada à sociedade e às questões relacionadas a essa sociedade, levando-se em conta a sua posição social. Casada com Mário da Cunha Carneiro e,

³³ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 19/01/2006.

³⁴ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 19/01/2006.

³⁵ Havia, naquele momento, uma carência muito grande de profissionais devidamente habilitados para o exercício do magistério. Era comum a presença, nas salas de aulas, de professores que exerciam a profissão sem a qualificação obtida por meio da formação escolarizada e técnica do magistério. Desse modo, a implantação do Curso Normal Regional possibilitou com que muitas professoras voltassem a se colocar na condição de alunas normalistas/regionalistas.

portanto, nora de Jorge da Cunha Carneiro, um importante empresário da mineração,³⁶ ela passou a integrar a classe média urbana em formação, que lhe possibilitava e facilitava o acesso às atividades sociais, junto à igreja, aos clubes e a associações de caridade, devido à sua formação católica e cristã.

Nesse sentido, é importante mencionar algumas de suas participações em campanhas beneficentes, como a que foi registrada no jornal Folha do Povo no ano de 1951, fazendo referência à realização de um show em benefício de uma fundação de combate ao câncer, conhecida como “Fundação Laureano”, cuja campanha chegou a Criciúma por meio da programação da Rádio Globo do Rio de Janeiro.³⁷

Atendendo aos constantes apelos feitos pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro uma plêiade de senhoras e senhoritas de nossa sociedade farão realizar na noite de 9 do corrente, nos salões do Olímpico Basquete Clube,³⁸ um filantrópico show em benefício da Fundação Laureano. Neste festival serão reservadas mesas especiais às classes médicas e farmacêuticas do Sul do Estado, homenageando destarte a pessoa do médico mártir dr. Napoleão Laureano. Abrilhantarã o festival o Jazz Municipal da Laguna que, acompanhado do Dr. Paulo Carneiro, operoso médico e D.D. Prefeito da cidade vizinha, aqui virã, espontaneamente, colaborar para o feliz êxito da nobre campanha. Agradecendo antecipadamente, a comissão espera a colaboração do bondoso povo de Criciúma e, muito especialmente, da classe Médica e Farmacêutica, do Sul do Estado. ZULCEMA PÓVOAS CARNEIRO, MARIA ZILLI TOMÉ, MARIA DE L. HÜLSE LODETTI.³⁹

A nota do publicada no jornal trás a assinatura da professora Zulcema, o que indica sua participação na organização do evento beneficente. Dessa forma constatamos o envolvimento da professora Zulcema nos mais diversos espaços da

³⁶ Conforme Zacharias (2000, p. 468), Jorge da Cunha Carneiro, industrial e pecuarista, veio para Criciúma em 1910. Ainda segundo o autor, “No ano de 1917, em sociedade com o engenheiro Paulo Marcus, Frederico Minatto, Marcos Rovaris, Francisco Meller, Pedro Benedet e outros, criou a “Sociedade Carbonífera Próspera Ltda.” (...) Foi administrador da nova empresa até 25 de julho de 1924, quando um grupo de capitalistas brasileiros, do Rio de Janeiro, e alemães comprou a totalidade das cotas da organização, que passou a se chamar “Sociedade Carbonífera Próspera S.A.” Em agosto de 1938 ligou-se a outro grupo econômico de Criciúma, o qual, liderado por Júlio Gaidzinski, adquiriu, por sua vez, todo o patrimônio da sociedade. Esta assim permaneceu até 25 de agosto de 1942”. (...)

³⁷ Acometido pelo mal do câncer e desenganado pela medicina, o Dr. Napoleão Rodrigues Laureano iniciou, ele mesmo, uma campanha em prol da construção de um centro de combate ao câncer na Paraíba. A campanha foi lançada nos jornais e rádios do Rio de Janeiro, e espalhou-se por todo o Brasil. Assim, em 17 de março de 1951 foi criada a Fundação Laureano na sede do Jornal “Diário Carioca” e, em 24 de fevereiro de 1962, foi inaugurado no bairro de Jaguaribe em João Pessoa, na Paraíba, o Hospital Napoleão Laureano, que contava, naquela ocasião, com 50 leitos. O Dr. Napoleão faleceu em 31 de maio de 1951 no Hospital Gafrée e Guinle, antes de ver seu sonho concretizado.

³⁸ Segundo Milanez (1991, p. 292), o Olímpico Basket Ball Club foi fundado em junho de 1947 por jovens da classe média de Criciúma.

³⁹ Folha do Povo. Criciúma, 03.06.1951, p. 3.

sociedade cricumense. No entanto, nos interessa entender as condições objetivas que levaram a professora a interessar-se por criar em Criciúma uma escola primária particular, voltada para uma elite urbana. A partir desse momento, procuraremos trazer alguns elementos que possam contribuir para o esclarecimento daquilo que constitui, mais especificamente, o nosso objeto de estudo.

3.2 A Criação da Escola no Contexto de Modernização da Cidade

Como vimos anteriormente, a professora Zulcema chegou a Criciúma num contexto que apontava para o crescimento e o desenvolvimento da economia observada a partir do final dos anos 1930, acompanhados pelo processo de urbanização e modernização da cidade que acabou por produzir uma classe média vinculada a uma cultura eminentemente urbana.

Nossa pesquisa revelou que esse mesmo contexto que atraiu para cá a jovem normalista também a motivou a instalar na cidade uma escola particular primária que viesse a atender diretamente os filhos dessa mesma classe emergente. Aliás, a própria professora Zulcema reconhece, em suas lembranças, que acompanhou todo o desenvolvimento do lugar e teve uma parcela de contribuição, “eu fui crescendo também, fui crescendo com o município e tenho certeza que colaborei bastante”.

Cabe destacar que a professora teve até a juventude, quando se formou normalista, toda sua formação em Florianópolis, que se constituía em um centro urbano mais desenvolvido, principalmente, se comparado a uma cidade do interior como Criciúma. Tanto é que ao chegar à cidade assustou-se com o baixo nível de infra-estrutura e a precariedade do abastecimento de mercadorias. Criciúma, nessa época, ainda estava passando por um processo de transição no que diz respeito à mudança no seu caráter agrário para o urbano e industrial, predominando uma cultura característica própria de uma cidade interiorana, que apenas estava iniciando seu processo de modernização.

Nesse sentido, a professora constatou que havia, no local, muitas famílias de posses, mas que não viam importância na escolarização de seus filhos. Percebeu que esse era um espaço possível de intervenção, convencendo essas famílias a investir na educação de seus filhos.

Foi aí que eu criei o Curso Particular Póvoas Carneiro. Criei por duas razões: uma porque eu precisava, a situação financeira da minha família era difícil. Eu precisava trabalhar mais, e outra, porque a instrução em Criciúma deixava muito a desejar. Então, o que eu fazia? Eu ia aos lares daqueles aquinhoados pela sorte, que tinham dinheiro. Eu ia lá para fazer ver, mandava os filhos estudar, ta, ta, ta, ta, ta, ta... Aquela coisa, aquela prédica de cada dia (...). E o pessoal começou a tirar o dinheiro do pé de meia, como diziam, e os filhos já começaram a ir pra cá, pra lá, pra acolá. (...) ⁴⁰

Percebemos em sua fala que a professora Zulcema chegou a Criciúma numa situação financeira nada confortável, pelo menos para o padrão que o pai, quando vivo e ativo profissionalmente, podia lhe proporcionar. Tal condição fez com que ela precisasse trabalhar para se manter e ainda ajudar na manutenção de sua família, que havia ficado em Florianópolis. Ao mesmo tempo em que alega a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento de seus familiares, a professora lembra que o outro motivo que a incentivou a oferecer seus serviços profissionais particulares foi a precariedade em que se encontrava a educação formal/escolarizada no município.

Nesse aspecto, chama a atenção o fato de ela ter identificado, logo no início de sua chegada à cidade, a existência de um grupo de pessoas que reuniam boas condições financeiras, mas que não viam como necessário o emprego desses recursos na formação de seus filhos que, na maioria das vezes, acabavam estudando em Criciúma até o momento em que os recursos locais se esgotavam, ou seja, acabavam cursando o primário e logo abandonavam os estudos, encurtando assim, o tempo de permanência na escola.

(...) Naquele tempo, eles não davam muita atenção à instrução, à educação. Criciúma era a cidade do dinheiro e acabou. Depois é que eu comecei a visitar famílias para fazer ver que precisava estudar. Porque ta, ta, ta, aquela coisa toda, explicar. ⁴¹

Ela observou, então, que antes da educação primária formal, deveria concentrar seus esforços na preparação daqueles que já haviam passado pelo curso primário para que obtivessem condições de serem aprovados e admitidos aos ginásios que, naquela época, não existiam em Criciúma. Isso nos fornece um indicativo de que essa preparação era voltada para os filhos daqueles que apresentassem as condições financeiras para encaminhar as crianças para estudarem fora da cidade.

⁴⁰ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 19/01/2006.

⁴¹ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 26.04.2006.

Depois o meu curso não era ginásio. Era Curso Particular Póvoas Carneiro, que ia do 1º ano até o pré-ginásial. Porque naquele tempo tinha que fazer prova, como se fosse um vestibular para entrar no ginásio. Eu já fazia isto na minha casa.⁴²

Assim, o Curso Particular Póvoas Carneiro começou não pela 1ª série do primário, mas pelo 5º ano, que, conforme definição do Decreto-Lei n. 8.529 de janeiro de 1946, se constituiria em uma preparação para os exames de admissão ao ginásio. (GHIRALDELLI JR. 1992, p.85)

Eu conseguia que viessem, porque, naquele tempo, para fazer um Ginásio, precisava fazer um exame de admissão, e eu telefonava para vários lugares para ver se fulano... Se havia lugar, se havia possibilidade de a pessoa vir, e assim...⁴³

A professora, além de preparar as crianças para ingressarem no curso ginásial, também se incumbia de fazer os contatos necessários para encaminhá-los aos respectivos ginásios que havia fora de Criciúma. Muitos desses alunos acabaram indo estudar em Porto Alegre, Tubarão, Laguna e Florianópolis, por intermédio da própria professora.

A ampliação da escolarização dos filhos da classe média, que compunha a elite urbana local, estava em acordo com a necessidade imposta pelo processo de modernização que chegava a Criciúma no bojo da consolidação do capitalismo industrial. Ou seja, era necessária uma formação adequada para aqueles que integrariam, num futuro próximo, os quadros políticos, empresariais e comerciais da cidade.

Antônio Sérgio Borges foi um dos tantos alunos que freqüentaram o 5º ano preparatório ao Ginásio no “Póvoas Carneiro”, salientando a qualidade do curso:

O pai optou por Porto Alegre. Então aí tinha que fazer o exame nos colégios, exigiam o chamado Exame de Admissão. Por isso que eu fui fazer, durante um ano, essa preparação na Dona Zulcema para o exame de admissão, lá em Porto Alegre. (...) É. Mas veja bem, não era uma coisa gritante, porque a qualidade do ensino, também o público, era muito boa. Agora, o da Dona Zulcema era algo mais, quer dizer, era um atendimento... Tanto assim, que saí daquele público (Grupo Escolar Professor Lapagesse) e fui ali para fazer admissão sem problema nenhum. (...) E daí quando fui fazer lá no ‘Rosário’ em Porto Alegre, o nível também era muito bom. O Colégio Rosário, dos Irmãos Maristas. Não tive problema. Eu passei sem problema nenhum. (...) ⁴⁴

⁴² Idem

⁴³ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 19/01/2006.

⁴⁴ BORGES, Antônio Sérgio - Entrevista concedida em 28/04/2006.

Assim, a professora, ao mesmo tempo em que exerce a função de professora normalista no Lapagesse, inicia suas atividades como professora particular. Num primeiro momento, volta-se para a formação do chamado 5º ano que, como foi mencionado anteriormente, prepara para o ingresso no ginásio. Depois, inicia as atividades com as turmas regulares de 1ª à 4ª série primária, mantendo, mesmo assim, o 5º ano, que absorvia os alunos que haviam estudado, principalmente, no Lapagesse.

A escola, então, torna-se instrumento voltado à formação escolarizada das elites locais no processo de modernização da cidade. Essas duas categorias que escolhemos para a análise do nosso objeto de estudo aparecem sistematicamente e nos ajudam a responder ao problema colocado diante do processo de pesquisa. A criação do “Póvoas Carneiro” em relação ao processo de modernização da cidade e da formação da classe média urbana mostra-se evidente quando nos deparamos com depoimentos que reforçam esse caráter da escola pelo fato de haver uma necessidade de aprimorar e ampliar a educação formal dessa mesma classe média urbana, que emergiu na cidade no mesmo período em que a professora Zulcema ali chegou e criou a escola particular.

Quando questionada sobre o registro e funcionamento da escola, relata que a mesma foi registrada ainda em 1941, atendendo a uma exigência legal que vinha da própria Secretaria de Educação, onde obteve a autorização para o funcionamento da escola, embora, nos primeiros anos da década de 1940, a atuação da professora tenha se caracterizado pela prestação de seus serviços de forma particular e não, necessariamente, pela existência de uma escola, fisicamente perceptível do ponto de vista da edificação, pois, a professora lecionava no interior de sua própria casa.

É, porque naquele tempo não podia lecionar particularmente sem ter o registro na Secretaria de Educação e eu já estava lecionando. Meus primeiros ex-alunos foram o Vânio Faraco, Ado Vânio de Aquino Faraco, o Moacir Benedet. Eu não tenho certeza se aqueles Benedet..., eram do mesmo tempo, foi antes do meu registro, não tenho certeza. Mas eu tive outros alunos antes do meu registro, mas em 41 eu já registrei (com o pedido de registro), porque não poderia continuar lecionando.⁴⁵

⁴⁵ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 19/01/2006.

Em relação ao registro formal e legal da escola no órgão responsável pela educação no Estado, uma observação faz-se necessária e pertinente. Ao longo de dois anos de pesquisa, buscamos incessantemente por esses documentos e não os encontramos na Secretaria Estadual de Educação, no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, tampouco no Arquivo Público Municipal de Criciúma. De modo algum, isso quer dizer que a escola não tenha funcionado legalmente e que os referidos documentos legais não existam de fato. Acontece que, até o momento, nós ainda não os encontramos, o que coloca o tema em suspensão.

De acordo com as informações que obtivemos, os documentos da escola foram deixados em um porão na casa de uma das filhas da professora e acabaram se perdendo com a enchente de 1974, quando a professora Zulcema já estava morando em Florianópolis, por ocasião da morte de seu marido e a aprovação no concurso do TRT.

Mas isso aí eu já pensei tanto. Quando eu vim pra cá, morar em Florianópolis, quando o meu marido faleceu. Eu vim pra cá e limparam e compraram um apartamento. Este aqui estava em construção. Eu então aluguei um apartamento aqui (em Florianópolis). Como era alugado, eu não trouxe tudo de lá. Deixei no porão da casa da Kátia toda a minha papelada de escola. (...) Que a água levou na enchente (1974). Não deixei só isso não. Deixei uma porção de coisas lá. Esperando que ficasse pronto aqui o apartamento. A água carregou tudo. Livro de matrícula, de chamada. Tinha tudo ali. Tudo, tudo. Infelizmente.⁴⁶

Que a escola existiu e funcionou entre os anos de 1942 e 1962, não há dúvida. As evidências produzidas são muitas. Fotografias, jornais da época, cadernos, notas e menções honrosas, boletins e, acima de tudo, pessoas que passaram ou se envolveram de uma forma ou outra com a escola constatarem sua existência no período mencionado. No entanto, o registro legal no órgão responsável e competente não pode ser assegurado por não termos nenhuma outra fonte que pudéssemos cruzar com as informações levantadas nas entrevistas e que resultam do trabalho de reelaboração da memória, por parte dessas mesmas pessoas.

Ao recordar de sua atuação como professora particular, sugere que a criação, a implantação e o funcionamento da mesma estiveram muito vinculados ao seu marido, Mário da Cunha Carneiro, que assegurou as condições necessárias, inclusive financeiras, para que a mesma pudesse existir e ser ampliada com o tempo.

⁴⁶ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 26/04/2006.



Figura 2 - Vista panorâmica da área central da cidade de Criciúma na primeira metade da década de 1940. No detalhe, podemos observar a casa e escola da professora Zulcema. No lado esquerdo, o espaço da Praça do Congresso.

Fonte - Acervo particular do autor, (Fotógrafo: Faustino Zappellini).

Ao indicar a localização da escola, a professora relata da seguinte forma o início de suas atividades como professora particular:

As primeiras aulas foram na minha sala, mas depois o meu marido construiu a minha escola com três salas grandes, boas, o gabinete do diretor, instalação que precisava sanitária, essa coisa toda. (...) Que ficava na rua Santo Antônio, nos fundos da minha casa, em que eu morava, porque o terreno naquele tempo era grande. Depois, os Cechinel fizeram atrás, mas o meu terreno era bem grande, e ali ele construiu a minha escola. (...) E ali eu adorava lecionar.⁴⁷

Desde o início, a professora Zulcema deixa claro que estava criando uma escola que seria, em grande medida, freqüentada por crianças que pertenciam a uma elite urbana, estabelecendo certa distinção entre a sua escola e as demais. Aliás, nos parece que havia uma única exceção, que era o Grupo Escolar Professor

⁴⁷ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 19/01/2006.

Lapagesse. Isso porque, mesmo sendo uma escola pública estadual, situava-se no centro da cidade e, por não haver alternativa próxima, tornou-se uma escola diferenciada no município, que até aquele momento atendia os filhos dos comerciantes e dos políticos, além dos filhos de proprietários de terras e minas de carvão. Nesse sentido, apresentava-se como a escola que, até então, atendia também a elite da cidade e, portanto, apresentava-se como uma escola de qualidade.

Eu só faço uma observação, que o ensino público, no caso o Lapagesse, era um..., vamos dizer assim, dentro do que eu poderia assim, hoje de longe, era um bom ensino. (...) Agora o que eu posso dizer é o seguinte, (...) não havia nem tu tinha percepção, (...), por exemplo, que a gente considera de mais pobre ou menos pobre ou pessoas de cor, quer dizer, no Colégio (Lapagesse) (...) você não tinha problema (...). Agora, na medida em que a coisa foi subindo, eu acho, que já entrando pro da Dona Zulcema, já elitizava um pouquinho.⁴⁸

A professora Zulcema precisava criar uma escola que se diferenciasse das demais, pois entendemos que, pelo fato de cobrar mensalidades e atender a “nata” da sociedade, não poderia confundir-se com as demais. Desse modo, a professora registra que “a responsabilidade era muito grande, um curso particular, era mensalidade. Era paga pelos pais.”⁴⁹

No entanto, a professora faz questão de salientar que em sua escola não estudavam apenas os alunos mais abastados. Ali, segundo ela, estudaram diversas crianças pobres, embora a maioria deles conseguisse manter-se com bolsas de estudos fornecidas, muitas vezes, pelas empresas em que seus pais trabalhavam e, em alguns casos, cedidas pela própria escola.

Eu tinha alunos bem pobres que até de alguns eu nem recebia. Não cobrava. Eles eram tratados igualmente tanto pelos professores como pelos colegas. Isso aí, nunca houve um aborrecimento por causa disso. Depois eu inventei de nas festas botar um sapato preto. Tinha que mandar fazer. Aqueles que não podiam, eu sabia que não podiam. Eu dava um jeito.⁵⁰

De fato, a escola tinha alguns alunos pobres, mas a grande maioria era mesmo formada por crianças cujos pais podiam pagar as mensalidades. No entanto, ao mesmo tempo em que ela diz não ter havido nenhum tipo de constrangimento, afirma também que, recentemente, alguns daqueles alunos, hoje profissionais formados, confirmam que ficavam envergonhados diante dos colegas calçados.

⁴⁸ BORGES, Antônio Sérgio - Entrevista concedida em 28/04/2006.

⁴⁹ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 19/01/2006.

⁵⁰ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 26/04/2006.

No começo até alguns vinham descalços. Gente que hoje é advogado, médico. Eles diziam: Dona Zulcema, nós fomos na aula, mas de repente nós ficamos com uma vergonha porque não tínhamos sapato. Eu dizia: deixa de ser bobo meu filho. Depois é que eles falaram. Agora tu vê, não havia rivalidade, eu tinha bastante gente que não podia pagar. E se pudesse pagar, no fim do mês, eu tinha pena de receber. Dizia: Não precisa pagar não. Dá esse dinheiro pra tua mãe. Eu sempre fui assim.⁵¹

Da mesma forma, a professora constantemente frisa, nas entrevistas, que ela própria, muitas vezes, incumbia-se de comprar ou encontrar um patrocinador para os sapatos daqueles alunos mais carentes de recursos financeiros. Assim, recorda uma ocasião em que conversava com um diretor do Plano do Carvão e o fazia reconhecer a necessidade de todas as crianças andarem devidamente calçadas e, para isso, usou como exemplo, os próprios filhos dessa pessoa.

Eu me lembro quando eu exigi o sapato. Um que era diretor do Plano do Carvão, disse: Dona Zulcema como é que a senhora vai exigir sapato. Onde é que se viu. Eu disse: - Olha pro pé do teu filho. Olha pro pé do outro, vê que coisa mais linda. Ele pegou e começou a rir. E os que não podem? Os que não podem não podem, mas eles vão ter um sapatinho também.⁵²

A postura assumida pela professora nos permite fazer algumas reflexões. Em primeiro lugar, devemos pensar a escola, antes de tudo, como um espaço privilegiado para os filhos das elites locais, mesmo observando a presença de crianças pobres, o que nos indica que a presença dessas crianças mais carentes revela a exceção e não a regra. Tratava-se de uma escola privada e que cobrava mensalidade dos alunos que ali se matriculavam para estudar.

Em segundo lugar, havia, incrustado na formação da professora e da classe média em geral, uma necessidade de ajudar os mais necessitados. Nesse sentido, vale lembrar que a professora participava ativamente das atividades realizadas pela Igreja, além de participar de campanhas de arrecadação e agremiações beneficentes, como era o caso do Clube da Lady, do Baú dos Pobres, do Clube das Hortênsias, do Rotary, entre outros.

Em terceiro lugar, mas não menos importante, devemos assinalar o interesse da escola em, constantemente, estabelecer certa distinção naquela sociedade que se tornava cada vez mais urbana e industrial, dado o seu processo de modernização. Isto pode ser percebido nas mais diversas ações realizadas pela escola e que procuravam dar ao Curso Particular um *status* condizente ao seu perfil.

⁵¹ Idem

⁵² Idem

Nesse sentido, por exemplo, não bastava apenas estabelecer a obrigatoriedade do uso do uniforme escolar, era preciso que esse mesmo uniforme fosse bem diferente dos que havia na época – geralmente padronizados –, como forma de chamar a atenção. Além disso, seria necessário ganhar destaque em relação às escolas públicas, por meio de um uniforme de gala que era usado pelos alunos somente em determinadas datas, comemorações e eventos “socialmente” importantes, como aconteceu por ocasião da inauguração do aeroporto municipal.⁵³ Voltaremos a este assunto mais especificamente no próximo capítulo.

Outro fator de destaque era a constante presença da escola em atividades culturais, principalmente aquelas relacionadas às datas cívicas, como o Sete de Setembro, as quais eram comemoradas em grande estilo pelas ruas da área central da cidade. Quanto a este aspecto vale lembrar que, por se tratar de uma escola particular, empenhava-se em fazer uma apresentação que saltasse aos olhos e demonstrasse que se tratava de uma escola evidentemente diferenciada.

Nesse sentido, devemos refletir acerca dos modelos e das políticas de educação presentes naquele momento, como forma de identificarmos o que a escola da professora Zulcema absorveu deles e em que medida respaldaram o objetivo da escola em formar uma determinada classe social vinculada à vida e à cultura urbana.

3.3 O Póvoas Carneiro e as políticas para a educação

Primeiramente devemos mencionar que, quando o “Curso Particular Póvoas Carneiro” foi criado, em 1942, a constituição em vigor era a que havia sido promulgada em 1937 e manteve-se até 1945. A carta de 1937 foi, segundo Ghiraldelli Jr., (1992, p. 81), “produzida pela tecnocracia getulista (Francisco Campos) e imposta ao País como ordenamento legal do Estado Novo”. Possuía um caráter antidemocrático, desobrigando o Estado da tarefa de manter e expandir o ensino público.

De acordo com o autor:

⁵³ De acordo com Milanez (1991, p. 216), o aeroporto de Criciúma foi inaugurado em 30 de junho de 1957, por reivindicação dos empresários e políticos locais que reclamavam das longas distâncias que percorriam para conseguir apanhar um voo para os grandes centros do País.

(...) a intenção da Carta de 37 era manter um explícito dualismo educacional: os ricos proveriam seus estudos através do sistema público ou particular, e os pobres, sem usufruir desse sistema, deveriam destinar-se às escolas profissionais. Assim, o artigo 129 determinou como primeiro dever do Estado a sustentação do ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas (GHIRALDELLI JR., 1992, p. 82).

A Constituição de 1937 refletia as tendências fascistas do Estado Novo, atenuando o impacto de algumas conquistas. “A ênfase é deslocada para a sugestão da liberdade da iniciativa privada. No período da ditadura, o movimento renovador entra em recesso” (ARANHA. 1996, p. 203).

Entre 1942 e 1946, ocorreu a decretação das leis orgânicas, conhecidas por Reforma Capanema, que passaram a ordenar o ensino no Brasil nos níveis Primário, Secundário, Industrial, Comercial, Normal e Agrícola. A referida reforma possuía um caráter elitista e procurava manter o dualismo educacional,⁵⁴ que pré-determinava dentro da sociedade da época os que teriam condição de prolongar o tempo de permanência na escola e os que teriam que voltar sua formação formal para alguma profissão técnica. Ghiraldelli Jr. (1992, p. 83) afirma que os decretos só não incorporaram “todo o espírito da Carta de 37 porque vingou já nos anos de liberalização do regime”, ou seja, no final do Estado Novo.

Nota-se que o movimento em relação à construção de propostas para a educação aconteceu em meio ao processo de industrialização e modernização do Brasil, fazendo com que as medidas apresentadas ajudassem o Estado a crescer e a se desenvolver para que, então, pudesse servir aos interesses do capitalismo que, naquele momento, consolidava-se no País.

No entanto, Aranha (1996, p. 202) afirma que:

Em pleno processo de industrialização do País, persiste a escola acadêmica. Os cursos mantidos pelo sistema oficial não acompanham o ritmo do desenvolvimento tecnológico da indústria em expansão. As escolas oficiais são mais procuradas pelas camadas médias desejosas de ascensão social e que, por isso mesmo, preferem os ‘cursos de formação’, desprezando os profissionalizantes. Acrescente-se o fato de continuar exigindo exames e provas, que tornam o ensino cada vez mais seletivo, e, portanto antidemocrático.

⁵⁴ Nas letras da Reforma Capanema, a organização de um sistema de ensino bifurcado, com um ensino secundário público destinado às “elites condutoras” e um ensino profissionalizante para as classes populares (GHIRALDELLI JR., p. 84).

Notemos que, de acordo com os autores acima citados, havia uma movimentação em torno das idéias que sustentavam a Escola Nova, e que representavam os interesses trazidos pelo processo de industrialização e modernização. No entanto, o nosso sistema de ensino ainda permanecia enredado ao modelo mais tradicional de pensar e fazer educação no Brasil.

Conforme Ghiraldelli Jr. (1992, p. 85),

A última dessas reformas foi a do ensino primário, através do Decreto-lei nº. 8.529 de Janeiro de 1946. Tal lei organizou o ensino primário num curso de quatro anos complementado por mais um ano que deveria ser preparatório ao exame de admissão ao ginásio.

Segundo o autor (1992, p. 85), por ter sido decretado no final do Estado Novo, “a Lei acabou preferindo os ventos soprados pelas idéias dos autores do “Manifesto” de 32, que advogavam certa modernização da sociedade capitalista (...)”. Isso mostra que o escolanovismo não desapareceu com a centralização do poder observado no Estado Novo, voltando à tona com o arrefecimento do Regime de Vargas.

Ghiraldelli (1992, p. 105) afirma ainda que:

O cenário mundial, com o fim da Segunda Guerra Mundial, anunciava uma nova era de construção de governos populares e democráticos na Europa. Era impossível, portanto, contrariar esse processo mundial de redemocratização.

Isso não quer dizer, necessariamente, que o escolanovismo representasse para a educação aspectos democráticos, apenas corroborava com os interesses do mundo capitalista, representados por certa abertura e flexibilização, como pode ser observada no próprio manifesto de 1932.

Sendo assim, o Brasil passou, no período de 1946 a 1964, a ser governado sob uma nova Constituição, conquistando uma democracia mesmo que restrita, pelo fato de nem todos os partidos políticos poderem existir legalmente.

Os partidos existentes não escaparam de um fenômeno crescente nesses anos: o populismo. Os políticos populistas, de esquerda ou de direita, baseavam-se em uma política de conciliação de classes, tentando cooptar as massas para a convivência com um regime que prometia a harmonia entre capital e trabalho (GHIRALDELLI JR., 1992, p.110-111).

Como a Carta Magna de 1946 previa a elaboração das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no ano seguinte, iniciou-se uma longa jornada que começou com a constituição, por Clemente Mariani (União Democrática

Nacional – UDN), ministro da Educação e Saúde do Governo Dutra (Partido Social Democrático – PSD), de uma comissão composta por educadores que se incumbiram da elaboração de um projeto para a LDBEN. A comissão elaborou o projeto e, em 1948, o remeteu ao Congresso Nacional. A questão foi que o projeto acabou sendo arquivado em 1949, com o empenho de Gustavo Capanema, deputado pelo PSD. Apenas no ano de 1957, a discussão em torno do projeto foi reiniciada e, no final do ano seguinte, a Comissão de Educação e Cultura recebeu um substitutivo do deputado Carlos Lacerda (UDN) que, em sua elaboração, baseou-se nas teses do III Congresso Nacional dos Estabelecimentos Particulares de Ensino, que ocorrera em 1948. Por isso mesmo, em 1959 surgiu a campanha conhecida como “Manifesto dos Educadores Mais Uma Vez Convocados”. O movimento de educadores que evocavam as diretrizes traçadas pelos pioneiros escolanovistas de 1932 tratou de questões gerais de política educacional. Em 1961, enfim, o projeto de LDBEN foi aprovado pela Câmara e pelo Senado (GHIRALDELLI JR. 1992, p. 112-115).

As informações que extraímos de Ghiraldelli Jr. (1992) e de Aranha (1996) remetem-nos, necessariamente, ao projeto de educação que estava em curso e a questionar se esse projeto foi absorvido em Santa Catarina e, em especial, pela escola primária que estamos estudando. Interessa-nos saber em que medida o “Póvoas Carneiro” sofreu influência dos projetos criados para a educação brasileira, no período de seu funcionamento.

Nós não tivemos acesso ao projeto da escola, pois não o encontramos devido a circunstâncias já mencionadas. No entanto, relatos e materiais escolares guardados por alguns dos ex-alunos da escola nos dão uma idéia da escolha e da postura da escola diante dos projetos que havia naquele momento. Assim, passaremos a analisar essas fontes com a intenção de tentar capturar os elementos que melhor expressam o caráter formativo da referida escola e a postura assumida por ela diante dos projetos existentes.

Por um lado havia o ensino tradicional de caráter conservador e, por outro, estava muito presente, se não na prática, mas no discurso, o ideário da Nova Pedagogia, representada pelo escolanovismo, cujo marco foi o manifesto escrito e assinado por intelectuais da educação brasileira em 1932. Isso se evidencia quando observamos os depoimentos orais e os contrapomos com outros documentos, como

cadernos e os próprios cartões de honra e menções honrosas, nos quais pudemos constatar que a organização das disciplinas, os conteúdos, as atividades programáticas impunham certa rigidez e apelo aos bons modos e costumes, ao mesmo tempo em que estimulava as premiações e estabelecia uma hierarquia capaz de indicar os “bons” e os “ruins”, passando por camadas de “inteligências intermediárias”.

Esse quadro revela que a escola atuava dentro de um projeto maior, apresentado na Constituição de 1937 e reforçado pelas Leis Orgânicas da Educação, que, por sua vez, procurava acompanhar o processo de desenvolvimento capitalista vivido no Brasil.

Nesse sentido, Aranha (1996, p. 164) frisa que a ampliação da escolarização nos três graus, observada no século XX, deve-se “à expansão da indústria e do comércio, à diversificação das profissões técnicas e dos quadros burocráticos na administração e na organização dos negócios”. Além disso, a autora faz referência ao surgimento de uma nova classe média envolvida na ilusão criada pela Escola Nova “de que a educação, por si só, asseguraria a mobilidade social e o sucesso”.

Ainda segundo Aranha (1996, p. 198-199), a Escola Nova gerou certo “otimismo pedagógico” e a maioria de seus defensores representavam

(...) o liberalismo democrático e os anseios da burguesia capitalista urbana em ascensão. Fazem oposição aos valores ultrapassados da velha oligarquia e não questionam o sistema capitalista como tal. Essa posição pode ser comprovada pela crença em um Estado Neutro, “a serviço de todos” e por uma concepção não ideológica da ciência e da técnica. Mais ainda, por serem os disseminadores da “ilusão liberal” da “escola redentora da humanidade”, segundo a qual a educação constituiria a mola da democratização da sociedade.

Por outro lado, percebemos que o ideário escolanovista sofreu uma resistência sistemática dos setores mais conservadores da sociedade, principalmente aqueles ligados e representados pelas escolas particulares confessionais. “Os pensadores católicos preconizavam a reintrodução do ensino religioso nas escolas por considerar que a verdadeira educação apenas pode ser aquela vinculada à visão moral cristã. Para eles, as escolas leigas ‘só instruem, não educam’” (ARANHA. 1996, p. 199).

Essas duas perspectivas estavam colocadas diante do ensino em todo o País, incluindo Santa Catarina. Aqui, por mais paradoxal que possa parecer, os

pressupostos da Escola Nova foram estabelecidos por meio de um Decreto-Lei,⁵⁵ ou seja, todo aquele conjunto de idéias que buscou renovar a pedagogia do ensino no Estado, como resultante do movimento, foi colocado em prática de cima para baixo, utilizando-se de um mecanismo autoritário e centralizador (FIORI, 1991, p. 126).

A pesquisa revelou que a educação das elites acabou por não absorver totalmente o ideário da Escola Nova, como não o foi pela maioria das escolas públicas também. Fiori (1991, p. 26), ao argumentar sobre a imposição do escolanovismo pelo governo em Santa Catarina, observou que “como consequência ocorreu que, muitas vezes, a renovação educacional se desse apenas na lei”, faltando, assim, uma avaliação mais detalhada e realista de toda a situação do ensino no Estado.

Desse modo, encontramos, na escola da professora Zulcema, indícios da contradição colocada diante da expansão e da consolidação do capitalismo industrial, juntamente com modernização e urbanização da cidade. O escolanovismo, que mais atenderia aos interesses da classe média urbana, não foi totalmente absorvido no processo de escolarização pelas elites urbanas. Aliás, percebemos que o escolanovismo esteve presente no discurso, mas predominava o modo mais conservador e tradicional, facilmente identificado nas diversas atividades propostas pelas professoras da escola, que podem ser confirmadas através de uma análise atenta dos cadernos dos alunos que lá estudaram. Tal idéia é reforçada não só pelos cadernos, mas por atitudes e práticas comuns – assinaladas nos depoimentos – relacionadas às promoções, aos castigos e à autoridade do professor, entre outros, como observaremos no próximo capítulo.

⁵⁵ Decreto n. 2.991 de abril de 1944.

4 PRÁTICAS E SABERES ESCOLARES: A PERCEPÇÃO DE CLASSE

A escola primária Curso Particular Póvoas Carneiro foi concebida pela professora Zulcema, que teve praticamente toda sua educação escolarizada e, principalmente, sua formação profissional como normalista, na década de 1930. Mesmo com os debates em torno do Manifesto dos Pioneiros e as discussões da Escola Nova, prevaleceu, ou ao menos esteve muito presente em sua formação, o modelo de escola tradicional.

Talvez por isso a pesquisa tenha detectado nas práticas escolares do “Póvoas Carneiro” a presença de uma rígida disciplina que, ao mesmo tempo, mostrava sinais de um relativo liberalismo, ou seja, parece ter havido certa combinação entre o formato tradicional da educação formal com a abertura política refletida na educação nos anos de existência da escola. Nela também encontramos, além desse caráter disciplinador, a constância de castigos que não vinham necessariamente sob o formato de agressões físicas. Mas na forma de humilhação e da prolongação do tempo de permanência na escola. Sem falar na prática de distribuição de prêmios que, ao mesmo tempo, qualificava e rotulava os alunos.

4.1 Disciplina, Castigos e Promoções: reproduzindo a sociedade

Existiam também as premiações, que consistiam na entrega de notas e menções honrosas e atendiam aqueles alunos que demonstrassem empenho e bom desempenho.

Kátia Carneiro Crippa e Zurene Póvoas Carneiro, filhas de Zulcema, lembram a dificuldade que era serem alunas daquela escola e, ao mesmo tempo, filhas da proprietária, professora e diretora da escola. A mãe-professora/diretora exigia que suas filhas-alunas dessem exemplo para os demais, como forma de demonstrar que as mesmas não teriam privilégios por serem “da casa”.

E eu ainda tive como professora a minha mãe no 5º ano. Ai! Tu não sabes a carga no ombro da gente, porque filho tem que dar exemplo. Nós tínhamos que saber tudo na ponta da língua. Ela deixava a gente estudando. Fora os “à parte”, não é? O piano também, porque ela era professora de piano e nós duas também aprendemos piano. Era 1 hora por dia. Então eu mexia no relógio, sabe? Era uma hora, eu sempre aumentava 10 minutos com cabo de vassoura. - Mãe, tá na hora! Não senhora, ela dizia. Eu tocava mais um pouco. Às vezes aumentava mais cinco, quando eu já estava por aqui [com as mãos na cabeça querendo mostrar que estava quase cheia]. Eu comecei com cinco anos, pensa! Era pra dar um virtuose... [risos]⁵⁶

Zurene relata que sua mãe achava que elas tinham, necessariamente, que dar o exemplo, colocando sob as costas das filhas uma carga maior do que poderiam suportar:

Ela botava em mim uma coisa maior do que eu podia dar. Eu não podia dar aquilo. Eu não sabia! Aí, pê, pê pê, pê pê pê, e descascava... (...) Porque tu tens que desenvolver o raciocínio, minha filha! Tu tens que ser o exemplo! Tu és filha da professora, tu tens que dar o exemplo! Então eu tinha que saber tudo, mas o tudo eu sabia. Eu não sabia eram os problemas. E até hoje eu sou uma burrinha pra contas. Isso me angustiava demais. Aula de Matemática, pronto! Lá ia eu porque ela mandava pro quadro justamente os que não sabiam.⁵⁷

Os relatos das irmãs Carneiro coincidem. Kátia, a irmã mais nova, relata que até hoje não consegue ler em voz alta em público, pois criou um bloqueio em relação a essas atividades pelo fato de ser obrigada a ler os exercícios em classe. “Ela me fazia ler em voz alta e depois interpretar, mas eu tinha dificuldade em português. Eu tenho pavor de português, tanto é que não gosto de línguas”.⁵⁸ Para Kátia aquilo tudo era um verdadeiro “martírio”.

As irmãs contam que sua mãe as colocava de castigo nos cantos da sala estudando os conteúdos nos quais não haviam tido êxito e, quando arrefecia, as obrigava a contar o que tinham lido.

Outro aspecto importante para nossa análise são os deveres de casa, que a investigação revelou serem diários e acarretavam, geralmente, castigos, que consistiam em copiar uma quantidade de vezes as frases ou palavras que, por ventura, viessem com a letra “feia”. Geralmente essas cópias eram realizadas no

⁵⁶ PÓVOAS CARNEIRO, Zurene – Entrevista concedida em 16.05.2006.

⁵⁷ PÓVOAS CARNEIRO, Zurene – Entrevista concedida em 16.05.2006.

⁵⁸ CRIPPA, Kátia Carneiro

horário do recreio ou após o término das aulas. A caligrafia era exigida ao máximo e poderia implicar na aplicação de castigos ou premiações.

Zurene classifica aquela situação, vivida por ela e todos os alunos do “Póvoas Carneiro”, como um “complô” organizado pela diretora da escola, no caso a própria Zulcema, a professora da classe e os pais dos alunos, que eram chamados na escola e aconselhados acerca de como agirem com os filhos indisciplinados.

Ela chamava os pais lá. Aconselhava como tinha que fazer. Chamava o aluno, chamava a professora. Era um complô [risos] pra tentar ajudar. A mãe naquela época, aos meus olhos, ela era muito temida. Ela era temida porque era rígida, dura. Mas por outro lado ela era afetiva. Ela passava para os alunos que aquilo ali era para o bem do próprio aluno. Ela não tava brigando em vão. Era para ele refletir, para o aluno pensar naquilo ali. Ela sempre tinha razão.⁵⁹

Segundo Kátia, ninguém passava despercebido por sua mãe. Ela vistoriava e fiscalizava os infantes e também as professoras que lecionavam na escola, por meio dos planos de aula e dos boletins que controlavam a frequência e o desempenho. “Não tinha câmera, mas ela tava sempre presente [risos]”.⁶⁰

Jorge Miraglia, aluno da escola na década de 1950, menciona que o sucesso da professora Zulcema vinha exatamente do fato de ser uma pessoa autoritária, reforçando que a “ordem e a disciplina na escola dela eram fundamentais”. Miraglia lembra que safanões e sacudidas eram normais e que, “naquela época, bater em aluno era uma coisa permitida”.

Tu te lembrás sempre daquela década, que o castigo físico era uma coisa normal, regular. Esses dois, menos, mas eu muito mais (faz referência a Jorge H. Frydberg e Newton L. Barata). Eu apanhava regularmente, porque eu tinha hora marcada pra chegar em casa, e eu não chegava. (...) Uma coisa normal. Minha mãe dava uma camaçada de pau. Uma vez por semana eu apanhava. (...) Mas o castigo físico era uma forma normal de educação. O excepcional era não apanhar. O cara nunca apanhou do pai, aquele lá nunca vai prestar na vida.⁶¹

Esse depoimento revela uma ação da escola, que era uma extensão dos lares e das famílias da época, mostrando que a educação escolarizada ampliava a educação familiar, bastante rígida e conservadora.

Tânia Rollin recorda que as brigas entre os alunos e as peripécias eram comuns, mas que ela era muito envergonhada e procurava ser bastante correta, pois

⁵⁹ PÓVOAS CARNEIRO, Zurene – Entrevista concedida em 16.05.2006

⁶⁰ CRIPPA, Kátia Carneiro – Entrevista concedida em 16.05.2006

⁶¹ MIRAGLIA, Jorge – Entrevista concedida em 26.05.2006, juntamente com Jorge Henrique Frydberg e Newton Luiz Barata.

seu maior temor não era necessariamente a professora, mas seu pai, que, se acaso ficasse sabendo que ela havia feito algo considerado errado, não a pouparia, revelando que esse era um traço comum às famílias da época. Bastava uma conversa na própria escola ou o envio de um bilhete para os pais para as surras e/ou os castigos serem aplicados em casa, como que em uma extensão da escola.

Olha, eu era muito (...) envergonhadinha. Não fazia arte. Eu não era de fazer arte. Eu não era de conversar na sala de aula. Eu era assim meio... Eu tinha medo não só da professora, não era da professora que eu tinha medo, eu tinha medo que a professora falasse com meu pai. Eu tinha medo era dele. Dessas coisas assim. Se tivesse alguma briga por lá eu já saía pra bem longe. Eu não participei muito disso não, mas sempre tinha. (...) Eu nunca passei por isso. Não, porque se eu passasse meu pai... Eu me matava de medo.⁶²

No entanto, alguns ex-alunos da escola não demonstram rancor ao recordar da truculência com que eram tratados em casa e na escola, procurando sempre frisar o papel disciplinador e formador da boa conduta exercido pela ação da força física sobre os corpos infantis.

Nessa mesma perspectiva, Newton Luiz Barata afirma que era exatamente essa característica que fazia do “Póvoas Carneiro” uma boa e conceituada escola.

A escola era extraordinária por causa disso. Existe algo que se tu se aprofundar um pouco, (...) tu vai ver que o que marca na tua vida, que tudo aquilo que marca, marca tudo aquilo que foi algo forte em ti. Ou um sacrifício, físico ou emocional, às vezes uma, como por exemplo, tu te lembras das professoras aquelas que mais te exigiam. E o Colégio Póvoas Carneiro vai ficar sempre na memória de quem estudou lá, porque ele era rígido, ele era durão.⁶³

Refletindo acerca do conceito de “escola boa” apresentado acima, podemos perceber a presença do modelo de escola tradicional mesclando-se aos discursos estabelecidos a partir do escolanovismo. Ou seja, mesmo que os alunos do Póvoas Carneiro tivessem tido maior liberdade de expressão e que os castigos aplicados não fossem tão agressivos, se comparados aos aplicados antes – outras épocas e espaços escolares -, o que prevalecia eram as características do modo mais tradicional, que hoje são rememorados e vistos como algo que, naquele momento, cumpriu com eficiência a função de formar as elites criciumenses dentro dos princípios capitalistas e de modernização. Assim, a truculência passa a ser

⁶² ROLLIN PAULO, Tânia – Entrevista concedida em 28.04.2006.

⁶³ BARATA, Newton Luiz – Entrevista concedida em 26.05.2006.

entendida como uma prática necessária no processo de condução das crianças a uma formação plena.

Nesse aspecto, notamos que tanto a educação da classe operária quanto a educação dos filhos da elite, valiam-se da mesma truculência disciplinadora. A agressão formava, portanto, os filhos da elite como os filhos dos operários e refletia o processo de constituição do sujeito moderno dentro do sistema capitalista.

Uma prática muito comum entre as professoras consistia em levar os alunos mais destacados em determinados conteúdos, principalmente da matemática, para resolverem os problemas propostos por elas nas turmas mais avançadas. Ou seja, um aluno da 3ª série era chamado a resolver um problema para os alunos da 4ª série, por exemplo, com a intenção de humilhá-los diante de um aluno de menor idade e “maior capacidade”.

Tinha uma coisa que eu achava. Que fica na cabeça, não sei se aconteceu com vocês, mas aconteceu comigo. É de uma professora da 4ª série. Ela passava um problema no quadro, os caras da 4ª série não conseguiam resolver, ela mandava buscar um da 3ª série, pra humilhar [risos].⁶⁴

Por outro lado, Antônio Adalberto Canarin recorda com alegria que a professora Zulcema costumava chamar, carinhosamente, de cabeça-de-osso- pra-sopa aqueles alunos que demoravam a entender os conteúdos ministrados,⁶⁵ indicando que, por falta de capacidade por parte do aluno, a cabeça do referido não prestava para mais nada, além de ingrediente para uma sopa.

(...) Ela sempre à testa. Sempre fazendo a frente. Ela era muito criativa, tinha muitas brincadeiras. Ela não vai esquecer o dia em que ela ouvir essa gravação, ou essa informação. O dia que ela ouvir e ver, ela vai lembrar que ela dizia assim: – O seu cabeça-de-osso-pra-sopa [risos]. Quando a gente não aprendia, ela dava uma vez, duas, três, não aprendia. Batia assim com a gente, brincando [mostra na mesa]. Dizia: Ô seu cabeça-de-osso-pra-sopa. (...) Mas era muito carinhosa, não era brigando, não. Era carinhosa, que ela sempre foi.⁶⁶

Mais uma vez, aparece nos depoimentos falas que demonstram um entendimento acerca da violência, dos castigos e das humilhações, remetendo-as para outro campo, o campo da formação de valores e hábitos saldáveis. Nesse sentido, podemos constatar que essas práticas eram e ainda são vistas por aqueles que a praticaram como necessárias no processo de formação das crianças, que

⁶⁴ MIRAGLIA, Jorge – Entrevista concedida em 26.05.2006

⁶⁵ CANARIN, Antônio Adalberto – Entrevista concedida em 25.05.2006.

⁶⁶ Idem

seriam a elite cultural e econômica da cidade. Segundo o depoimento de Adalberto, a professora Zulcema preocupava-se muito com a boa formação dos alunos e, portanto, ela, ou qualquer professora de sua escola, deveria intervir e fiscalizar as ações daquelas crianças dentro e fora da escola. Nem que para isso fosse necessária a aplicação de castigos e a exposição dos alunos a situações humilhantes, como ficar de pé em plena sala de aula enquanto a classe prosseguia com as atividades propostas pela professora. “Antes de ser chamada a atenção em casa (pelos pais), ela preparava a gente na escola. Dava castigo, às vezes. Fazia com que tu levantasses e ficasses de pé no canto da sala, por alguns minutos”.⁶⁷

Entretanto, havia também o outro lado da moeda. Ou seja, os alunos reconhecem que eram “arteiros” e que encontravam artifícios e subterfúgios para escapar das atividades de aula e, ao mesmo tempo, usar uma fração do tempo despendido com a escola para a prática de brincadeiras como o futebol, a bola de gude, a amarelinha. Enfim, as crianças tentavam burlar os adultos controladores e disciplinadores de todas as formas, como o fazia Zurene, que, com o cabo da vassoura, empurrava o ponteiro do relógio para antecipar o término do castigo ou tarefa.

(...) Nós éramos arteiros. Éramos espertos, vivos. Além de brincarmos, às vezes ela dava um determinado ponto, que nós tínhamos que dar conta às dez horas, por exemplo, da Invasão Francesa. Invasão Francesa, Invasão Holandesa, aquelas guerras, enfim. Nós tínhamos que estudar, e a gente em vez de estudar... Alguns, que eram mais comportados, iam lá estudar e tal. (...) A gente, às vezes, malandreaava um pouquinho, jogava um futebolzinho, aquelas peladinhos de praça (...). No outro dia, ia pra escola e a matéria não tava preparada. Isso aconteceu comigo. (...) Eu, uma vez, acabei não estudando. Na hora que ela me perguntou eu não tinha nada a dizer. Eu não sabia nem por onde começar. Ela pulou pro próximo e me deixou mais pro fim da aula. No fim da aula, tentou tomar o ponto de novo, e eu não consegui. O pessoal saiu no recreio e ela me deixou na sala estudando que ela ia tomar após a entrada do pessoal. Eu acabei. Era muito pirracento, também, pavio meio curto. (...) Não preparei. Pois ela me deixou preso depois do almoço. Meus pais foram ao encontro pra saber o que estava acontecendo que eu não tinha chegado em casa. Já me pegaram na estrada, mas souberam que eu tinha cismado de não dar o ponto pra ela e não dei.⁶⁸

Uma forma de conter as conversas e travessuras era promover a separação entre meninos e meninas que, embora sentassem em duplas, pois esse era o formato das carteiras, não se misturavam dentro da sala, ficando as meninas

⁶⁷ Idem

⁶⁸ Idem

de um lado e os meninos de outro. Os garotos ficavam no lado oposto das janelas, para evitar a tentação de olhar o que acontecia fora da sala de aula “porque na direita tinha as janelas e os meninos eram mais ‘sacaninhas’, ficavam jogando bilhete... As meninas, mais comportadas, sentavam no lado das janelas”.⁶⁹

Um modo de exercer o controle e a disciplina dos alunos era por meio da exigência do uso obrigatório de uniforme, como forma de localizar e detectar possíveis desordens cometidas por alunos dentro e fora da sala de aula. Aliás, nos parece evidente que, por se tratar de uma escola voltada ao atendimento de uma emergente elite urbana, a escola devia mostrar-se como exemplo para toda a comunidade, não permitindo que seus alunos fizessem coisas que pudessem desabonar o caráter da escola que pretendia ser a mais preparada e capaz de formar bons cidadãos.⁷⁰

(...) Onde encontrava uma pessoa na rua que tivesse com o uniforme, Deus o livre se aquela pessoa tivesse fazendo alguma maldade. Porque a dona Zulcema torcia a orelha. No bom sentido, porque ela chamava a atenção. Uma pessoa não podia estar sem uniforme no horário de estudo, é claro. Quer dizer, com o uniforme ela não podia fazer alguma coisa que prejudicasse alguém. Mesmo por bagunça, jogar caderno um no outro, isso não podia de jeito nenhum que a dona Zulcema, pra isso ela era rígida. Era um complemento da educação que a gente tinha em casa. Se não fazia de uniforme, não fazia também sem uniforme.⁷¹

Luisa Pinter, em seu depoimento, recorda dois episódios, marcantes para ela, com uma professora chamada Elza Sampaio dos Reis. O primeiro envolveu diretamente Luisa, que uma vez foi colocada pela professora em pé, de castigo, atrás da porta na sala da 4ª série, quando ainda cursava a 3ª série.

Ela me botou de castigo. Eu no 3º ano, e ela me botou de castigo na sala do 4º ano. Fiquei quase a aula toda lá na sala do 4º ano. Morri de vergonha. (...) Porque ela era muito brava. Exigente. Bah! Pior é que eu não lembro. Eu lembro que o pessoal bagunçou atrás. Ela tinha saído da sala. (...) Não sei o que houve, eu tava de pé quando ela chegou. Ela me botou de castigo. Porque não tava sentada na carteira. Aquilo era um quartel general, tudo enfileirado.⁷²

O segundo episódio envolveu duas colegas de sua turma.

⁶⁹ Idem

⁷⁰ Essa pretensão é atestada de forma unânime pelos depoentes (pais, alunos (as), professoras e a própria professora Zulcema).

⁷¹ Idem

⁷² PINTER, Luisa – Entrevista concedida em 26.05.2006.

Olha só como a pessoa era severa. A mesma professora... Aconteceu. (...) A minha amiga pediu pra ir ao banheiro, e ela não deixou. Ela tava com dor de barriga e fez cocô nas calças. Tinha uma outra aluna, que era Luisa também. Bem grandona. Era maior que eu. Eu era pequenininha. Ela era uma pessoa que andava com as roupas meio sujas. Acho que ela era muito pobre. Qualquer cheirinho era a Luisa, na sala. Eu sei que. A Luisa. A Luisa. A Luisa. Mas não. Foi ela. A dona Zulcema levou ela pra casa dela. Encheu uma banheira d'água. Deu um banho e ela foi embora com as roupas da Kátia. [risos]⁷³

Os episódios narrados nos remetem a uma escola e a professoras rígidas no trato com as crianças, que expressam uma concepção pedagógica tradicional. Mesmo assim, cabe reconhecer que, no segundo episódio narrado por Luisa Pinter, aparecem ao menos três elementos que merecem considerações. O primeiro deles diz respeito ao fato de a criança não ter liberdade e permissão para tratar de uma questão que é, antes de tudo, biológica, e, ao mesmo tempo, emocional. O segundo aspecto está relacionado ao fato de a culpa ter recaído sobre outra criança que, segundo Pinter, costumava cheirar mal, e que isso poderia estar relacionado com a classe social a que pertencia, ou seja, tratava-se de uma criança pobre estudando entre as crianças das classes médias. O terceiro aspecto que chama atenção é a forma como aquela criança reagiu ao fato de, diante de toda a turma, não ter tido a chance de ir ao banheiro, afastando-se por alguns dias da escola e, portanto, das aulas, com vergonha e receando as piadas e chacotas da criançada. “(...) Coitadinha. Bem amiga essa. Ela ficou uns dias sem vir pra aula porque tu imaginas na sala de aula, a gozação foi...”.⁷⁴

Estelita da Silva, que morava imediatamente ao lado da escola e, portanto, da casa de Zulcema, um dia ficou de castigo até as 2 horas da tarde por não dar conta do ponto, em que teria que explicar as ‘Capitanias Hereditárias’. Ao mesmo tempo em que se lembra do episódio, reconhecendo que deveria ter estudado e não o fizera e, por isso mesmo, já esperava que fosse repreendida, não se esqueceu do fato de a professora Zulcema tê-la deixado sozinha na sala de castigo e ter ido para sua casa, que era colada na escola, para almoçar. “Não, ela saiu. Ela foi almoçar e eu fiquei lá, morta de fome sentindo o cheirinho da cozinha. Mas ai eu aprendi, não é? Era do ladinho. Da minha casa, já sabiam que eu estava ali”.⁷⁵

⁷³ Idem

⁷⁴ Idem

⁷⁵ SILVA, Estelita da – Entrevista concedida em 26.05.2006.

Antônio Sérgio Borges lembra que os alunos da 4ª série, principalmente, do 5º ano preparatório para a admissão ao ginásio, eram considerados mais velhos e de uma escolarização mais avançada. Por isso, esperavam deles um comportamento condizente com o grau de “amadurecimento”, afinal, em breve estudariam em algum ginásio fora de Criciúma e precisariam demonstrar responsabilidade. “E a Dona Zulcema, no nosso nível, nós já estávamos ali no final... Tínhamos que ter mais responsabilidade, nós íamos estudar fora. (...) Isso era um acontecimento. Você já imaginou?”.⁷⁶

As professoras que concederam entrevistas reafirmam que havia naquela escola uma disciplina muito rígida imposta pela proprietária, que tentava manter o controle sobre as coisas. De acordo com os depoimentos, nada lhe escapava. Zulcema fiscalizava os planos de aula, que deveriam ser diários e, portanto, precisavam passar por seu gabinete para obtenção do visto que assegurava a anuência da autoridade máxima da escola, como afirma a própria Zulcema.

(...) Ótimas professoras, elas, diariamente, apresentavam um plano de trabalho daquele dia, num caderno. No começo da aula, esses cadernos iam para a minha sala, meu gabinete, eu olhava, passava o visto. Então aquilo era o serviço daquele dia.

Além disso, ela fiscalizava também as aulas visitando periodicamente as salas de aula e, muitas vezes, interferia para obter silêncio. Além disso, concordam que havia a prática de castigos. Porém, entendem que se tratava de uma forma que objetivava dar ao aluno condições para que ele pudesse apreender melhor os conteúdos ensinados.

A professora Nyette Nair Dias, em suas falas, qualifica a professora Zulcema como uma “mãe” que, ao mesmo tempo em que observava tudo e era rígida, também escutava as reclamações das professoras e, quando dizia algo, procurava fazê-lo com jeito. Segundo ela, Zulcema estava sempre procurando ajudar, e isso fazia dela uma pessoa boa e querida, apesar de rígida no exercício de sua profissão.

Quando questionada sobre os castigos que aplicava nos alunos, Nyette diz que nunca praticou nenhum tipo de castigo, limitava-se a mandar o aluno repetir no caderno certa quantidade de vezes aquilo que tivesse errado. Ou seja, para ela isso não configura, necessariamente, um tipo de castigo, mas uma ação integrante

⁷⁶ BORGES, Antônio Sérgio – Entrevista concedida em 28.04.2006.

do fazer pedagógico, condizente com a concepção tradicional que, na época, ainda era hegemônica. Para ilustrar situações como essa, a professora diverte-se, lembrando um episódio engraçado. Segundo ela, um determinado aluno escreveu no texto a expressão “não cabeu”. Ela então fez a devida correção e mandou que o aluno escrevesse, em seu caderno, uma quantidade de vezes, a expressão correta. Como as páginas de seu caderno não foram suficientes, o garoto entregou a atividade pela metade, argumentando com a professora que não havia escrito a quantidade que lhe havia sido solicitada, porque “não cabeu”.

Esse acontecimento narrado pela professora Nyette nos dá a idéia de como eram alguns dos castigos que, para as professoras daquela época, correspondiam a outra coisa, mais vinculada ao processo estabelecido no ato de ensinar e aprender.

No entanto, constatamos que os castigos serviam, antes de tudo, para mostrar ao aluno que ele não podia errar, evidenciando um certo modelo e prática pedagógica preocupada com a disciplina para o trabalho. Portanto, a intenção primeira não de proporcionar meios para que o aluno aprendesse o conteúdo de forma correta e acertada.

Maria Lydia Carneiro atuou no “Póvoas Carneiro” em dois momentos bem distintos. Primeiro, como aluna do 5º ano preparatório para admissão ao ginásio e, mais tarde, como professora da escola. Maria Lydia, que se casou com um irmão do marido de Zulcema, acabou tornando-se cunhada de sua ex-professora e agora colega de profissão.

No relato de suas memórias, a professora Maria Lydia também argumenta que não aplicava castigos. O que fazia, quando havia algum caso de indisciplina, era colocá-los de pé diante dos demais alunos. Mas isso não configurava um tipo de castigo. A professora conta ainda que Criciúma era uma cidade pequena, e as famílias que viviam no centro da cidade eram em número reduzido e bem conhecidas de todos, ou seja, todos se conheciam e isso ajudava a manter a disciplina na escola, pois bastava falar um pouco mais alto na sala de aula que alguns pais ouviam de suas casas, demonstrando toda a proximidade que havia.

Só me lembro de uma vez que eu dava aula aqui na copa da Zulcema [mostra com as mãos na mesa], que era casa alta assim. Passava a rua era a casa do Beto. Carlos Alberto Barata, eu me lembro. Falo muito alto até tive problema em dar cursos. (...) Então eu me lembro, uma vez eu chamava a atenção do Carlos Alberto Barata. (...) e a mãe dele escutou lá na casa dele. Disse: - Maria o quê o Beto fez? Eu contei. (...) Eu falei bem alto, de certo, a gente brigava, falava alto, exigia. (...) A gente convivia em todos os espaços. Tudo muito próximo. (...) Eu era amiga do pai desse, do pai daquele. Aquela costurava pra mim, porque tinha loja. Os pais dos alunos eram meus primos ou cunhados.⁷⁷

Das professoras entrevistadas, foi Célia da Silva Viana quem mais preocupou-se em mostrar-se uma professora “liberal”, que procurava estabelecer um diálogo com seus alunos e, ao mesmo tempo, tornar suas aulas mais agradáveis, buscando diversificar as metodologias como forma de atrair o interesse das crianças.

A professora conta que Zulcema era muito enérgica e era comum as visitas da diretora nas salas de aula como forma de acompanhar os trabalhos realizados pelas professoras e, concomitantemente, para intervir em situações de indisciplina. De acordo com os depoimentos de Célia, “Ela via também as provas. A gente fazia aquelas provinhas, sempre. Ou semanal, com ditado, tudo. Ela olhava. (...) É, nós tínhamos que fazer. (...) Olhava o planejamento, (...) o caderno da gente. Pra ver se estava de acordo”.

Célia conta ainda que, certa vez, estava na sala de aula com sua turma de 1ª série e propôs um jogo para estudarem as sílabas, o qual ocasionou um tumulto. Quando Zulcema ouviu aquele barulho todo, entrou na sala e disse: “Que balbúrdia! Tem muito barulho na tua sala!”.

A própria Zulcema, em suas lembranças, narra que costumava entrar naquelas salas de aula onde as professoras não estivessem conseguindo controlar a turma e impor a ordem, reforçando assim, o que foi lembrado pela professora Célia e reforçando o seu caráter rígido e disciplinador. “Não, com os alunos havia professoras que eram mais exigentes. Outras que eu tinha que cuidar porque, não sabe como é que é? Conversa e tal”.

Desse ponto de vista, a escola “Póvoas Carneiro” deveria servir de parâmetro para as demais escolas primárias e os grupos escolares que havia na cidade. Assim, ela própria, em suas narrativas, afirma que era muito exigente, mas

⁷⁷ CARNEIRO, Maria Lydia - Entrevista concedida em 27.04.2006.

que essa postura era necessária para conter os alunos e mantê-los dentro da ordem. “Eu era exigente, exigente mesmo. Mas era preciso ser, era preciso porque, se não, a rapaziada tomava conta...”.

Além disso, afirma que no “Póvoas Carneiro” não havia aquela bagunça das demais escolas, justamente porque se tratava de uma escola diferenciada e que estava voltada para o atendimento de um grupo social diferenciado, cujo “berço” assegurava o bom comportamento dos alunos, com algumas poucas exceções. “Não, nos grupos escolares. No Póvoas Carneiro, Deus me livre! No Póvoas Carneiro era muito diferente”.

Quando questionada acerca dos alunos que mais “davam trabalho” na escola, logo fez uma lista com nomes, sobrenomes, filiação e peripécias, mostrando que nem tudo eram flores naquela escola que pretendia colocar-se como exemplo a ser seguido e lembrado. Zulcema lembra um fato que a levou a tomar uma medida extrema.

Eu me lembro bem uma vez dos filhos do João Carlos. Aqueles ali eu dei, porque eram impossíveis. Era uma coisa horrível. Eu às vezes tinha, na sala, pena dos pais. (...) Do pai não. A mãe estava sempre na escola para saber como é que o filho... se havia dado trabalho. Aquele era incrível. Uma vez eu dei uma reguada nele. Arrependi-me. Mais dei. Ele era medonho. Era incrível. Hoje ele vem e diz: apanhei pouco da senhora. [Risos] Ali havia compreensão. A gente sabia educar as crianças aproveitando a educação que era dada em casa.⁷⁸

Esse episódio reforça o perfil da professora que era, ao mesmo tempo, diretora e proprietária, e nos ajuda a compreender aquele modelo de escola como sendo uma extensão da educação que os filhos recebiam dos pais em suas respectivas casas. Quando Zulcema diz que os meninos eram “horríveis” e “medonhos”, compara a um padrão de comportamento que fugia do convencional (de classe) e, ao mesmo tempo, remete para a família a função de auxiliar no processo de educação escolarizada, por meio de bons comportamentos, próprios das famílias de classe média que freqüentavam a sua escola. Ao mesmo tempo, a professora lamenta ter chegado àquele ponto, salientando que não era do seu costume e agrado bater nas crianças desobedientes e indisciplinadas.

Outro ponto levantado pela pesquisa é a prática da premiação. Ou seja, se por um lado havia por parte da escola uma prática marcada pela rigidez, pelo

⁷⁸ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema - Entrevista concedida em 26/04/2006.

controle e pelos castigos, por outro, havia também ações voltadas para a premiação e a promoção daqueles que se mostrassem bons alunos, por meio do desempenho e comportamento, o que também não deixava de ser uma ‘rigidez’ aplicada por meio de um ‘modelo’ enquadrado na perspectiva da formação para o trabalho.

Eram distribuídos mensalmente cartões de nota de honra e menções honrosas aos alunos que chegassem em primeiro, segundo ou terceiro lugar, respectivamente.

Nereu Guidi lembra com orgulho dos cartões que recebia e colecionava como prova de ser um aluno dedicado e inteligente, embora soubesse que sua condição era facilitada pelo fato de ter cursado novamente aquela série.

Eu tive direto, nos anos que eu passei lá. (...) Um, Dois, três, Quatro, Cinco, Seis, Sete, Oito. Todos os meses eu ganhava ou uma menção honrosa ou uma nota de honra. (...) A menção honrosa quando ficasse em segundo ou terceiro lugar, e a nota de honra você tirava em primeiro lugar. (...) Eu era um aluno que até pelo fato de ter já repassado as matérias, eu também tinha facilidade. Eu redigia muito bem, tinha posição boa em português, metido a fazer teatro.⁷⁹

Kátia, filha de Zulcema, recorda que, em algumas ocasiões, as crianças ganhavam, além dos cartões, outros presentes como livrinhos de história. Enquanto isso, sua irmã Zurene reclama do fato de não ter recebido nenhum dos tais cartões. “Eu não me lembro de ter ganho premiação, acho que só judiação! [risos] Mas eu estou aqui com duas faculdades, trabalhei 33 anos, agora eu estou aposentada [risos]”.

De acordo com Antônio Adalberto Canarin, as notas das respectivas disciplinas cursadas eram afixadas no próprio caderno. Aliás, havia um caderno para cada disciplina, além daqueles que eram destinados a tarefas, caligrafia e provas.

Estudava o mês todo e tinha as provas. As provas eram feitas. O trabalho no caderno e as provas finais de cada mês, às vezes no caderno e às vezes em folhas separadas. Dava a nota, o valor de cada um, com estrela, com duas estrelas, ou três estrelinhas, até se fossem melhor aproveitadas as aulas. Ela ainda homenageava com cartões. Ela tinha um cartão, se não me engano, o cartãozinho azul... Como era? Um era honra ao mérito, não me lembro da inscrição, mas os dois ou três cartões que tinha, se não me engano era uma cor do papel, um azul e um rosa. Um deles era honra ao mérito.⁸⁰

⁷⁹ GUIDI, Nereu – Entrevista concedida em 25/05/2006.

⁸⁰ CANARIN, Antônio Adalberto – Entrevista concedida em 25.05.2006.

A própria professora Zulcema recorda que quem se saía melhor ganhava os tais cartões de honra ao mérito e menções honrosas que eram representados, respectivamente, pelas cores rosa e azul. Para a professora, aquela era uma forma de estimular os alunos a se esforçarem cada vez mais na tentativa de alcançar êxito nos objetivos traçados e que se apresentavam, ao final, sob a forma de premiação aos melhores.



Figura 3 - As notas de honra eram entregues aos alunos que alcançassem o primeiro lugar na turma, e as menções honrosas, aos que chegassem em segundo e terceiro lugar, respectivamente.

Fonte - Acervo Particular de Zulcema Póvoas Carneiro

Segundo a professora Zulcema, as premiações deviam constituir-se em um momento de festa:

Eu juntava todos os alunos, a gente fazia uma festa. A entrega, essas coisas. Os filhos do Ângelo Lacombe também foram meus alunos. Esse que é diretor do Hospital Celso Ramos, também era meu aluno. Ele e o irmão dele. O pessoal foi pra minha escola. Eu abri e tive muita sorte.

Mas não era só isso. Ao premiar os melhores, a escola criava uma situação constrangedora para aqueles que não logravam êxito ao longo de um mês de aulas e estudos. O que está por trás da premiação é também o seu inverso, ou seja, uma premiação às avessas àqueles que não se saíam bem e, portanto, colocavam-se diante da turma em sua condição de alunos fracos e incapazes. Essa situação, do ponto de vista das questões levantadas na pesquisa, nos indica que um determinado projeto de escola e educação mostra-se presente de forma efetiva no Póvoas Carneiro. Ao mesmo tempo, percebemos que esse projeto liga-se a outro maior, representado pelo modelo de sociedade constituída a partir da instalação e

da consolidação do sistema capitalista industrial e do processo de modernização da cidade.

4.2 Brinquedos e Brincadeiras: a presença da classe

Em sua condição de escola primária, o Curso Particular Póvoas Carneiro era freqüentado por alunos que deviam ter, em sua maioria, entre 6 e 12 anos de idade, ou seja, por crianças. Considerando esse dado, devemos levar em conta que os brinquedos e as brincadeiras faziam, como ainda fazem, parte da cultura e das práticas infantis e estavam, como ainda estão, presentes no cotidiano e nas práticas infanto-juvenis. Essa característica da escola nos fez pensar em dois aspectos importantes.

O primeiro deles está relacionado às brincadeiras praticadas pelos infantes, sejam aquelas desenvolvidas nas horas livres, no caminho para a escola, ou as que se desenrolavam dentro do próprio espaço escolar. Além disso, procuramos, também, fazer uma análise das brincadeiras levando em conta o local de moradia do aluno dentro da cidade e a classe social a que pertencia. Já o segundo está vinculado ao próprio conceito de infância, pensando assim, o papel e a condição dos mesmos na e para a sociedade daquela época.

Para tanto, estabeleceremos, a princípio, um paralelo entre as brincadeiras e o caráter dessas mesmas brincadeiras entre as crianças da classe média urbana e as crianças que viviam na periferia, como forma de contrastar e apontar o que representava o “brincar” e o “brinquedo” para cada um dos grupos anunciados.

Como já havíamos ressaltado, o desenvolvimento econômico da cidade a partir da década de 1940 atraiu muitas famílias de forasteiros. Umas ocuparam postos de trabalho considerados privilegiados, outras vieram na condição de operários. Havia, ainda, aqueles que não encontravam sequer uma colocação e, por isso mesmo, passavam a ocupar alguns espaços públicos como forma de obter alguma renda.

O objeto dessa pesquisa é a escola primária particular e seu surgimento em meio ao processo de modernização da cidade que atraiu pessoas que passaram a compor uma emergente classe média urbana. Entretanto, faz-se necessário

lembrar que, à medida que a cidade crescia, cresciam também as contradições inerentes ao processo de desenvolvimento capitalista adotado pelos empresários locais.

Ao analisarem a formação socioeconômica de Criciúma no período que coincide com o recorte temporal de nossa pesquisa, Miranda e Selau (2003, p. 23) apontam para a composição de grupos socialmente divergentes. De um lado, a classe média urbana que compõe a elite local, e, “no outro extremo da sociedade, observa-se a formação de uma população pobre, dependente da atividade mineradora, na qual nem todos conseguem empregos”.

Ao analisar a estrada de ferro Dona Teresa Cristina no Sul do Estado, também vinculada à cultura do carvão, Nascimento (2004) assinala que a mesma cumpria um papel significativo como um dos principais elementos que caracterizavam o processo de modernização da cidade e, ao mesmo tempo, indica a estação do trem como o principal local de entrada e saída de produtos e pessoas. É justamente na estação que se observa um fluxo maior de pessoas que se deslocam em busca de novidades. No entanto, a estação também atraía crianças e adolescentes pobres, em busca de uma renda extra. Eram os vendedores de alimentos e prestadores de pequenos serviços informais.

Nascimento (2004, p. 118-119) lembra que:

Esses meninos e meninas moravam nos bairros operários da cidade e, principalmente, em espaços socialmente marginalizados, como as ocupações da área de domínio da estrada de ferro no centro e no bairro Pinheirinho, as chamadas casas da beira do trilho, e no bairro Paraíso, popularmente conhecido como Baixadinha. Eles vinham para a estação do trem a pé ou, quando possível, penduravam-se sorrateiramente em algum veículo, para vencer a distância até o centro da cidade. (...) A volta para casa dependia, muitas vezes, do momento em que acabava aquela quantidade de produtos que haviam trazido ou, então, quando juntavam uma boa quantidade de dinheiro que pudesse ser apresentada aos pais.

Encontramos, aqui, o primeiro contraste marcado pela condição heterogênea daquelas crianças que tiveram a oportunidade de brincar e estudar, e as que, desde muito cedo, precisaram tomar as ruas como forma de sobrevivência, pois, como afirma Nascimento (2004, p. 114):

O trabalho infantil era fundamental na estratégia de sobrevivência dos grupos sociais populares em toda área de mineração. As crianças e os adolescentes, desde muito cedo, trabalhavam, ajudando na complementação da renda familiar. Os trabalhos mais comuns eram pequenas tarefas nas superfícies das minas, especialmente na escolha do carvão, levando almoço para os trabalhadores mineiros ou prestando pequenos serviços pela cidade e na estação, como engraxate, maleiro e vendedor de comestíveis.

O que chama a atenção na análise feita por Nascimento é a relação que o autor estabelece entre o processo de modernização da cidade – que clama por melhorias compatíveis com o *status* assumido em decorrência do desenvolvimento econômico alcançado, principalmente, pela produção de carvão – e a necessidade do estabelecimento de mecanismos de controle social, na medida em que a população crescia em decorrência do número de migrantes. De acordo com Nascimento (2004, p. 122), “o processo modernizador de Criciúma, do qual a nova estação fez parte, implicou a busca do controle sobre o modo de vida e os movimentos das camadas populares”.

Essas crianças e adolescentes que circulavam pelas ruas das proximidades do centro da cidade e, em especial, da estação ferroviária de passageiros, também eram alvo nos jornais de circulação regional como constatamos na matéria publicada no jornal *A Imprensa*, em 1942, e intitulada “Molecagem em Cresciúma”.

Vale a pena chamar a atenção da Polícia de Cresciúma para a molecagem que se aglomera na estação na chegada dos trens, invade os carros de passageiros à procura de malas, ou de bagagens. Uma verdadeira chusma de malandros penetra carro a dentro, impossibilitando o desembarque dos passageiros e até mesmo cometendo desordens. Ainda semana passada, ao chegarmos a Cresciúma, fomos, dentro do carro, assaltados por mais de 20 rapazes, os quais atropelados pelo agente da estação, estouraram em direção aos passageiros que procuravam desembarcar, resultando o machucamento de diversas pessoas, inclusive de uma senhora e uma criança. Convém que o sr. Delegado de Polícia de Cresciúma tome as necessárias providências contra semelhante abuso.⁸¹

Manifestações como essa, que expressam toda a preocupação das elites locais com o crescimento do número de crianças e adolescentes que ganhavam as ruas, fizeram com que algumas melhorias fossem realizadas, visando dar à cidade um aspecto de modernização e, ao mesmo tempo, assegurando o mínimo de controle sobre os transeuntes. Ou seja, a construção de um muro ao longo da rua

⁸¹Fonte: Jornal *A Imprensa* 18.04.1942 p.1 n. 381, ano IX.

Paulo Marcus,⁸² por exemplo, ao mesmo tempo em que isolava a estação, dotando-a de mais segurança, também contribuía para o exercício de um maior controle do fluxo de pessoas que teriam acesso ao interior da mesma.

Essas mesmas crianças e adolescentes que encontravam nas ruas uma oportunidade para ganhar algum dinheiro e dessa forma contribuir para o orçamento familiar, seja trabalhando na escolha do carvão – a exemplo das mulheres –, atuando como almoceiros⁸³ ou ainda, como vendedores e/ou prestadores de pequenos serviços, também faziam das ruas o espaço mais adequado para a prática de brincadeiras, geralmente em grupos, como atesta Nascimento (2004, p. 119):

O tempo dos meninos vendedores não era gasto apenas com a venda dos produtos ou o oferecimento de serviços na estação. Havia muitos momentos de brincadeira, em que eles se juntavam e se divertiam: faziam parada de bilboquê (popularmente “biloquê”), brincavam de bolinha de vidro, riscavam uma rinha de tocar pião. Muitas vezes jogavam a dinheiro, ganhando ou perdendo os trocadinhos que haviam conseguido.

Por outro lado, havia também, na cidade, os filhos daqueles que compunham as chamadas classes dominantes e que, por sua condição, não precisavam trabalhar e, muito menos, ajudar a prover o sustento de suas respectivas famílias. Essas crianças apresentavam um padrão de vida social capaz de proporcionar a elas oportunidades desejadas pelo conjunto das crianças que havia em Criciúma naquela época, ou seja, as condições necessárias para crescerem sem a responsabilidade do trabalho na infância e adolescência, além da possibilidade de cursar as séries primárias, o 5º ano e, ao final, dar seqüência nos estudos fora de Criciúma, por meio dos exames de admissão ao ginásio.

Essa condição socialmente inerente a uma pequena parcela da população da cidade caracteriza bem as crianças que freqüentavam o Curso Particular Póvoas Carneiro, mesmo que nele seja constatada a presença de algumas crianças pobres.

No entanto, a exemplo das primeiras, essas também eram crianças que ocupavam determinados espaços na cidade para a realização de brincadeiras e peripécias. Seja no trajeto estabelecido entre a casa e a escola, em determinados espaços públicos ou privados da cidade, ou ainda, nos domínios da própria escola.

⁸² A Rua Paulo Marcus era paralela à estrada de ferro, hoje incorporada à “Avenida Centenário” que corta a cidade de Norte a Sul, seguindo o antigo traçado dos trilhos do trem, indo do bairro Próspera até o bairro Pinheirinho.

⁸³ Essa era uma atividade geralmente desenvolvida por crianças e adolescentes e consistia em levar os almoços para os operários nas minas de carvão.

Aliás, estamos acostumados com escolas amplas ou, pelo menos, com um amplo pátio, onde costumam se desenvolver as atividades de educação física e todo o tipo de recreação que possa envolver as crianças que freqüentam essas mesmas escolas. Isso pode ser facilmente verificado nos estabelecimentos de ensino da época e que se localizavam nas proximidades da área central da cidade, como o Grupo Escolar Professor Lapagesse, a Casa da Criança e até mesmo os ginásios que foram surgindo em Criciúma a partir da segunda metade da década de 1950.

Em relação ao Grupo Escolar Professor Lapagesse, vale destacar que o mesmo teve seu novo, e atual prédio, inaugurado no final de 1940, mostrando uma construção adequada ao desenvolvimento da cidade e capaz de proporcionar educação escolarizada à população crescente na cidade. O jornal A Imprensa, de 12 de outubro de 1940, publicou uma nota acerca da visita do interventor estadual para a inauguração do novo grupo escolar que nos dá a dimensão do grupo, relativo às condições de conforto,

(...) Zona riquíssima, coração da hulha negra no Brasil, Cresciúma será, não muito longe, o maior centro de trabalho de Santa Catarina. E foi prevendo isso, que o sr. dr. Interventor do Estado mandou construir ali o majestoso e confortável grupo escolar que será inaugurado no dia 27. É o grupo de Cresciúma, o maior, o mais moderno, o mais confortável e o mais luxuoso do Sul de Santa Catarina.⁸⁴

Esses eram estabelecimentos que possuíam e ainda possuem consideráveis espaços abertos destinados à prática de educação física e formas diversas de entretenimento infanto-juvenil.

Em relação ao curso particular, a pesquisa detectou esse aspecto de sua estrutura física e que merece uma análise mais específica e detalhada, por entendermos que esse elemento pode ter interferido na organização das crianças em relação às brincadeiras e à ocupação e à apropriação dos espaços físicos reservados ou que possibilitam as atividades lúdicas.

Nesse aspecto, devemos mencionar o fato de a escola ter um espaço físico aberto muito pequeno, e que limitava as atividades recreativas de seus estudantes. Na realidade, o prédio que fora construído para abrigar as instalações da escola como as salas de aulas, o gabinete da direção e os banheiros, ocupou o pátio que se localizava nos fundos da casa do casal Zulcema e Mário Carneiro. Assim, o

⁸⁴ Fonte: Jornal A Imprensa - Tubarão. 12.10.1940, p.1, n. 311, ano VII.

terreno, que não era muito grande, ficou ainda menor, depois da construção das salas de aula, pois, até então, a professora Zulcema ministrava suas aulas ocupando os cômodos de sua própria casa. Kátia Carneiro Crippa, filha da professora Zulcema e de Mário Carneiro, faz uma descrição do espaço física da escola dizendo: “Era assim, a nossa casa era numa esquina e era um terreno grande. Então a parte da frente era a nossa casa. Tinha um pátio todo cimentado com bancos em volta. Esse pátio dava para o escritório”⁸⁵.

O escritório a que ela se refere é o do Plano Nacional do Carvão, atual Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DNPM), e sua descrição nos remete a um espaço limitado, fazendo com que os alunos buscassem fora dos muros da escola os lugares mais adequados para o exercício das brincadeiras. Nesse caso, o pátio do próprio DNPM servia como espaço para praticarem as brincadeiras, principalmente o futebol e os jogos com bolinhas de gude, pois o pátio da escola era revestido com cimento, o que impedia a confecção das búricas.⁸⁶ Aliás, de acordo com Jorge Miraglia, uma brincadeira muito comum entre os meninos era o jogo de bolinhas de gude, jogado no chão, desde que esse fosse de terra, onde as crianças faziam a marcação do triângulo e, até mesmo, as já mencionadas búricas. Segundo Miraglia, “Bolinha de gude era no chão. Bolinha a gente jogava no fundo da praça, ao redor da praça inteira. (...) Nós jogávamos triângulo. Nós botávamos as bolinhas em cima e fazia um risco na quadra [na mesa, mostra como jogava]”.

Jorge Henrique Frydberg relata que aquele espaço era apropriado pelos alunos do Póvoas Carneiro, principalmente para a realização de jogos de futebol, embora chame a atenção para o fato de que aquele também não era o espaço mais adequado para a realização das “peladas”, esclarecendo que “(...) era no intervalo de aula. Quando jogava futebol mesmo, era na praça, na frente”.⁸⁷ Jorge Frydberg conta que praticamente metade do espaço atualmente ocupado pela Praça do Congresso era um campo de futebol, enquanto Newton Barata reforça dizendo: “O assunto futebol entre nós era um tanto ‘suspeito’, pois morávamos próximos à Praça do Congresso, onde praticávamos o esporte”.

Zurene Póvoas Carneiro, irmã de Kátia, lembra que seu marido, quando foi matriculado na escola particular, demonstrou uma grande decepção quando se

⁸⁵ CRIPPA, Kátia Carneiro – Entrevista concedida em 16.05.2006.

⁸⁶ As “buricas” eram pequenas cavidades em forma de círculo que eram feitas no chão de terra para a prática do jogo com bolinhas de gude.

⁸⁷ FRYDBERG, Jorge Henrique – Entrevista concedida em 26.05. 2006.

deparou com o pátio que, segundo ele, não oferecia as condições necessárias para a prática do futebol:

E era grande, mas o meu marido que foi aluno da minha mãe, ele disse que quando chegou lá, porque ele gosta, ele troca tudo por uma bola. Quando ele chegou lá, ele se decepcionou. (...) Ele disse: meu deus! Não tem um campo de futebol, uma escola particular? Ele diz isso, mas é porque ele é exagerado da bola. De certo, assim como ele, alguns... (...) Era um pátio grande. Não ficava todo mundo aglomerado, mas a ponto de jogar uma bola ali dentro, não dava.⁸⁸

As considerações anteriores servem para mostrar como as crianças daquela época e naquela escola encontravam alternativas diante das condições objetivas. Assim, mesmo o pátio da escola não sendo considerado muito grande, as crianças que freqüentavam o “Póvoas Carneiro” não deixavam de brincar e ocupar os espaços disponíveis para praticar atividades diversas, como atestam os próprios ex-alunos.

As narrativas de Antônio Adalberto Canarin fazem coro com aquelas que apontam o pátio da escola como sendo pequeno e, ao mesmo tempo, indicam as alternativas encontradas pelas crianças que estudavam no Póvoas Carneiro para a prática do esporte que, naquela época, já era mania. No caso desse ex-aluno, a indicação é de que o pátio da escola era pequeno mas que, mesmo assim, encontravam formas de praticar a brincadeira preferida, o futebol.

Tinha. Não muito grande, mas era um pátio suficiente pra nós, meninos. Às vezes até alguma mistura com as meninas. Nós fazíamos no intervalo do recreio, nós jogávamos o futebol, com bolinhas de meia e quando não agüentava, porque era areia, nós botávamos lata de salsicha, lata de sardinha vazia e era nossa bola. Nós jogávamos futebol pra valer! Suava, e vinha pra casa rasgado ou com as canelas quebradas, tudo marcada das latas. Porque dava um chute, levantava um pouquinho a bola, vinha na canela da gente, arrebentava as canela.⁸⁹

Kátia Carneiro Crippa, que, além de ter sido aluna da escola, também era filha de dona Zulcema, relata que nunca saía de dentro da escola e que se relacionava com todas as crianças, brincando de roda, amarelinha, perna de pau, entre outras tantas brincadeiras que praticava ou observava os brincantes. Entre as brincadeiras, Kátia e sua irmã Zurene Póvoas Carneiro fazem referência aos patins, que atesta uma condição social elevada e própria das camadas médias urbanas da sociedade que se formara em Criciúma a partir da década de 1940.

⁸⁸ PÓVOAS CARNEIRO, Zurene – Entrevista concedida em 16.05.2006.

⁸⁹ CANARIN, Antônio Adalberto – Entrevista concedida em 25.05.2006.

Outras brincadeiras ou entretenimentos típicos, ou pelo menos mais acessíveis às camadas médias emergentes eram as matinês no cine Rovaris e as disputas de botão e pingue-pongue, realizadas na casa de Jorge Henrique Frydberg, filho de um engenheiro francês vinculado à mineração e que encaminhou seus filhos para estudar no Póvoas Carneiro. Jorge Miraglia, também filho de um engenheiro ligado ao ramo da mineração, só que italiano, recorda das brincadeiras realizadas na casa do amigo, que também pertencia à classe média emergente. “Mas eu me lembro, a tua casa. Esse cara [aponta para o Frydberg] tinha uma casa grande, e tinha uma garagem, e nós fazíamos campeonato de botão”.⁹⁰ Newton Luiz Barata,⁹¹ amigo de Jorge Miraglia e Jorge Henrique Frydberg, recorda que, juntamente com seus colegas, praticavam também o pingue-pongue em sua casa e também na casa de praia. Mesmo assim, entre eles aparecem brincadeiras como o matinê das 2 da tarde de domingo, o futebol e, até mesmo, as caçadas de passarinho praticadas por Jorge Miraglia, “Eu tinha uma coisa que esses dois não faziam. Eu era caçador de funda. Eu saía nos mato, caçar”.

Entre as brincadeiras mencionadas pelas irmãs, que eram filhas da professora e proprietária da escola, está o que elas denominaram “jogar canivete”, uma brincadeira considerada própria dos meninos, mas que também era praticada pelas meninas.

Era andar de patins, era de perna de pau, jogar canivete, acho que tu nem conhece. Tu és muito novo. (...) [mostrando com as mãos] Fazia um círculo [no chão] e outro círculo do outro lado. Tinha que ir jogando o canivete, passando. (...) Passando e riscando. Se cortasse o outro, então era o outro que jogava. A gente jogava, mas isso era brinquedo dos meninos. (...) A gente jogava tudo.

A prática de brincadeiras e jogos nos mostra de forma contundente a existência das reais diferenças que marcavam os grupos de crianças daquela época e sociedade. A compreensão e a representação da brincadeira e do jogo, muitas vezes acompanhado de apostas em dinheiro, nos intervalos da labuta para as crianças trabalhadoras eram, necessariamente, diferentes daquelas que as crianças da classe média urbana realizavam nos intervalos das aulas. Enquanto o primeiro grupo não possuía sequer o direito ao ócio, entendendo que o ócio está relacionado

⁹⁰ MIRAGLIA, Jorge – Entrevista concedida em 26.05.2006.

⁹¹ BARATA, Newton Luiz – Entrevista concedida em 26.05.2006.

com a escola, abria espaço livre entre a execução de uma tarefa e outra, o segundo estabelecia essa relação dentro da própria escola, que é o lugar do tempo livre.

Nota-se claramente que havia uma distinção entre o que era considerado brinquedo/brincadeira de meninos e o que era mais apropriado para as meninas, mas aponta também para a intervenção das garotas no território e práticas lúdicas dos garotos, indicando certa liberdade de trânsito nas brincadeiras infantis que faziam parte do repertório das crianças matriculadas na escola particular. Nesse caso específico, “jogar canivete” se apresenta como uma brincadeira eminentemente vinculada ao gênero masculino, mas que também era praticada pelas meninas, que a reconhecem como típica de meninos.

As relações de gênero não fazem parte do foco de abordagem desta dissertação, mas não poderíamos deixar de, ao menos, mencioná-las, haja vista que essa brincadeira remete à idéia de uso de um instrumento cortante e que pode estar relacionado às práticas ligadas à necessidade de afirmação da virilidade e força masculinas e, portanto, deveria estar fora do alcance das meninas, que recebiam uma educação diferenciada e menos agressiva.

Estelita da Silva, que era filha de operário, também foi aluna da escola de Dona Zulcema e morava com sua família em uma casa que pertencia ao Plano do Carvão, construída dentro do terreno dessa empresa, ou seja, ao lado da escola. Estelita se lembra das brincadeiras, das peripécias e da relação que estabelecia com a escola e com as filhas de dona Zulcema pela proximidade que existia entre um espaço e outro.

Era ali no pátio. A nossa casa era ali, o pátio ali, e aos domingos a gente brincava ali. Brincava lá no Plano do Carvão. De correr lá por aquelas salas todas. Aquelas salas não, aqueles corredores. Pular de cima da casa pra... [risos] Ali a gente fazia de tudo. Era bom demais. A gente teve uma infância muito boa.⁹²

Quando questionada sobre as brincadeiras com as outras crianças da escola e da vizinhança, Estelita diz: “A gente ficava ali. Brincávamos muito, era nos domingos com os outros vizinhos, porque elas tinham outra vida. Diferente”. A fala da ex-aluna, que era filha de operários é, para nós, muito significativa, pois sublinha a percepção da existência de classes socialmente distintas ao lembrar que, embora

⁹² SILVA, Estelita da – Entrevista concedida em 26.05.2006.

morasse em um espaço ocupado, predominantemente, por crianças da classe média enriquecida, diferenciava-se das demais pela condição social.

Essas mesmas crianças que encontravam formas alternativas de brincadeiras, às vezes um tanto perigosas e que as mobilizavam independentemente da classe social, não conseguiam perceber as reais diferenças que as definiam do ponto de vista da classe.

Eu brincava muito também com o filho do dr. Boa Nova, não sei se tu te lembras. Morava na casa de baixo. Ele era médico do Plano do Carvão. A gente brincava muito, que tinha aqueles canos de água, aqueles pretos. Brincava de passar por dentro, até que um dia ficou todo mundo preso. A minha irmã ficou presa com os ombros ali dentro. Era uma gritaçada só. Eu fiquei trancando aquilo caiu na minha perna. Eu tenho a marca ate hoje. Eu fiquei presa assim entre o cano.

Luisa Pinter, que também era filha de operário e estudou no Póvoas Carneiro, lembra que com oito ou nove anos de idade, costumava brincar muito com uma amiga chamada Marilina Burigo nas proximidades de sua casa e também no trajeto da escola.

O Angeloni ali tem uma casa que agora é... Seguro, eu acho. Uma casinha. Eles moravam ali. O pai dela era o Mário Burigo, que era da Mecril. Só ela de menina. Naquela esquina onde é o posto não tinha nada. Tinha muita laranja. Era laranjeira que tinha plantada por ali. Era fundos da casa dela. Eu saía do colégio e vinha pra casa dela. Chupava laranja. Tangerina naquela época. Eu lembro que quando eu ouvia a música A Hora do Brasil, que tem... [cantarola o ritmo da música] Meu Deus! Eu saía correndo porque o pai tava chegando em casa. Se o pai chegasse e eu não tava em casa... Bah! Era uma surra. Oh, cobrava muito. Então eu ficava, quando eu ouvia a música eu saía. Bem assim...⁹³

Luisa traz, por meio de suas lembranças, as brincadeiras que realizava com sua melhor amiga e, mais que isso, as sensações provocadas por suas memórias, de um tempo de brincadeiras, aromas e sabores. Faz um exercício que percorre o trajeto que a conduzia de sua escola à sua casa, passando, antes, pela casa de Marilina. Presentes, os pés de laranja e a música de abertura do programa Hora do Brasil que, por sua vez, indicava o momento de retornar para casa, e assim, livrar-se de uma possível surra em decorrência de um atraso.

Filha de pais rígidos quanto à formação dos seus, assinala que, na maior parte do tempo, brincava dentro do cercado de sua própria casa, com suas irmãs ou, quando autorizada, com algumas poucas vizinhas.

⁹³ PINTER, Luisa – Entrevista concedida em 26.05.2006.

Porque eu tinha uma irmã, porque a época que eu morava ali onde é a Luminar, antes do Giassi. Ali eu tinha uma irmã e a outra era pequenininha. Não brincava com a gente ainda. Nós brincávamos ali no pátio. Tinha uma família do lado que às vezes a gente brincava com a menina, mas a mãe não gostava muito que a gente fosse ali brincar. Não sei, ela gostava que a gente... Em casa. Não tinha um espaço muito grande onde eu morava, não. A gente ficava mais por casa mesmo.

Luisa chama a atenção para um fato interessante, que era a posse de bicicletas como um indicador de classe e distinção social, na medida em que eram poucos os que podiam ter uma bicicleta. “Os que tinham, a gente admirava. A gente ficava só... A Praça do Congresso, depois da aula, ali era um passeio de bicicleta”. A ex-aluna evidencia, por meio de suas memórias, uma questão que era inerente à condição e à constituição de classe. Mais que isso, ela se valia do fato de ser ágil e de ter uma boa escrita para trocar esses “pequenos serviços” por chicletes e/ou voltinhas de bicicleta em torno da Praça do Congresso.

Aliás, os outros me chantageavam. Porque eu não tinha bicicleta, e eu adorava andar de bicicleta, e tinha a Praça do Congresso que a gente dava aquela volta. Eu lembro muito de passar, porque na época a gente não tinha livros pra estudar história, geografia. A gente copiava no caderno pra poder estudar. A professora passava no quadro e a gente copiava. Então, eu copiava a minha parte depois eu pegava o caderno dos meninos que tinham bicicleta, copiava pra eles pra eu dar uma voltinha. [risos] Eu nunca esqueço. Quantos tombos eu levei. Eu aprendi a andar de bicicleta, assim.

A questão da classe é recorrente e aparece de forma muito interessante nas memórias de um ex-aluno da escola primária particular. Nereu Guidi, cujos pais eram naturais de Criciúma, transferiu-se com sua família em 1943 da Primeira Linha, comunidade rural, para o atual bairro Comerciário, próximo ao estádio Heriberto Hülse, do Criciúma Esporte Clube. As narrativas de Nereu Guidi apontam para situações que merecem atenção especial, já que estamos vinculando a criação da escola primária de dona Zulcema ao processo de urbanização e modernização da cidade nos anos 1940 em meio ao surgimento de classes sociais distintas. Essas demarcam espaços que se tornam emblemáticos no contexto da cidade. Assim, destacamos que o mesmo, ao transferir-se da Primeira Linha para o atual bairro Comerciário, onde seu pai montou um estabelecimento comercial, passou a morar em uma área da cidade conhecida como “lado de lá do trilho”, referência feita pelos que moravam no lado oeste da ferrovia, centro da cidade, onde estava situada a escola da professora Zulcema. Nereu Guidi fazia o trajeto para a escola praticamente sozinho, pois as crianças que ali moravam não apresentavam

condições financeiras necessárias para freqüentar a escola particular. Ele recorda o trajeto que realizava para chegar até a escola lembrando-se das ruas, da estação do trem, da loja de brinquedos “Casa Ouro”.

Se eu me deparasse com o que acontecia na estação, porque havia o chamado horário que era o horário que passava o trem de passageiros às 7 horas e 15 minutos da manhã. Você ficava olhando quem vinha a Araranguá, a pessoa estava entrando no trem e assistindo isso em torno das 7 horas e 15 minutos da manhã, a aula era sempre às 8 horas da manhã, quinze para as oito. Você via, eu saía pela a Desembargador Pedro Silva vinha pela Conselheiro João Zanette onde tem o túnel agora, descia a Praça Nereu Ramos e atravessava a Praça do Congresso aonde tava situada, situada a escola. Esse era o meu trajeto, e quase sempre parando aqui ou ali. Olhando, parava na frente da Casa Ouro, que era uma casa que vendia brinquedo. No início era uma livraria, brinquedos também, na Conselheiro João Zanette, ali na descida as coisas mais ou menos nessa.⁹⁴

No trajeto descrito encontrava-se uma loja maçônica, aspecto interessante, pois alimentava a imaginação das crianças que por ali circulavam e, em especial, a de Nereu Guidi. Em suas narrativas, demonstra o ar de suspense e apreensão quando passava em frente daquele prédio que suscitava idéias e alimentava a imaginação daqueles infantes.

Não tinha qualquer vínculo com a Igreja. Eu sei, porque a maçonaria ela esteve situada na Rua Desembargador Pedro Silva durante muito tempo, antes onde é o Bistek. Nós passávamos na frente com os olhos arregalados porque existiam espadas lá dentro, aquele negócio todo. Não deixavam ninguém entrar. Como sociedade secreta pra nós era uma coisa que a gente ficava... E quando se via alguém, ele estava com uma bata na frente era um ser extraterrestre ou extradivino.⁹⁵

Em suas memórias, Nereu Guidi lembra o mistério e o suspense que envolvia a maçonaria, justamente pelo fato de se tratar de uma sociedade secreta, cujo acesso era restrito e os rituais lembravam algo macabro. Talvez porque essa idéia devia ser reforçada pela Igreja. “Acabei descobrindo, hoje, com o senhor Adalberto, que a espada de Dom Pedro naquele Sete de Setembro...”⁹⁶ Além das fantasias construídas a partir da existência, naquela localidade, de uma loja maçônica, havia também o incômodo ou, pelo menos, o suspense e o temor de passar em frente ao cemitério da cidade, que ficava localizado na mesma rua Desembargador Pedro Silva e, portanto, próximo de onde se situava a referida loja.

⁹⁴ GUIDI, Nereu – Entrevista concedida em 25.05.2006.

⁹⁶ Idem

Antônio Adalberto Canarin recorda de brincadeiras e peripécias que praticava tanto na escola como nas ruas da cidade por onde circulava com seus amigos. Em sua narrativa, faz questão de salientar que se tratava de brincadeiras saudáveis e que, geralmente, procurava chegar um pouco mais cedo na escola para se reunir com outros garotos e socializar as travessuras cometidas no caminho de casa para a escola e da escola para casa. Segundo Canarin, o tempo de chegada em casa era controlado pelos pais que, em caso de atraso, punham-se na estrada ao encontro dos seus filhos e, por outro lado, na escola não havia espaço para tanta estripulia dadas as atividades escolares e o controle das professoras e de dona Zulcema.

A gente fazia, contava as brincadeiras. Tudo que se passava. Eu intiquei com fulano, ou fiz isso, aquilo, tal contando vantagem. Nessas reuniões era isso. Começava as aulas, eu não lembro bem o horário, mas se fosse às oito horas, às 10 tinha um intervalo. (...) Essa hora então, a bagunça pegava. Era futebol, era pulo de vara. Era pular corda, as meninas. Tinha aquelas mais comportadinhas que sentavam, contavam historinhas, estudavam alguma coisa. Segundo período de aula. Que era se não me engano 45 minutos cada aula. Era dividido em quatro, cinco aulas. Quando era próximo ao meio-dia, tu não tinha mais muito tempo. A baguncinha que tu fazia, era de rua porque, (...) até chegar em casa (...) os pais já controlavam. Se não chegasse naquele horário, eles já iam a caminho.⁹⁷

Em suas narrativas, Canarin recorda de alguns personagens “engraçados”, com os quais se divertiam, fazendo chacota e provocando neles as reações mais diversas, como o impulso de correr atrás da garotada, esbravejar contra os meleques, enfim, tentar livrar-se.

Existiam algumas figuras de Criciúma que bebiam. Eu lembro como, o Fausto. O Fausto era um senhor que vinha da região de Imbituba, no trem. Ele tinha 1 metro de altura. Ele cantava, fazia quadrinhas pra ganhar uma moedinha, e a gente inticava. Ele dava corridão, às vezes. Como ele era um anão, a corrida dele era muito pouco, era muito curta. Nós, guri, violento, imagina. Tinha o seu Ernesto, que também morava nas margens da estrada de ferro, mais conhecido hoje como bairro São Cristóvão. Eles vinham a pé. Mas tinham uma dificuldade de chegar, e a gente inticava, como guri, não com aquela intenção de prejudicar. Bagunça né? Tinha o Atualpa, o seu Ernesto... Tinha tantas figuras...⁹⁸

Antônio Sérgio Borges, natural da região serrana e filho de um proprietário de uma torrefação de café, recorda que começou a estudar no Grupo Escolar Professor Lapagesse no centro da cidade antes de ser matriculado no Póvoas Carneiro, e que o trajeto a pé até o grupo era muito tranqüilo. Segundo ele,

⁹⁷ CANARN, Antônio Adalberto. Entrevista concedida em 25/05/2006.

⁹⁸ Idem

“era sempre a mesma coisa. Criciúma na época do inverno, muito frio; no verão, era muito quente, e tranqüilo, a gente ia pra lá. As saídas do Lapagesse eram aquelas normais, de vez em quando havia umas briguinhas, normais de criança”.⁹⁹

Ele recorda que as brigas eram freqüentes e que se davam no horário de saída das aulas, mas faz questão de salientar que era algo normal, próprio da idade, mas o que realmente chama atenção em suas memórias é o fato de as brigas serem provocadas por haver certa rivalidade entre os que eram de Criciúma e aqueles que vinham de fora, no caso dele, de Bom Jardim da Serra, no Planalto Serrano. Quando questionado se era realmente um garoto brigão, responde prontamente e argumenta “Não era brigão não. Os caras me provocavam, quer dizer era serrano, não sei mais o quê”.

O que a pesquisa revelou em relação às brincadeiras praticadas pelos alunos do Curso Particular Póvoas Carneiro é que as mesmas se diferenciavam em relação à classe social a que as crianças pertenciam, mas ao mesmo tempo em que isso acontecia, havia, na maioria das vezes, uma integração por parte daqueles que eram socialmente “inferiores”, no que diz respeito ao aspecto financeiro.

Assim, como relata Jorge Miraglia acerca das brincadeiras, elas se desenvolviam em determinadas épocas, funcionando como uma espécie de ciclos que se sucediam uns aos outros. “É que tinha as brincadeiras de época. Cada época tinha sua brincadeira. A época do pião, a época da bolinha, a época do...”.

Jorge Miraglia relata ainda:

E das brincadeiras que eu me lembro do tempo de escola, era por época. Naquela época não tinha televisão, tinha mal o cinema aqui na região. Então as brincadeiras eram da época do pião, da bolinha de gude, do cachimbo. Do cachimbo lá pra ver o cachimbo bater no chão e levar ‘porrada’ [pancada] toda hora.¹⁰⁰

Nereu Guidi, um dos depoentes, chama a atenção para o fato de que, naquela época, não havia a sexualidade antecipada, apontando o apelo do erotismo exibido na televisão ou facilmente encontrado nas revistas como fatores responsáveis por essa antecipação do interesse pela sexualidade como acontece nos dias atuais. Guidi salienta em suas falas que uma criança de 12 anos “estava apenas pensando em fazer birutices, em correr na rua”. Para Nereu Guidi, se

⁹⁹ BORGES, Antônio Sérgio – Entrevista concedida em 28.04.2006.

¹⁰⁰ MIRAGLIA, Jorge. Entrevista concedida em 26/05/2006.

alguma criança “lançasse um olhar sobre uma determinada moça que tivesse exibido, ao cruzar as pernas, parte da coxa, parecia uma coisa extraordinária. Como é que a sexualidade ou era reprimida ou repelida. Mas você não tinha essa espontaneidade tão liberada quanto hoje. Você vivia...”.

Em momento algum, Guidi fala que esse tipo de interesse não existia, mas que, naquela época, a sexualidade era mais reprimida e, segundo ele, até mesmo repelida. No entanto, ao recordar das atividades das meninas do Póvoas Carneiro, Nereu Guidi lembra que uma brincadeira muito comum entre as meninas era o jogo de “amarelinha” e ressalta que havia, ainda, as conversinhas e certo exibicionismo que atraía olhares e despertava a imaginação daquelas crianças.

As conversinhas delas, aquele negócio todo e tal. Os garotos geralmente tinham uma parte ali atrás. Não era bem um terreno ali dentro. Ali ficavam ainda sós, chutando uma bola e fazendo aquela, contando aquelas histórias, aquele negócio todo e tal. No anteceder às aulas, eles ficavam ali na frente da casa da dona Zulcema. Conversando fazendo aquela exibição natural que é próprio de guri de 10, 11, 12 anos. Um cochicha daqui, outro conversa de lá. Aquele negócio todo lá. Aguardando o horário de aula. Porque como poucos alunos vocês tinham uma fiscalização também muito presente. Havia um monitoramento muito presente de todos nós. Sabiam quem era a mãe.¹⁰¹

Nereu Guidi nos traz um aspecto muito interessante que é a discrição com que lidavam com essas situações, mas afirma que os olhares denunciavam o interesse que, segundo ele, devia ser uma forma natural de querer estar juntos.

Misturavam -se meio que de lado. Tudo era muito discreto. Guardava essa discrição. Mas o olhar! Você entendia que as pessoas gostavam de estar próximas. Não é por nada. Talvez não fosse nada de sexualidade, mas, é uma forma natural. Uma natureza. É o querer natural das pessoas. A identidade até pelo princípio de reciprocidade das pessoas.¹⁰²

Maria Lydia, que foi aluna e, mais tarde, professora no Póvoas Carneiro, lembra que costumava brincar com os vizinhos da rua onde morava, principalmente, de patinete e bicicleta, o que atesta sua condição social compatível com a da classe média urbana.

A gente brincava muito, mas isso não na escola. Fora. Eu morava na Praça Nereu Ramos, esquina com a Seis de Janeiro. Ela tinha um morrinho assim [mostra com as mãos]. Ainda deve ter, não sei. A gente subia aquele morro e descia de patinete ou de bicicleta, sabe. Era rua, tudo tão simples.¹⁰³

¹⁰¹ GUIDI, Nereu. Entrevista concedida em 25/05/2006.

¹⁰² Idem

¹⁰³ CARNEIRO, Maria Lydia – Entrevista concedida em 27/04/2006.

O que Maria Lydia apresenta, em sua fala, como algo “tão simples” certamente deve estar relacionado com as dificuldades encontradas pelas crianças, hoje, de brincar na rua livremente, por causa dos perigos e da violência urbana. No entanto, reforça a distinção da classe da qual fazia parte, por morar na praça, estudar no Póvoas Carneiro e poder brincar de bicicleta e patinete.

4.3 Dias de Festa: as comemorações dentro e fora da escola

As comemorações eram tidas como um sinal de distinção social e asseguravam, perante a comunidade, o *status* de escola particular e, portanto, voltada para uma determinada classe social. Eram comuns comemorações relacionadas à própria figura da professora Zulcema, como acontecia nas comemorações de seus aniversários, que mobilizavam toda a comunidade escolar. O aniversário da professora, diretora e proprietária da primeira escola primária particular da cidade era um acontecimento.

Em seus depoimentos, de forma descontraída, a professora recorda que era comum a realização de festas porque ela própria, por gostar muito, estimulava.

Na escola particular era o meu aniversário. Era aquela festa, canto, tinha programação para fazer a homenagem à aniversariante, que era eu. Eu tive essas recordações boas da minha escola. As festas que eu fazia, de vez em quando tinha uma festa. Um aluno fazia ano, era o parabéns a você. [risos] Eu tenho muita alegria na minha vida.¹⁰⁴

Essas comemorações geralmente eram realizadas na própria escola e contavam com a participação das professoras e das crianças que, seguindo uma programação previamente elaborada, ensaiavam o que seria apresentado no dia da festa, que podia ser a declamação de um poema, a recitação de um versinho, um canto, uma dança, ou ainda, uma representação. Tudo caprichosamente preparado para enfeitar o dia em que a professora Zulcema completava anos.

¹⁰⁴ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema – Entrevista concedida em 19/01/2006.



Figura 4 - Festa realizada no ano de 1955 em uma das salas de aula do Póvoas Carneiro, para comemorar o aniversário da professora Zulcema.

Fonte - Acervo particular de Zulcema Póvoas Carneiro (Fotógrafo: Faustino Zappelini).

Cabe enfatizar que esse é um traço que acompanha a professora até os dias de hoje. Todo mês de novembro, ela procura reunir, em uma grande festa, todos os seus ex-alunos, sejam eles do Póvoas Carneiro, do Lapagésse, do Humberto de Campos, do Nicolau Pederneiras, do Madre Teresa Michel, do Marista, enfim, seus ex-alunos, para comemorar a passagem de mais um aniversário. Essas festas costumam reunir, na Capital ou em Criciúma, centenas de pessoas.

Mas as comemorações não se restringiam às efemérides da professora Zulcema. Havia também as comemorações relativas ao Dia das Mães, quando elas eram convidadas para irem até a escola, onde recebiam as homenagens que vinham, muitas vezes, acompanhadas de pequenas lembranças que lhes eram entregues pelos próprios filhos. Recordando, a professora diz que, no “Dia das Mães, os alunos se reuniam, vinham as mães. Eles vinham, participavam dos presentes, eu falava e dava presente para as mães”.¹⁰⁵

Na fala da professora, percebemos o que a filha Kátia Carneiro Crippa quis dizer ao referir-se à sua mãe como uma pessoa “espaçosa”, ou seja, a

¹⁰⁵ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema – Entrevista concedida em 19/01/2006.

professora gostava e fazia questão das festas, onde ela poderia festejar e, ao mesmo tempo, manifestar-se aos convidados da escola, apresentando-se com distinção. Essas eram ocasiões em que a escola procurava comunicar aos pais o quanto era criativa, estimulante, enfim, distinta das demais escolas que havia em Criciúma.

Nyette Nair Dias, que foi professora da escola, ao recordar o caráter das realizações, lembra como a professora Zulcema cuidava para que tudo saísse conforme tinha sido combinado. Aliás, a professora Nyette compara as apresentações às de outra escola particular que surgiu em Criciúma, em 1961, quando o “Póvoas Carneiro” estava, praticamente, encerrando suas atividades. “(...) Ela caprichava muito nas festas de Sete de Setembro. Eu nunca vi tanta criatividade, tanto amor. Só o Marista (colégio)¹⁰⁶ que chegava perto”.¹⁰⁷

Kátia, ao recordar as festas que sua mãe-professora realizava para comemorar o Dia das Mães na escola, a qualifica da seguinte forma:

Espaçosa. Chegava o Dia das Mães, os alunos traziam os presentes pra cada uma, pra sua mãe. Faziam uma festa e entregavam na própria escola. Porque na época, não era assim festejado como hoje. (...) Porque então cada um dava o seu presente na hora. Isso dos pais...¹⁰⁸

O final de cada ano letivo também era comemorado, não apenas pela alegria proporcionada com a aproximação das férias que os afastaria dos compromissos escolares por alguns meses, mas para celebrar as conquistas do ano que se encerrava. Nessa ocasião, também era organizada uma grande festa, que Antônio Adalberto Canarin recorda, trazendo detalhes que ficaram marcados em sua memória, como a presença e a acolhida dos pais que prestigiavam os filhos em suas apresentações.

¹⁰⁶O Colégio Marista de Criciúma foi fundado em 09 de janeiro de 1961 com o nome de “Ginásio Masculino São José”, que logo em seguida foi substituído por “Ginásio Marista”. O curso primário foi iniciado, apenas, em 1968.

¹⁰⁷DIAS, Nyette Nair – Entrevista concedida em 18/05/2006.

¹⁰⁸CARNEIRO CRIPPA, Kátia – Entrevista concedida em 16/05/2006.

(...) No encerramento de gestão, fim de ano, faziam as festinhas e convidavam os pais. Faziam um palco no pátio, atrás. Faziam um palco. (...) Eu me lembro, não me lembro o verso, mas me lembro de uma parte que estava mostrando bem, falando meio do tempo colonial antigo. Imitando que ouviu um barulho no alto, estremeado, tremendo, olhou pra cima. Era o avião que estava passando. Era um versinho assim que... mas os nossos pais aplaudiam a gente, por sermos pequenos. A instrução ainda era muito pouca. Minha e dos outros. Então cada aluno tinha um versinho pra dizer em conjunto e os pais marcavam presença (...). Tudo os pais participavam, aplaudiam, elogiavam, davam prêmios. Em casa, a gente ganhava um bolo porque desempenhou bem, lá na escola.¹⁰⁹

As irmãs Kátia e Zurene, filhas da professora Zulcema, também recordam das festas de encerramento do ano letivo e, durante seus depoimentos, lembram os versos de uma música alusiva à ocasião, que os remetia à idéia de férias e descanso escolar.

K – Caros livrinhos, agora eu vou descansar! [risos] – Chegam as férias.
Z – [cantando] Caro amiguinho. Bons amiguinhos. Nós queremos muito...
K – Estudar

Célia da Silva Viana, ex-professora do Póvoas Carneiro, recorda de um desfile que ela própria escreveu e organizou, juntamente com os alunos da escola, que tinha como tema as quatro estações do ano, e como palco da apresentação, o Cine Milanez.

(...) Como eu morei em Brusque, tive a ocasião de ver uma dramatização. Um espetáculo. Um desfile de modas com todos os meses do ano. Eu escrevi, pro Curso da dona Zulcema, e nós apresentamos. Apresentamos no Cine, esse que ficava na Seis de Janeiro. Não tinha um antigo cinema, ali? Foi ali que nós apresentamos. Se não me engano foi a dona Beverli, também, que apresentou. Eu escrevi. Cada mês do ano tinha uma apresentação. Janeiro, por exemplo, meninos e meninas com roupa de verão, com bolas e a locutora ia falando. Eu lembro até que no mês da Páscoa, eram as filhas da dona Zulcema. (...) A Ernestina e a Silvia. Silvinha. Uma delas foi vestida de coelho e na hora não queria entrar. [risos] foi uma festa linda.¹¹⁰

As festas mencionadas eram grandes e procuravam demonstrar o quanto aquela escola tinha de diferente para oferecer aos seus alunos e à comunidade ligada a eles. No entanto, as festas que mais mobilizavam e davam visibilidade à escola e à comunidade que ela representava eram as festividades relacionadas às datas cívicas como, por exemplo, a Proclamação da Independência do Brasil, em Sete de Setembro, ou a Inconfidência Mineira em 21 de abril. Nessas ocasiões havia toda uma preparação e a montagem das alegorias, que podiam destacar a

¹⁰⁹ CANARIN, Antônio Adalberto – Entrevista concedida em 25/05/2006.

¹¹⁰ VIANA, Célia da Silva – Entrevista concedida em 26/04/2006.

primavera ou o vitorioso time de futebol da cidade, embora as Forças Armadas fossem geralmente, as mais requisitadas pelos pelotões de soldados mirins, que podiam estar representadas nas forças do Estado Maior ou no Corpo de Bombeiros.



Figura 5 - Desfile cívico de Sete de Setembro de 1955, realizado em torno da Praça Nereu Ramos.

Fonte - Acervo Particular de Zulcema Póvoas Carneiro (Fotógrafo: Faustino Zappellini).

Nesse aspecto, merece destaque uma apresentação cívica lembrada pelos alunos da escola, que foi uma performance de alguns alunos que representaram o momento em que D. Pedro I dá o “Grito do Ipiranga”, proclamando o Brasil independente politicamente em relação a Portugal.



Figura 6 - Ex-aluno Antônio Adalberto Canarin, montado no cavalo cedido pela CBCA e devidamente vestido a caráter para o desfile cívico de Sete de Setembro de 1955.

Fonte - Acervo Particular de Zulcema Póvoas Carneiro (Fotógrafo: Faustino Zapelini).

A professora Zulcema diverte-se recordando o evento, demonstrando criatividade na elaboração das alegorias utilizadas nas datas cívicas comemoradas pela escola.

(...) Eu inventava coisa. Sempre fui de inventar. O Sete de Setembro, eu fazia coisa... Arranjava... O Adalberto Canarin foi o D. Pedro I montado num cavalo. O Marcos Rovaris foi o emissário que levou a carta de Portugal exigindo a volta de D. Pedro. Ali no cavalo mesmo, [mostra com as mãos] ele abriu aquilo e gritou "Independência ou morte". [risos] Eu inventava essas

coisas. Depois, no 21 de abril, a morte de Tiradentes, eu fiz também a morte do Tiradentes. Foi tudo apresentado, tudo apresentado na praça, na praça. Acontece que o cavalo que... Onde estava o Adalberto, o cavalo era surdo. Eu fui arranjar lá na Operária, com o Heriberto Hülse. Ele que mandou da fazenda dele o cavalo surdo, porque com os toques de tambor, o cavalo poderia se assustar e acontecer alguma coisa, mas o cavalo era surdo, não podia acontecer nada. [risos]¹¹¹

O ex-aluno Antônio Adalberto Canarin, protagonista da performance, lembra com orgulho, satisfação e riqueza de detalhes por ter sido escolhido para representar e, ao mesmo tempo, por ter conseguido dar conta da tarefa que lhe foi atribuída pela própria professora Zulcema. Embora longa, optamos por reproduzir a fala do próprio entrevistado, para expor esse fato.

A dona Zulcema me preparou um tempo antes, uns 15, 20 dias, um mês, não lembro. Antes. Foi feita uma roupa e eu fui fazer o papel de D. Pedro. Fizeram uma roupa, não sei onde é que buscaram na época, malha. Fizeram uma calça branca de malha, um jaleco de cetim preto com bordados. Todo bordado a mão. Levaram tempo. Todo bordado a mão em amarelo, com várias medalhas. (...). Com vários medalhões, uma espada muito bonita que o seu Max trouxe emprestada da Loja Maçônica pra fazer uso. Lá de dentro da maçonaria não saía nada, mas o seu Max Finster emprestou duas coisas. A espada, pro D. Pedro fazer uso, e a cabeleira, que na época o seu Max tinha a Loja Brasileira. Tinha um manequim na vitrine. Ele tirou a peruca do manequim pra emprestar. (...) Era a peruca do manequim, com um chapéu feito, também em preto, muito bonito, com os laços das cores de Portugal, fixadas. No dia do desfile, a dona Zulcema me deu, ela preparou um papel pra eu ler, pra eu decorar. Depois ela veio reduzir, porque era arriscado. Era a primeira vez que tava saindo uma alegoria, um guri que ia representar, quer dizer tudo podia dar errado. (...) Eu por incrível que pareça, hoje eu estou com 65 anos, e eu não me esqueci do discurso. (...) Eu estava com o Dr. José Pimentel¹¹² quando eu cheguei com o cavalo que era da C.B.C.A.¹¹³ (...) Ele viu na hora que foi hasteada a Bandeira do Brasil, na cerimônia, que o cavalo não queria chegar perto. (...) O Dr. Pimentel veio, pegou o buçal do cavalo, puxou, levou até onde pôde levar mais próximo ao pavilhão. Aí chegou o Marcos Rovaris, (...) o Marcos tinha sido requisitado pra ser o mensageiro. Na oportunidade, eu estou no cavalo e ele chegou. O Marcos veio furando pelo meio do pessoal, me cumprimentou. Eu montado. Entregou um cartucho, uma missiva. Eu abri aquilo ali, li e fiz aquele gesto de que tava lendo, e comecei a fazer cara feia. Ler e não ficar contente com o que estava acontecendo. Olhei, larguei a correspondência, a missiva. Deixei de lado e olhando pro povo tentei passar o recado. Aí era o meu discurso. Dizia assim: Leopoldina e José Bonifácio comunicam que fora criado um novo Ministério para o Brasil. Não. Não aceito! Arranquei o chapéu fora e disse: soldados, laço fora. Arrancando o laço e jogando no chão, puxei a espada e dei o grito da independência. Independência ou morte! Os companheiros de escola,

¹¹¹ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema – Entrevista concedida em 19/01/2006.

¹¹² Dr. José Pimentel era advogado e político. Foi o fundador do Jornal Tribuna Criciunense e escreveu sobre a história da cidade de Criciúma.

¹¹³ O cavalo pertencia à CBCA - Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá e era utilizado para fazer as compras da casa de hóspedes da Companhia. O cavalo costumava ficar em um potreiro na atual Rua Araranguá, próximo de onde morava, também, o Dr. Sebastião Neto Campos.

todos em formação, com a Bandeira do Brasil numa varinha. Todo mundo levantou a varinha e: independência!¹¹⁴

Ao mencionar algumas das alegorias que mais marcaram, a professora lembra que foi possível realizar tais apresentações porque muitas pessoas da comunidade a ajudavam, destacando aqui, o papel da relação que havia entre a professora e sua escola com os pais dos alunos e a comunidade específica, formada por profissionais liberais, comerciantes e políticos e os proprietários das mineradoras.

Ah, isso a gente arranjava, eu sempre tive muita sorte na vida, sabe? Muita sorte, sempre arranjava alguém que me ajudasse. Uma das formaturas de Sete de Setembro, não é? Do desfile. O Dite Freitas me deu. Naquele tempo o Metropol¹¹⁵ estava no auge. Me deu as camisas com os nomes dos jogadores para uma turma ir ao desfile, ostentando a camisa dos jogadores.¹¹⁶

Nesse sentido, as aparições da escola em desfiles e sessões cívicas da cidade, bem como as diversas comemorações internas, reforçam o caráter classista da escola, impulsionado pelo desejado processo de modernização e urbanização crescente de Criciúma. Isso se dá porque a escola procura obter certo grau de visibilidade como forma de obter e reforçar o *status* que lhe era assegurado, até aquele momento, de escola particular e de qualidade superior às públicas, capaz de dar aos seus uma escolarização mais consistente e lhes assegurar a ampliação do tempo de permanência nos bancos escolares.

4.4 O uso de uniformes: distinção e visibilidade

Outra forma de conceder *status* e visibilidade à escola era o uso obrigatório de uniforme. Embora essa obrigatoriedade se estendesse a todas as escolas do Estado de Santa Catarina, públicas ou particulares, o que realmente importava era a marca da escola, uma espécie de grife. Era a marca que

¹¹⁴ CANARIN, Antônio Adalberto – Entrevista concedida em 25/05/2006.

¹¹⁵ Em 1959, como forma de neutralizar as ações sindicais dos trabalhadores, o empresário Dite Freitas, filho do minerador Diomício Freitas, juntamente com seu sócio Santos Guglielmi, resolveram investir na divisão recreativa da empresa (Cia Carbonífera Metropolitana), reforçando o time de futebol conhecido como 'Esporte Clube Metropol', o profissionalizado.

¹¹⁶ PÓVOAS CARNEIRO, Zulcema – Entrevista concedida em 19/01/2006.

assegurava a distinção e não o uso do uniforme propriamente dito, ou qualquer outra coisa.

No caso da escola primária particular que estamos estudando, a marca era representada pelo modelo, pelas cores e pelas letras iniciais da escola bordadas na roupa. O Póvoas Carneiro, por assim dizer, destacava-se por ter, em primeiro lugar, um uniforme não tão “uniforme”, já que se diferenciava no modelo e nas cores, pois, o Decreto 991 e o Decreto-Lei 88 de 31 de março de 1938 estabelecia um padrão para todas as escolas públicas do Estado, deixando os particulares livres para adotar ou criar seus próprios uniformes.

O uniforme das meninas, para o uso diário, era composto por saia plissada com tirantes na cor cáqui e blusa estampada em xadrez nas cores verde e branca, com meias brancas e sapatos pretos. Os garotos também usavam calça na cor cáqui com uma faixa vertical nas laterais e cinto do mesmo tecido e cor. Usavam camisa confeccionada com o mesmo tecido da blusa das meninas, xadrez em branco e verde. Um detalhe que acompanhava o uniforme era a aplicação em bordado das letras “PC” no bolso da camisa dos meninos e no tirante esquerdo da saia das meninas. Esse era o uniforme oficial e de uso diário das crianças que estudavam na escola primária particular Curso Póvoas Carneiro da professora Zulcema.





Figura 7 - As fotografias acima mostram grupos de alunos do “Póvoas Carneiro” devidamente vestidos com os uniformes de uso diário.

Fonte - Acervo Particular de Zulcema Póvoas Carneiro (Fotógrafo: Faustino Zappellini).

Kátia Carneiro Crippa recorda com minúcias de detalhes os uniformes usados por ela e por todos os seus colegas. As memórias de Kátia, assim como as de tantos outros entrevistados na pesquisa, foram estimuladas pelo manuseio de fotografias no momento da entrevista.

Os meninos, era uma calça cáqui com um friso de xadrezinho [mostra com as mãos as laterais externas das calças] verde e branco. (...) Xadrez miúdo. Aqui [mostra no corpo, apontando o lado superior esquerdo] tinha um bolsinho. Nesse bolsinho tinha um pedaço do cáqui, da calça e bordado Póvoas Carneiro. “PC”. (...) Uma coisa muito importante, que eu me lembro que muita gente importou, porque não botava cinta na calça e a cinta era feita do mesmo tecido da calça. (...) E as meninas, era uma saia pregueada com uma barrinha (...) [mostra com a mão na linha da cintura] Um tanto assim da barra xadrezinho. A blusa xadrez e no tirante do uniforme “PC”, também.¹¹⁷

Ao mencionar os detalhes que estabeleciam a marca do uniforme usado no Póvoas Carneiro, Kátia Crippa demonstra nos gestos corporais o quanto aquelas roupas mostravam-se diferentes e, portanto, distintas das que eram usadas por alunos dos demais estabelecimentos de ensino da época, principalmente os públicos, cuja legislação estabelecia a cor azul e branca para todo o Estado.

¹¹⁷ CRIPPA, Kátia Carneiro - Entrevista concedida em 16/05/2006.

A senhora Jandira Freccia Amante, mãe de ex-alunos da escola e que costumava participar ativamente das atividades promovidas pelo Póvoas Carneiro, recorda um episódio que envolveu os seus filhos em relação ao uso de uniforme.

Quando o Nenê e o Paulo (seus filhos) apareceram na porta do Dr. Beirão, com o primeiro uniforme do Póvoas Carneiro bem engomadinho. Naquele tempo, passava uma gominha na roupa. Sapato bem... Naquele tempo, sapato era Vulcabras, que se chamava. Muito bonito. Fechadinho. Minha branca e pasta. Apareceram na porta do Dr. Beirão e o Beirão olhou pra senhora dele e fez um sinal. - Sim! O que vocês fizeram? - Nós viemos mostrar o uniforme. [risos] Diz a Lélia, que nunca se esquece disso.¹¹⁸

Ao recordar da cena de seus dois filhos exibindo-se com o uniforme novo, dona Jandira deixa transparecer o orgulho que sentiam pelo fato de os filhos estarem devidamente uniformizados e freqüentando uma escola que, segundo ela própria, era excelente e diferente das demais existentes naquela época em Criciúma.

As professoras da escola também usavam um uniforme que, de acordo com as lembranças da professora Nyette Nair Dias, era composto de, além do guarda-pó, por um tailleur que, a exemplo do uniforme dos alunos(as), também combinava a cor verde, da saia justa, e branca da blusa.

Ah, Sim! Parece que o dos professores era um guarda-pó. Era uma fazenda xadrez, um xadrez bem pequenino verde e branco (...), então quando era dia de desfile, ai então, os professores era a mesma coisa. A gente tinha um uniforme verde. Os professores era um tailleur.¹¹⁹

¹¹⁸ AMANTE, Jandira Freccia – Entrevista concedida em 18/05/2006.

¹¹⁹ DIAS, Nyette Nair – Entrevista concedida em 18/05/2006.



Figura 8 - As professoras da escola devidamente uniformizadas na escadaria que dava acesso às salas de aula situadas no piso superior do Póvoas Carneiro.

Fonte - Acervo Particular de Zulcema Póvoas Carneiro. (Fotógrafo: Faustino Zappellini).

No entanto, como forma de enfatizar o caráter classista da escola, havia ainda o chamado uniforme de “gala”, ou seja, uma versão mais formal, para momentos especiais. O uniforme de gala era confeccionado em uma combinação das cores grená e branca. Ou seja, as garotas usavam saia plissada na cor grená, camisa branca, e tinham, como complemento, meias brancas e sapatos pretos, sendo que o uniforme dos garotos seguia o mesmo padrão, camisa branca, calça grená, meias brancas e sapatos pretos.

A professora Zulcema recorda o dia em que participou com seus alunos da inauguração do aeroporto municipal de Criciúma. Nessa data também foi

inaugurado o traje de gala da escola. A professora narrou essa participação da seguinte forma: “(...) o Aldo Faraco falou: – não quer levar as tuas crianças? Ele sabia que eu ia inaugurar o uniforme de gala. (...) Eu sei que eu fui toda boba. Toda feliz”.¹²⁰



Figura 9 - Professora Zulcema e seus alunos, no ano de 1957, em traje de gala para a inauguração do aeroporto municipal de Criciúma.

Fonte - Acervo particular de Zulcema Póvoas Carneiro, (Fotógrafo: Faustino Zappellini).

Em relação ao uso do uniforme escolar, gostaríamos de destacar que ele exerce, concomitantemente, dois papéis distintos. Por um lado, é capaz de proporcionar certa igualdade entre pessoas que participam de um determinado grupo social, nesse caso específico, os alunos da escola primária Curso Particular Póvoas Carneiro, porque os coloca dentro de um padrão. Ou seja, todos os alunos, sendo ricos ou pobres, apresentar-se-ão diante da comunidade sem diferenciação. Nesse caso, o uniforme cumpre o papel de padronizar um grupo social díspar.

Por outro lado, mesmo que nos possa parecer um paradoxo, o mesmo uniforme que padroniza dentro de um grupo específico, evidencia a diferença em

¹²⁰ CARNEIRO, Zulcema Póvoas – Entrevista concedida em 26/04/2006.

outro nível. Devemos levar em conta que a sociedade cricumense das décadas de 1940 e 1950 era composta por grupos socialmente distintos, como já mencionamos nos capítulos anteriores. Nesse caso, o uniforme do Póvoas Carneiro, ao invés de padronizar, reforçava uma diferença que marcava uma determinada classe social e a distinguia das demais.

Dois depoimentos podem corroborar com a nossa análise. O primeiro deles nos foi dado por Nereu Guidi, um ex-aluno da escola que, em suas lembranças, procura dar ênfase ao caráter padronizador do uniforme escolar. Guidi salienta que “(...) o que era importante era ver que existia gente de todos os matizes. Filhos de italianos, filhos de funcionários de algumas empresas”.¹²¹

O outro depoimento nos foi dado pela própria professora Zulcema, que, além de chamar a atenção para o mesmo aspecto lembrado por Guidi, ainda procura ressaltar o caráter elitista e de classe presente no uso de uniformes. Em seu depoimento, a professora afirma que: “Tinha uniforme sim. Esse normal que eles usavam. Os meus eram diferentes. Era escola particular, a primeira escola particular de Criciúma”.¹²²

Os dois depoimentos reforçam o caráter elitista da escola que, num primeiro momento, procura amenizar as desigualdades existentes dentro da própria escola, criando, por meio do uso de uniformes, uma sensação de igualdade aparente, que acabava se manifestando em outros aspectos cotidianos da vida escolar, como nos brinquedos, nas brincadeiras, no lanche, etc., como mencionamos anteriormente. Por outro lado, o extremo cuidado com que a escola lidava com a confecção e o uso dos uniformes evidencia a intenção de mostrar-se para a comunidade dentro de suas especificidades. Nesse caso, uma das especificidades da escola era o seu caráter elitista e, portanto, de classe.

Assim, os temas trazidos no capítulo IV, a exemplo dos anteriores, evidenciam o caráter elitista do Póvoas Carneiro no contexto do processo de urbanização e modernização de Criciúma, justificando, de certa forma, a existência da escola e sua distinção no atendimento aos interesses da emergente classe média urbana.

¹²¹ GUIDI, Nereu – Entrevista concedida em 25/05/2006.

¹²² CARNEIRO, Zulcema Póvoas – Entrevista concedida em 26/04/2006.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia, de um modo geral, registra um grande salto no desenvolvimento econômico da cidade de Criciúma, a partir da década de 1940, e uma conseqüente transformação na sociedade, na cultura e na política, motivados, acima de tudo, pelo crescimento da produção do carvão mineral observada no Sul do País, em especial, na região de Criciúma.

Nesse sentido, a pesquisa que realizamos procurou investigar a gênese e o desenvolvimento da escola primária Curso Particular Póvoas Carneiro no contexto de modernização da cidade. Também procura evidenciar sua importância no processo de escolarização da classe média urbana, que emergiu do bojo das transformações socioeconômicas vividas em Criciúma dentro do recorte temporal que coincide com o tempo de existência e funcionamento efetivos da escola.

A análise desenvolvida levou em conta, principalmente, o processo de modernização da cidade de Criciúma dentro do contexto sócio-histórico de constituição e funcionamento da escola e a formação de uma classe média urbana que, a partir de então, assume a direção e o controle político e econômico da cidade. Tal análise possibilitou a confirmação da necessidade da existência da escola como resultado do processo desencadeado pelo crescente desenvolvimento econômico e as conseqüentes transformações na vida política, econômica e social. A criação da escola foi decorrência de uma intenção posta pela proprietária e, ao mesmo tempo, uma necessidade histórica, desempenhando um efetivo papel na sociedade de seu tempo.

O Póvoas Carneiro, a exemplo de outras tantas instituições, serviços, e melhorias urbanas, surgiram como um 'distintivo' fortemente vinculado ao projeto de modernização colocado em curso na cidade, trazendo-nos a reflexão de que a criação da escola não foi apenas uma vontade da professora Zulcema, percebendo a existência de um promissor nicho de mercado, mas também uma necessidade do próprio processo de modernização vinculado à idéia de desenvolvimento – constante atualização e inovação que alimenta o sistema capitalista.

A pesquisa nos levou a compreender as razões e as condições objetivas que motivaram e levaram à criação efetiva da escola primária Curso Particular Póvoas Carneiro, a primeira escola primária particular de Criciúma, que surgiu em

um momento de grandes transformações, inclusive com a formação de uma nova classe social interessada e atenta a todo esse processo.

Ao fazermos a reflexão de que é no embate entre capital e trabalho que emergem as classes e que seu acontecimento não está descolado da determinação que produz sua experiência – luta de classes –, conseguimos perceber com maior nitidez que a escola primária da professora Zulcema surgiu a partir do desejo/necessidade, especificamente, das classes médias urbanas que se formaram e se estabeleceram na área central, no contexto do desenvolvimento econômico e do projeto de modernização da cidade. A escola, em sua gênese, assume o papel ‘emblemático’ de atender e expressar o ‘modelo’ proposto pelas mesmas classes médias emergentes.

Pudemos verificar que o contexto da época acabou por produzir as condições básicas e necessárias para a criação e a implantação daquela escola primária particular e que, portanto, a proposição de criação da mesma por parte da professora Zulcema Póvoas Carneiro estava diretamente relacionada com o contexto da época. Ao mesmo tempo, compreendemos a forma como se deu o processo de desenvolvimento da escola a partir de sua criação e instalação, em relação ao contexto mais geral, a partir das manifestações de seus agentes diretos. Ou seja, a professora Zulcema chegou em Criciúma e trouxe consigo uma experiência cultural marcadamente urbana e, portanto, acostumada com a modernização o que possibilitou a percepção da existência de um espaço propício à exploração capitalista do ensino. A professora passou a integrar a elite econômica e intelectual da cidade e, ao mesmo tempo, procurou reverberizar o estilo e o modo de vida experienciado por ela quando ainda vivia em Florianópolis, cidade modernizada, se comparada as demais cidades do interior.

O modelo de educação escolarizada adotado e posto em prática pela escola, encontrava-se de acordo com as políticas de modernização colocadas em prática pelos governos federal, estadual e local. Nesse sentido, a concomitância dos ideários tradicional e escolanovista colocaram-se como uma das características marcantes na educação pública e privada do período estudado. Mesmo assim, a pesquisa revelou que o escolanovismo manifestava-se nos discursos e até mesmo em algumas práticas, embora conflitasse com a pedagogia tradicional, como observamos nos castigos e promoções aplicados. Desse modo, o Póvoas Carneiro

trazia o ideário escolanovista em seu plano discursivo, mas, no entanto, mostrava-se preocupado em desenvolver uma prática escolarizada voltada para o mundo do trabalho, que a aproximava da pedagogia tradicional.

Nesse sentido, a obtenção da disciplina por meio dos castigos e dos prêmios era uma forma de 'ensinar' ao aluno, não necessariamente como aprender e fazer corretamente, mas que ele não poderia errar, e essa era uma exigência colocada pelo mundo do trabalho, seja para aqueles que se converteriam em operários, seja para os que comandariam as massas de trabalhadores. Ou seja, a escola formava diferentemente os futuros patrões e os futuros operários, mas por meio de particularidades do mesmo mecanismo disciplinador. Porém, o foco da escola era atender as crianças oriundas das classes médias urbanas emergentes, em sua maioria, filhos dos dirigentes e altos funcionários das empresas que se instalaram na cidade naquele contexto.

Desse modo, a pesquisa reafirmou que a escola surge no contexto do crescimento econômico e o processo de urbanização e modernização da cidade a partir da década de 1940. Revelou que a mesma surge com a intencionalidade de atender aos interesses de um determinado grupo social, a emergente classe média urbana.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2. ed. rev. São Paulo: Moderna, 1996.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República**. São Paulo: Alfa-Omega, 1975-76.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BEZERRA, Holien Gonçalves. E. P. Thompson e a teoria na História. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)**. São Paulo, n. 12, out. 1995.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da Evolução do Ensino Público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da Educação**. 2 ed. rev. São Paulo: Cortez, 1992.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

HALBWACHS, Maurice; tradução Beatriz Sidou. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HARVEY, David; tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

IBGE. **Recenseamento Geral do Brasil 01/09/1940. Série Regional Parte XIX – SC: Censo Demográfico: População e Habitação; Censos Econômicos: Agrícola, Industrial, Comercial e dos Serviços**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1952.

IBGE. Conselho Nacional de Estatística – Serviço Nacional de Recenseamento. **Censo Demográfico (01/07/1950) Estado SC. Seleção dos Principais Dados**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1952.

- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MENDONÇA, Sônia. **A Industrialização Brasileira**. São Paulo: Moderna, 1996.
- MILANEZ, Pedro. **Fundamentos Históricos de Criciúma**. Florianópolis: Ed. do autor, 1991.
- MIRANDA, Antônio Luiz e SELAU, Maurício da Silva. **Bairro da Juventude: 50 anos de história – A filantropia na poeira do carvão**. Criciúma: Editora Unesc, 2003.
- MORAES, Maria Célia Marcondes de. **Reformas do Ensino, modernização administrativa: a experiência de Francisco Campos – anos vinte e trinta**. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 2000.
- NASCIMENTO, Dorval do. **As Curvas do Trem: a presença da estrada de ferro no sul de Santa Catarina (1880-1975)**. Criciúma: Unesc, 2004.
- NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da Urbe: processos identitários e transformações urbanas em Criciúma/ SC (1945-1980)**. Porto Alegre, 2006 (tese)
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil: (1930/1973)**. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SOUZA, Nelson Mello e. **Modernidade: desacertos de um consenso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- THOMPSON, Edward P. tradução Denise Bottmann. **A Formação da Classe Operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Edward P.; tradução Waltensir Dutra. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros – uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- THOMSON, David. **Pequena História do Mundo Contemporâneo**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- ZACHARIAS, Manif. **Criciúma - vultos do passado e personalidades contemporâneas**. Criciúma; edição do autor, 2000.
- _____. **Minha Criciúma de Ontem**. Criciúma: edição do autor, 1997.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & Abusos da História Oral**. tradução Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BELOLLI, Mário et al. **História do Carvão de Santa Catarina**. Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CABRAL, Oswaldo R. **Historia de Santa Catarina**. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Laudes, 1970.

CHIZZOTTI, Antônio. **História da instrução pública no Brasil**. São Paulo: Educ: Brasília, DF: INEP/MEC, 1989.

COSTA, Marli de Oliveira. **Tudo isso eles contavam...**: memórias dos moradores do bairro Santo Antônio – Criciúma/ SC (1880-2000). Criciúma: Secretaria Municipal de Educação, 2000.

DALLABRIDA, Norberto. **A Fabricação Escolar das Elites**: o Ginásio Catarinense na primeira república. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

FERNÁNDEZ ENGUITA, Mariano. **A face oculta da escola**: educação e trabalho no capitalismo. tradução Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História da Educação e História Cultural. In FONSECA, Thais Nivia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1991); tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

MANACORDA, Mario Alighiero; tradução Gaetano Lo Monaco. **História da Educação** – da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 2004.

MOGARRO, Maria João. Memórias de Professores: Discursos orais sobre a formação e a profissão. In: **História da Educação**/ ASPHE (Associação Sul-Rio-

Grandense de Pesquisadores em História da Educação) Pelotas, FaE/UFPel. n. 17, abri. 2005.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

PETITAT, André. **Produção da escola/ produção da sociedade**: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente; Tradução Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PIAZZA, Walter Fernando e HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: História da Gente**. 3 ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética e história oral. In: **projeto história**, nº 15. São Paulo: Puc, abril/1997.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 43 ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

RABELO, Giani. **A Escola na Colina**: Grupo Escolar Núcleo Hercílio Luz (1905-2002). Criciúma: UNESCO, 2003.

_____. **Escola Casemiro Stachurski**: das aulas particulares/ comunitárias ao ensino público municipal. Criciúma: UNESCO, 2005.

RÉMOND, René. **O Século XX – de 1914 aos nossos dias**. tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de civilização**: implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.

TEIXEIRA, José Paulo. **Os Donos da Cidade**. Florianópolis: Insular, 1996.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. **História da Educação**: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994.

ANEXOS

ANEXO 01

Roteiro para realização de entrevistas em História Oral**Pré-entrevista**

Realizar contato prévio com o entrevistado (a) e agendar o melhor horário para o (a) narrador (a).

Entrevista

*Testar o equipamento e gravar o cabeçalho [**Entrevista realizada com o Senhor ou Senhora (...), no dia (...), no endereço (...), com o objetivo de encontrar informações sobre a história da educação relacionada com a escola primária “Curso Particular Póvoas Carneiro. Entrevista realizada por (...), Mestrando do Programa de Pós-Graduação (...)**].

*Antes de falar do narrador (a), registrar os principais dados do entrevistado (a) em um bloco de anotações/ essas informações deverão estar, posteriormente, no início das transcrições [**nome completo/ data e local de nascimento/ nome da esposa (o) com data e local de nascimento/ nome dos filhos/ endereço e telefone para contato**].

*Reiterar o objetivo da entrevista [**colher informações sobre a história da educação a partir da experiência do entrevistado (a) como aluno (a), professor (a), pai ou mãe de aluno (a), por isso você solicita que o entrevistado (a) conte um pouco de sua vida, falando quem eram seus pais, como chegaram a Criciúma, onde estudou, porque resolveu ser professor (a) ou aluno (a) de determinada escola e como foi como professor (a) ou como aluno (a)**].

*Procurar não interromper a fala do narrador (a). Caso for necessário, esperar o momento em que haja uma pausa. Se desejar saber um pouco mais acerca de um determinado assunto, deve-se pedir para que fale um pouco mais, evitando perguntas fechadas ou direcionadas.

*Ter em mãos algumas anotações que deseja saber, caso ele ou ela não fale. No final, poderá pedir que fale sobre os respectivos assuntos. (**avaliação, recreio, disciplina castigos, material pedagógico, festas na escola, merenda, frequência, relações e conflitos políticos, desenvolvimento econômico, urbanização, modernização, classe social, etc.**).

*Caso não dê para terminar em um encontro, marcar outro.

*Levar um caderninho de campo onde se possa anotar algumas coisas. Às vezes algumas palavras ficam difíceis de serem entendidas na gravação. Isso pode ser previsto e anotado. O caderno de campo também é utilizado depois que o gravador/ filmadora é desligado e a pessoa começa a recordar de outras coisas.

Transcrição

*Transcrever na íntegra toda a fala, inclusive suas interferências, colocando no início a identificação do entrevistado (a).

Transcrição ou Textualização. (Limpeza da entrevista)

*Retirar os excessos de vícios de linguagens.

*Não alterar as informações.

*Pode haver interferência desde que a fala seja colocando entre colchetes.

*Algumas palavras faladas com pronúncia diferente da nossa, devem ser colocadas entre aspas, deixando permanecer a sonoridade da voz do entrevistado (a).

*A entrevista pode ser dividida em temas, sinalizando-os.

Devolução

*Retornar com a fita transcrita, corrigida, limpa e presente para o narrador (a) deixando-o (a) à vontade para que retire algumas informações ou acrescente outras. Nessa ocasião, pedir que assine a autorização da entrevista para ser usada em trabalhos acadêmicos.

Modelo de autorização

Autorização

Eu,.....identidade.....autori
zo a entrevista concedida a para ser
utilizada em pesquisas e trabalhos acadêmicos.

Assinatura

Local e data

ANEXO 02

Segue abaixo, relação das fontes orais, juntamente com os respectivos locais e datas das entrevistas concedidas para a pesquisa.

Antônio Adalberto Canarin – Criciúma/SC 25.05.2006

Antônio Sérgio Borges – Florianópolis/SC 28.04.2006

Archimedes Naspolini Filho – Criciúma/SC 23.05.2007

Célia da Silva Viana – Florianópolis/SC 26.04.2006

Dóris Zacharias – Curitiba/PR 19.05.2007

Estelita da Silva Mandelli – Criciúma/SC 26.05.2006

Jandira Freccia Amante – Criciúma/SC 18.05.2006

Jorge Henrique Fridberg – Criciúma/SC 26.05.2006

Jorge Miraglia – Criciúma/SC 26.05.2006

Kátia Carneiro Crippa – Criciúma/SC 16.05.2006

Luisa Pinter – Criciúma/SC 26.05.2006

Manif Zacharias – Curitiba/PR 19.05.2007

Maria Lydia Carneiro – Florianópolis/SC 27.04.2006

Maria Luiza Wasneiwski – Criciúma/SC 18.05.2006

Nereu Guidi – Criciúma/SC 25.05.2006

Newton Luiz Barata – Criciúma/SC 26.05.2006

Nyette Nair Dias – Criciúma/SC 18.05.2006

Tânia Rollin Paulo – Florianópolis/SC 28.04.2006

Walmir Amante – Criciúma/SC 18.05.2006

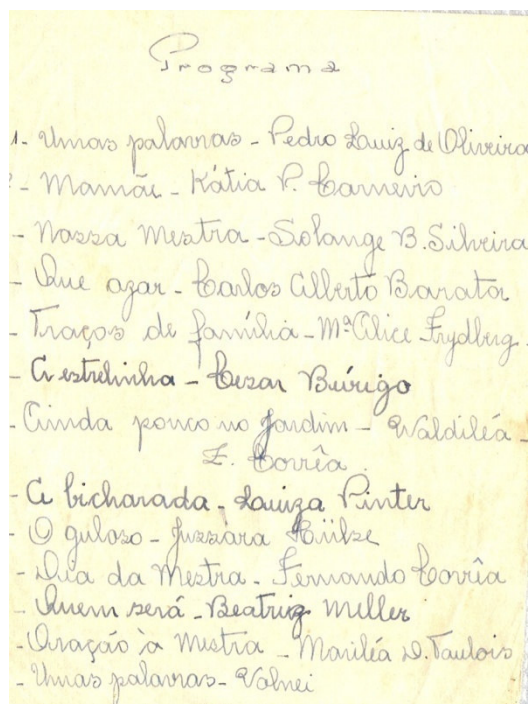
Zulcema Póvoas Carneiro – Florianópolis/SC 19.01.2006

Zulcema Póvoas Carneiro – Florianópolis/SC 26.04.2006

Zurene Póvoas Carneiro – Criciúma/SC 16.05.2006

ANEXO 03

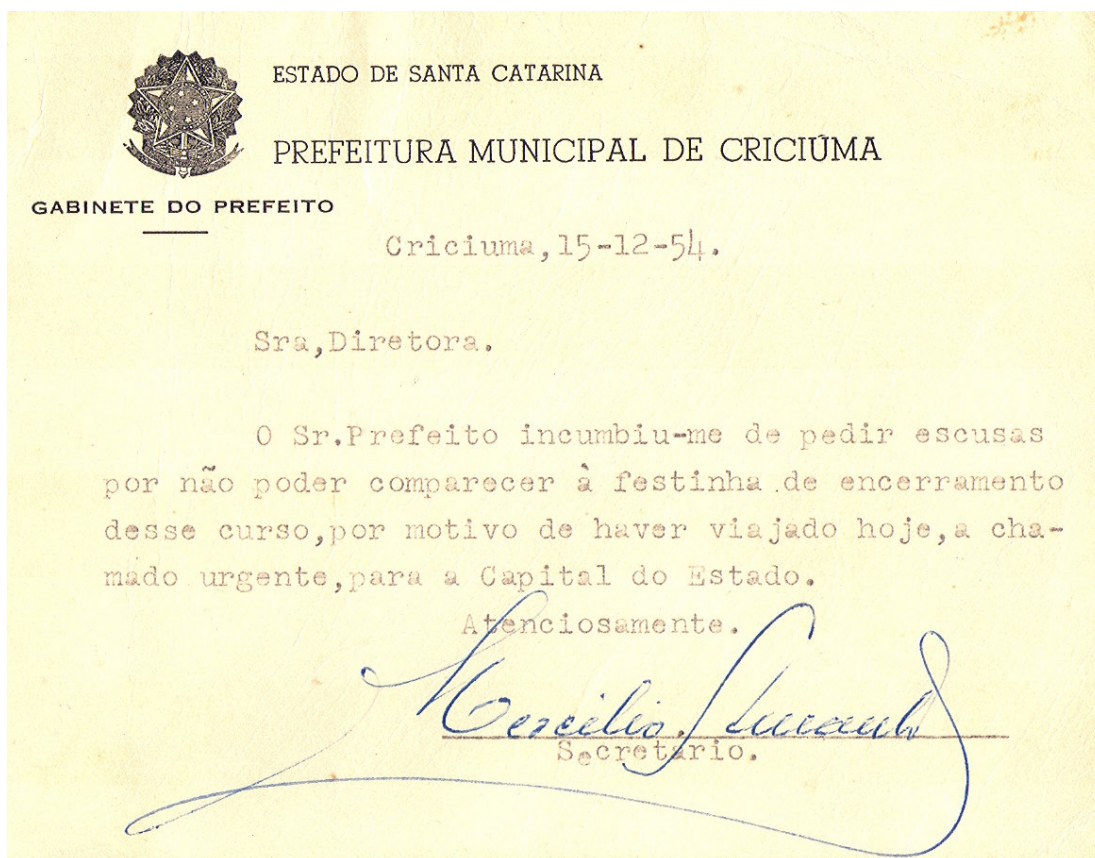
Programa da festa de comemoração do aniversário da professora Zulcema em 1955.
Acervo particular de Zulcema Póvoas Carneiro.



ANEXO 04

Documento assinado pelo secretário municipal Hercílio Amante em nome do prefeito de Criciúma em 1954, justificando sua ausência na festa de encerramento daquele ano letivo.

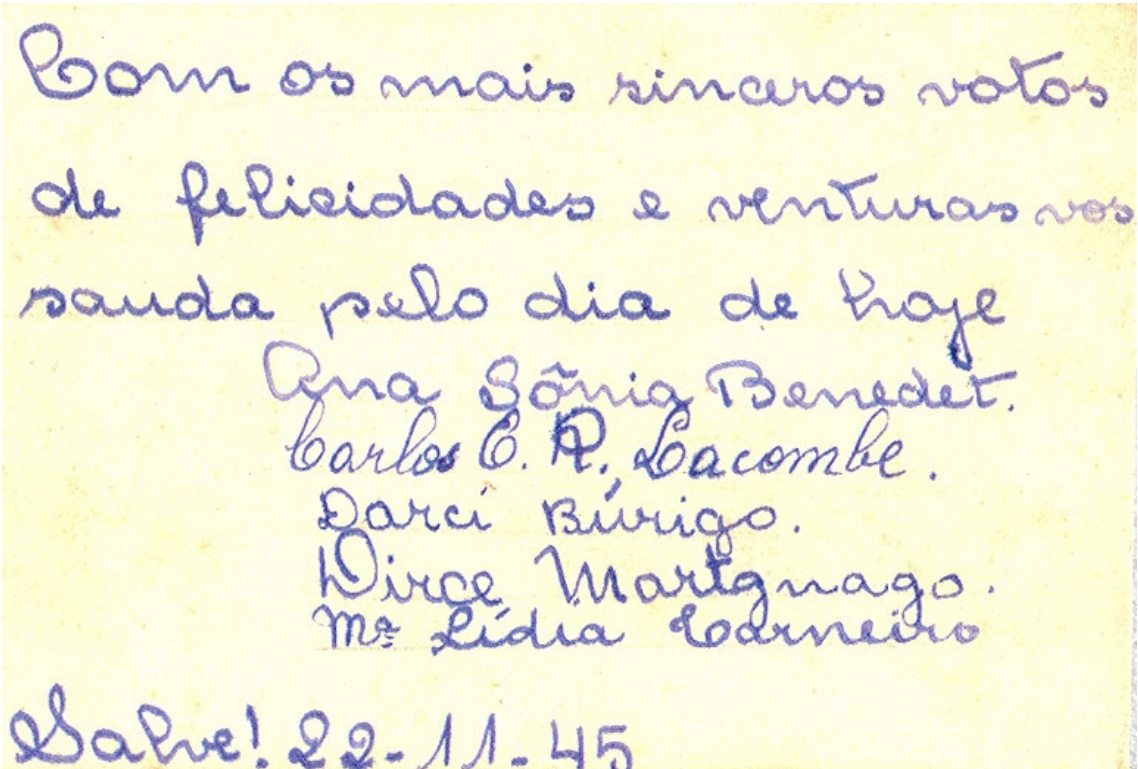
Acervo particular de Zulcema Póvoas Carneiro



ANEXO 05

Cartão escrito por alguns alunos, parabenizando a professora Zulcema pela passagem de seu aniversário no ano de 1945. Nota-se que uma das alunas é Maria Lídia Carneiro, que, mais tarde, torna-se professora na mesma escola, ou seja, no "Póvoas Carneiro".

Acervo Particular de Zulcema Póvoas Carneiro.



Com os mais sinceros votos
de felicidades e venturas vos
sauda pelo dia de hoje
Ana Sônia Benedet.
Carlos C. P. Lacombe.
Darcy Bivigo.
Dirce Martignago.
M^{te} Lídia Carneiro
Salve! 22-11-45

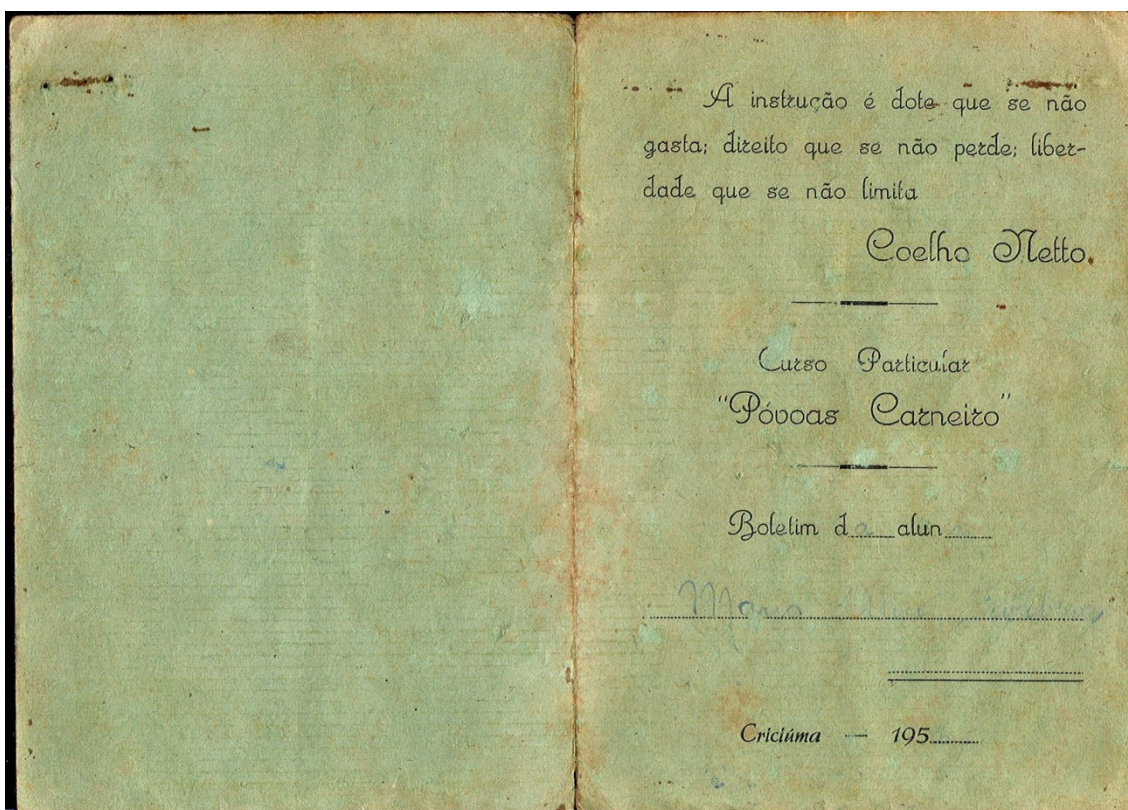
Cartão escrito pelos alunos(as) da quarta série primária, parabenizando a professora Zulcema pela passagem de seu aniversário no ano de 1950.
Acervo Particular de Zulcema Póvoas Carneiro.

Inesquecível e querida
Professora.
Por esta magna data, não po-
mos deixar-la, passar desper-
da e ignorada.
Suas alunas põem a tomam
em memorável e inesquecível.
Como recordação e despedida,
brincando-lhe os melhores votos de
saúde e felicidades
abraçam-lhe as alunas da
4ª Série.
Sabr, 22.11.1950.

ANEXO 06

Boletim escolar de 1956, pertencente à aluna do 4º ano primário Maria Alice Frydberg.

Acervo Particular de Zulcema Póvoas Carneiro



OBSERVAÇÕES

Idade 19-1-1947
(dia, mês e ano)

Naturalidade *Póvoas Carneiro*

Filiação *Jorge Freyberg*

Profissão do pai *empregado*

É novo ou repete na classe *nova*

Distância da residência ao estabelecimento.....


Eliminação.....
(data e causa)

Aprovada

A vista das notas obtidas nas provas e exames e registradas às fls..... do livro competente fica o aluno com direito a matricular-se na
5.ª série do Curso Primário.

DIRETORA

Em 15 / 12 / 56



ESTADO DE SANTA CATARINA

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Curso Particular
"Póvoas Carneiro"

Município de *Brasília*

Boletim d.a. aluna.....
Maria Alice Freyberg

1956

Exames Finais:

Aritmética : 100

Linguagem : 70

Geografia, História e Conhecimentos gerais : 100

Leitura comentada : 90

MÉDIA DE APROVAÇÃO : 90

Curso Particular "Póvoas Carneiro"

BOLETIM

d.a. aluna *Maria Alice Freyberg*, matriculada no ano 1956

Meses	Lingua- gem	Arit- mética	História	Geo- grafia	Conhe- cimen- tos gerais	Religião	Compor- tamento	Aplica- ção	Compa- recimen- tos	FALTAS		Marcas tarde	Reti- radas	Assinatura do pai ou tutor	
										Just.	Injust.				
Fever.															
Março	90	100	100	100	100	80	100	95	23	-	-	-	-	1.º	<i>Jorge Freyberg</i>
Abril	90	90	100	100	100	100	100	90	24	-	-	-	-	2.º	<i>Jorge Freyberg</i>
Maio	85	90	90	100	100	90	90	90	24	-	-	-	-	3.º	<i>Jorge Freyberg</i>
Junho	70	75	70	70	55	100	100	75	25	-	-	-	-	4.º	<i>Jorge Freyberg</i>
Julho	85	70	100	100	100	<i>Provas mensais</i>							1.º lugar	<i>Jorge Freyberg</i>	
Agosto	80	90	100	70	30	100	100	80	26	-	-	-	-	2.º lugar	<i>Jorge Freyberg</i>
Setemb.	70	60	100	70	65	80	100	80	22	-	-	-	-	3.º lugar	<i>Jorge Freyberg</i>
Outubro	60	50	100	70	70	100	90	80	26	-	-	-	-	4.º lugar	<i>Jorge Freyberg</i>
Novemb.	60	80	100	100	90	100	100	90	23	-	-	-	-	5.º lugar	<i>Jorge Freyberg</i>
Dezem.						<i>2.º lugar entre 39 alunos</i>									

A Diretora *Brasília* Professora *Francisca Burigo*

Ao assinar o boletim de seu filho, observe se as notas lhe asseguram promoção no fim do ano.

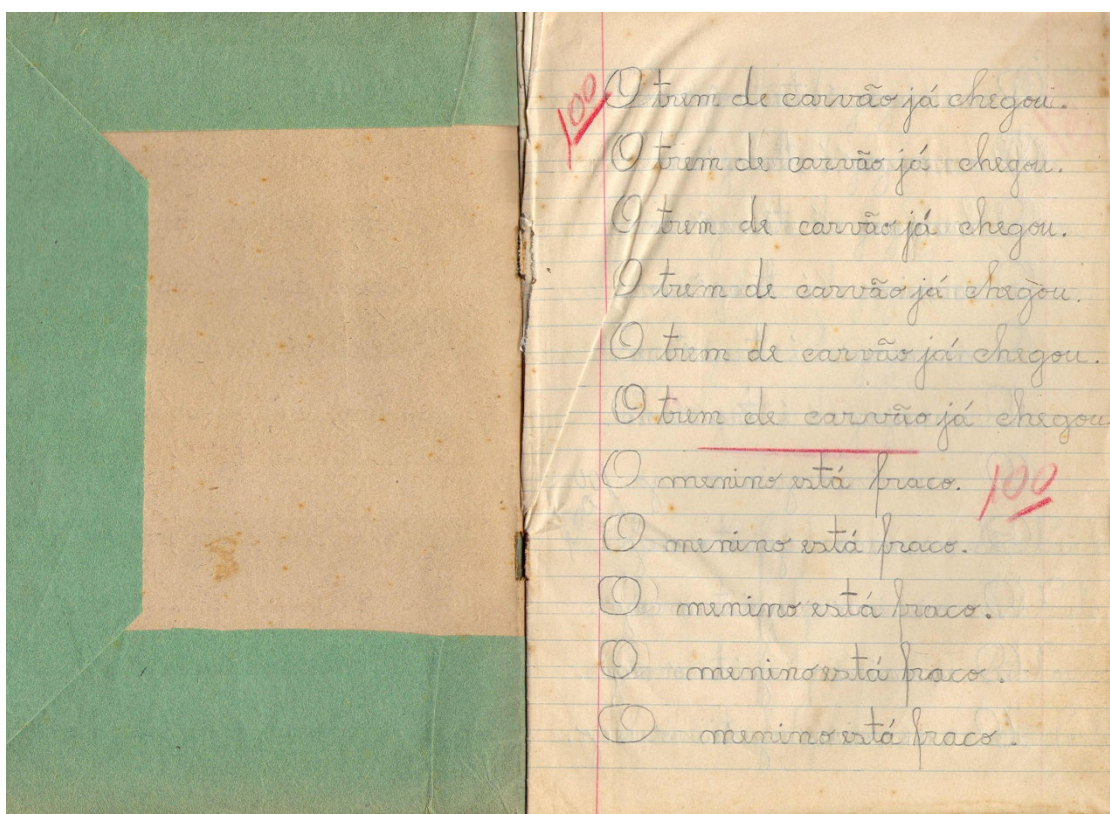
A casa dos professores de Santa Catarina será o bom abrigo que colherá carinhosamente os nossos primeiros mestres.

ANEXO 07

Caderno de caligrafia pertencente à aluna da 1ª série primária Miriam Zacharias (1956).

Chama a atenção a frase que abre o caderno de caligrafia: "O trem de carvão já chegou".

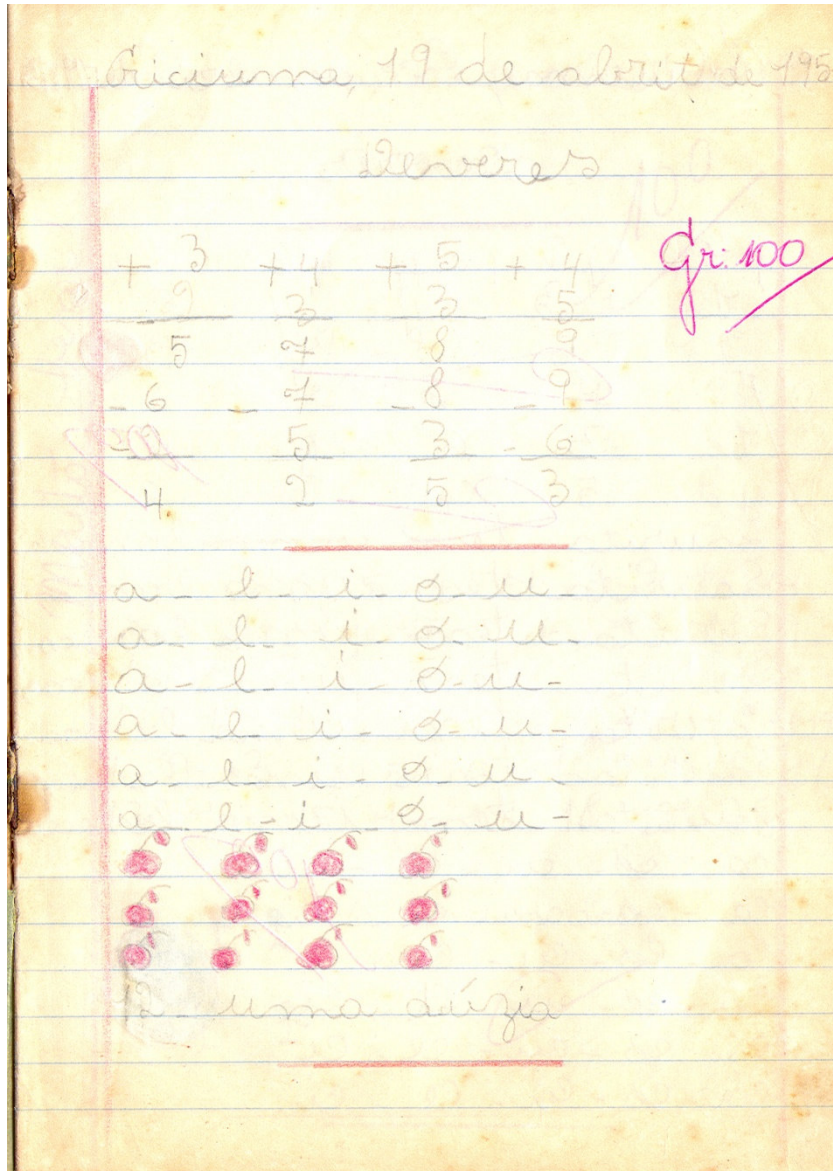
Acervo Particular de Miriam Zacharias.



ANEXO 08

Caderno de deveres pertencente à aluna da 1ª série primária Miriam Zacharias (1956).

Na seqüência, exercício de linguagem e aritmética
Acervo Particular de Miriam Zacharias.



Criciúma, 20 de abril de 1956

Deseres

+4	+2	+4	+6
1	2	4	4
2	3	6	4
5	6	7	
7	3	6	4
4	5	2	

Saurita tem uma boneca.

Saurita tem uma boneca.

Saurita tem uma boneca.

Saurita tem uma boneca.

Saurita tem uma boneca.

Saurita tem uma boneca.

ca - co - cu - ci

ca - co - cu - ci

ca - co - cu - ci

ca - co - cu - ci

ca - co - cu - ci

ca - co - cu - ci

Criciúma, 23 de abril de 1956

Deseres

+4	+7	+6	+2	+9
3	2	4	3	2
7	9	10	5	14
6	8	6	10	9
4	5	7	3	11
2	3	4	7	5

Muito bem!

1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11

12-13-14-15-16-17-18-19-20

1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11

12-13-14-15-16-17-18-19-20

6 meses d'água

Criciúma, 24 de abril de 1956

Deseres

5	+6	+5	+4	+3	+2
5	3	3	3	3	3
10	9	8	7	6	5
9	8	7	6	5	4
4	5	3	2	3	4
5	3	4	4	2	2

Muito bem!

6 meses d'água

1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11

12-13-14-15-16-17-18-19-20

1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11-12

13-14-15-16-17-18-19-20

1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11-12

13-14-15-16-17-18-19-20

boneca - pita - bola - neve

boneca - pita - bola - neve

boneca - pita - bola - neve

boneca - pita - bola - neve

boneca - pita - bola - neve

boneca - pita - bola - neve

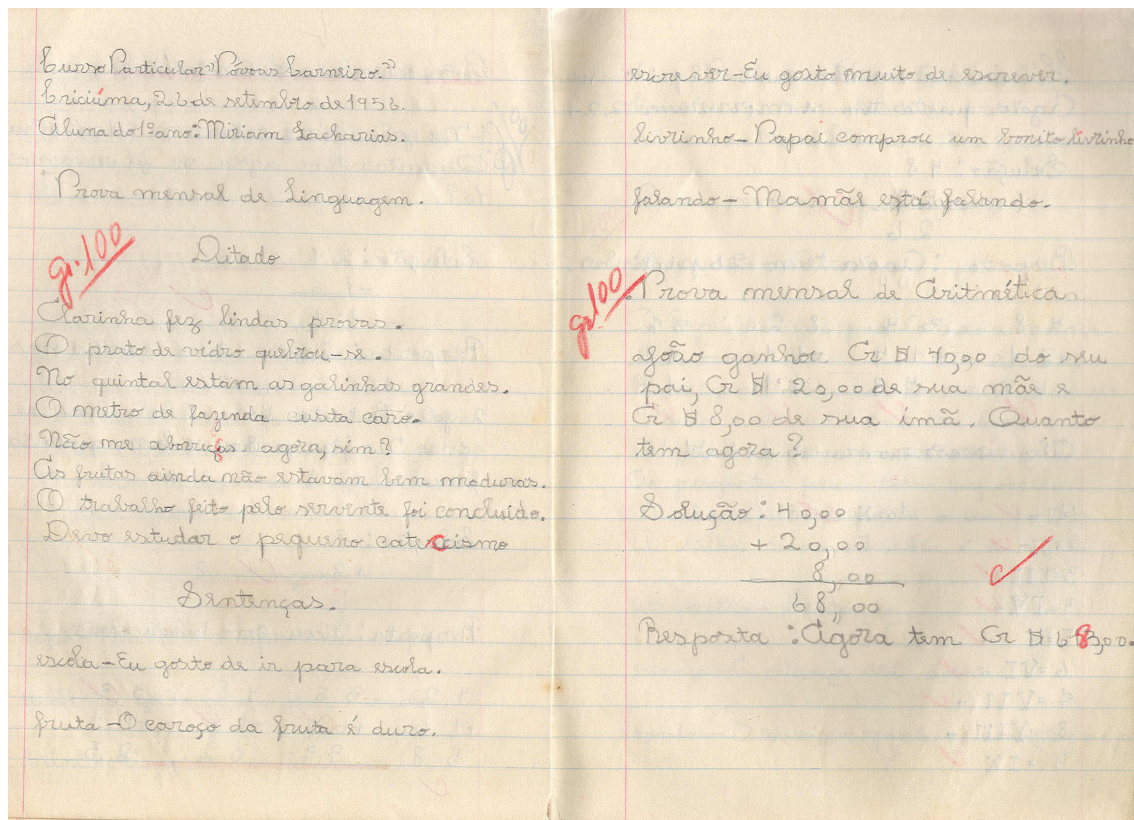
ANEXO 09

Caderno de provas pertencente à aluna da 1ª série primária Miriam Zacharias (1956).

À direita: Prova mensal de Linguagem – Ditado (setembro de 1956)

À esquerda: Prova mensal de Aritmética (setembro de 1956)

Acervo Particular de Miriam Zacharias.



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)